

Jornalismo de proximidade
O Jornal do Fundão no olhar da população
fundanense

Versão Final Após Defesa

Filipe Daniel Tchitchi

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Jornalismo
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Joaquim Paulo Serra

janeiro de 2022

Dedicatória

Pensei em não escrever uma dedicatória, mas estaria a ser injusto se não o fizesse. Quando terminei o 9º ano, ou como se diz em Angola, a 9ª classe, quis seguir o curso de Matemática e Física, mas o meu primo sugeriu que eu fosse para outro curso. Sem o meu consentimento, inscreveu-me noutra área. Fiz o exame de aptidão para outro curso, felizmente consegui entrar e com uma boa média. Fiquei aborrecido e pensei em trocar na segunda fase. Contudo, não houve uma segunda fase, por isso tinha que estudar o ano todo e no ano seguinte mudar; mas aquele ano foi um dos melhores da minha vida como estudante, por isso continuei nesse curso até o fim.

No fim do curso, fui eleito um dos melhores estudantes e ganhei uma bolsa para estudar na Universidade da Beira Interior, em Portugal, tudo porque o meu primo fez aquela inscrição no ano de 2012. E foi exatamente neste ano que tive uma das maiores perdas da minha vida, o meu tio, irmão gémeo do meu pai, que durante a sua vida foi um segundo pai pra mim. Essas duas pessoas foram importantes para mim e gostaria muito que vissem o meu sucesso, infelizmente um morreu enquanto eu começava e outro morreu enquanto eu terminava a minha Licenciatura.

É por isso que, com lágrimas nos olhos, dedico este trabalho ao meu tio Elias Isabel Tcitchi e ao meu Primo Angelino Tchitchi, porque, embora mortos, são pessoas que sempre acreditaram que eu poderia atingir os meus objetivos. Levá-los-ei para sempre no coração.

Agradecimentos

Depois de tanto esforço e trabalho, gostaria de agradecer a Jeová Deus pelo fôlego de vida, aos meus pais Eliseu Isabel Tchitchi e Emília Daniel Tchitchi, aos meus irmãos José Tchitchi, André Tchitchi, Sebastião Tchitchi, Messias Tchitchi, Samuel Tchitchi, Evaldina Tchitchi e Esperança Tchitchi, ao meu primo Miguel Ngungula Júnior pelo apoio incondicional desde o princípio da minha formação.

Muito obrigado à Cláudia Cardoso, Fernando Miranda, Otávia e Bernardo pelo apoio nos momentos difíceis e por me fazerem sentir um membro da sua família.

Um agradecimento especial vai para a Rita Amarelo (minha namorada), por ser o meu porto seguro e, muitas vezes, a solução dos meus problemas, e para os seus pais António Pires e Sandra Amarelo, por serem como pais para mim, para a sua avó Maria da Conceição Amarelo e toda a sua família pelo apoio.

Gostaria, também, de agradecer ao meu melhor amigo José Ndundo e a todos os meus amigos de infância e todos os colegas e ex-colegas que me acompanharam nesta trajetória, aos meus professores em Angola; Airosa Nginga e Garcia Lukombo.

Muito obrigado à UBI e a todos professores que eu tive, em especial os professores Paulo Osório, Ignacio Vazquez, Sónia Sá, Nuno Francisco, e ao meu Orientador, Paulo Serra.

A todos o meu muito obrigado.

Resumo

O jornalismo é uma forma de comunicação pública nos estados onde vigora a democracia, e jornalismo de proximidade designa a forte relação que existe entre a comunidade e o jornalismo. Como elementos de uma sociedade, todos os dias esperamos ter acesso a novas informações, mas, mais importante do que serem novas, é o impacto que as mesmas vão ter nas nossas vidas. Quanto mais próximas forem, melhor, já que a preocupação que temos de saber o que acontece com o vizinho não é a mesma que temos para saber o que acontece noutros países. O *Jornal do Fundão*, que é um jornal regional, desde a sua fundação, tem trabalhado em prol dos cidadãos, constituindo-se como um jornal independente que visa defender causas justas, ajudando assim no desenvolvimento e na resolução dos diversos problemas desses mesmos cidadãos na região da Beira Interior. A presente dissertação busca, precisamente, estudar a forma como os habitantes da cidade do Fundão, os seus jornalistas e os seus leitores olham para o jornal. Com esse objetivo, procedemos a uma análise de uma amostra das “Cartas dos Leitores” do jornal e fizemos entrevistas a responsáveis políticos e habitantes da cidade do Fundão e a jornalistas do *Jornal do Fundão*. A principal conclusão a que chegámos é a de que a população do Fundão olha para o seu jornal como defensor do interesse público e a fonte mais credível de notícias sobre o que acontece na região.

Palavras-chave

Jornalismo; jornalismo de proximidade; comunidade; sociedade; imprensa beirã; *Jornal do Fundão*

Abstract

Journalism is a form of public communication in states where democracy prevails, and proximity journalism designates the strong relationship that exists between the community and journalism. As elements of a society, every day we expect to have access to new information, but more important than being new, is the impact it will have on our lives. The closer they are, the better, since the concern when it comes to knowing what happens to our neighbors, is not the same we have as to know what happens in other countries. The *Jornal do Fundão* newspaper, which is a regional one, since its foundation, has been working having the people in view, establishing itself as an independent newspaper that aims to defend just causes, thus helping in the development and in solving citizens' problems in the Beira Interior region. This dissertation seeks, precisely, to study the way in which the inhabitants of the city of Fundão, its journalists and its readers look at the newspaper. With this objective in mind, we analyzed a sample of the newspaper's "Letters from Readers" and conducted interviews with political leaders and inhabitants of the city of Fundão, and journalists from *Jornal do Fundão*. The main conclusion we reached is that the population of Fundão sees their newspaper as a defender of the public interest and the most credible source of news about what happens in the region.

Keywords

Journalism; proximity journalism; community; society; beirã press; *Jornal do Fundão*

Índice

Introdução	18
Capítulo 1. Jornalismo e Comunidade	21
1.1 O que é o jornalismo	21
1.2 Comunidade	22
1.2.1 Vida em comunidade e sociedade.....	25
1.3 Jornalismo como forma de conhecimento	28
1.4 Jornalismo e comunidade	29
1.3.1 O papel do jornalismo na comunidade.....	30
Capítulo 2. Jornalismo regional como jornalismo de proximidade.....	34
2.1 O conceito de jornalismo regional.....	34
2.2 A dificuldade de distinguir entre o “local” e o “regional”	35
2.3 Jornalismo regional e proximidade	36
2.4 Constrangimentos da imprensa regional.....	39
Capítulo 3. Imprensa beirã e <i>Jornal do Fundão</i>	40
3.1 Caracterização geral da imprensa beirã	40
3.2 Jornais progressistas e regeneradores	42
3.3 Imprensa republicana	45
3.4 Imprensa operária	45
3.5 Imprensa independente	46
3.6 <i>Jornal do Fundão</i>	47
Capítulo 4. Metodologia	52
4.1 Tema e problema	52
4.2 Objetivos e hipóteses	52
4.3 Metodologia e desenho da investigação.....	53
Capítulo 5. Análise de resultados	55
5.1 Cartas dos leitores	55
5.2 Entrevistas	69
Capítulo 6. Discussão e conclusões	72
Referências	75
Anexos	77

Lista de Figuras

Figura 1. O primeiro jornal português.....	p.40
Figura 2. Mapa de Angola	p.47
Figura 3. Primeiro número do <i>Jornal do Fundão</i>	p.50
Figura 4. Carta da semana.....	p.58
Figura 5. Carta de leitor.....	p.60
Figura 6. Carta da semana.....	p.61
Figura 7. Carta da semana.....	p.63
Figura 8. Gráfico com a distribuição das Cartas dos Leitores por temas.....	p.66
Figura 9. Cartas dos Leitores - JF nº 3792.....	p.67

Lista de Quadros

Quadro 1. O Modelo de Comunidade-Sociedade.....	p.28
Quadro 2. Títulos de periódicos na Beira interior, no século XX.....	p.42
Quadro 3. Jornais progressistas e regeneradores da Beira interior.....	p.43
Quadro 4. Jornais republicanos.....	p.45
Quadro 5. Jornais operários criados na Covilhã.....	p.46

Lista de Acrónimos

JF	Jornal do Fundão
UBI	Universidade da Beira Interior

...

Introdução

Vivemos num mundo dinâmico, em constantes mudanças, com uma necessidade crescente de informação. As pessoas procuram, diariamente, ter conhecimento sobre as coisas ao seu redor ou no mundo em geral. Numa era em que as redes sociais já tomam conta do cenário, será que as pessoas ainda buscam informações no jornalismo tradicional? Qual é o impacto que o mesmo causa nas pessoas? Os jornalistas, no seu dia a dia, buscam informações para mostrar às pessoas o que acontece na sua região ou no mundo todo. A principal preocupação do jornalismo é a veracidade da sua informação, pois a mesma faz parte da formação de um conjunto de indivíduos que vivem em comum.

Muitos antes de existirem escolas, as informações já eram passadas de pessoas a pessoa, usando-se mensageiros para transmitir informações de umas regiões para outras. Embora já não estejamos nessa época, algo do gênero acontece hoje: os jornalistas são os novos mensageiros, eles buscam as informações e, depois de analisadas, transmitem-nas para várias pessoas.

O conjunto de pessoas para quem são transmitidas essas informações são as comunidades. Nesta dissertação vamos relacionar os conceitos de jornalismo e de comunidade o que, por sua vez, nos levará a pergunta: “o que é o jornalismo de comunidade?”.

A comunidade já foi definida de várias formas e foi, muitas vezes, confundida com a sociedade: Porém, conforme veremos, são conceitos diferentes, que têm em comum uma só questão: “pessoas que vivem num mesmo contexto” ou uma união de pessoas. Contudo, as motivações subjacentes à comunidade e à sociedade são totalmente diferentes, pois na primeira as relações entre os indivíduos são mais próximas do que na segunda. Este trabalho visa realçar a relação existente entre jornalismo e comunidade, como ambos se completam e podem confluir para uma informação e formação de qualidade.

Para entender melhor essa questão, fizemos um estudo sobre o jornalismo regional e local, sendo a região escolhida a Beira Interior. Começamos por conhecer a história da imprensa nesta zona, que é caracterizada por ter vários jornais regionais., Depois de procuramos perceber o surgimento da imprensa beirã, focamo-nos no *Jornal do Fundão* para entendermos mais de perto essa realidade.

Para perceber como o jornal se relacionava com a comunidade, tínhamos que saber desde quando existe o *JF*, quem foi o seu fundador e quais as suas razões para a fundação e, por último, mas não menos importante, a sua linha editorial. Depois de ter estado a estagiar no *Jornal do Fundão*, apercebi-me de que existe nele um espaço onde os leitores passam de meros leitores a emissores, um espaço onde eles podem dizer o que pensam sobre a cidade, descrever acontecimentos que por uma razão ou outra não chegam aos jornalistas, ou seja, até certo ponto, passam a ser uma extensão dos jornalistas, ou seja, do jornal. Esse espaço chama-se “Carta dos Leitores”. Nas cartas, os leitores ganham uma voz, pois, por meio delas, muitas questões não resolvidas pelas entidades políticas e outras são publicitadas nos jornais, e, por sua vez, aquelas entidades sentem-se obrigadas a resolver os problemas dos cidadãos, porque essa informação chega a diferentes pessoas em diferentes zonas do país e do mundo. Esse espaço, segundo algumas pessoas da região, faz com que os cidadãos se sintam parte do jornal e que o jornal seja uma parte da comunidade. Com este estudo pretende-se saber como é que a população fundanense olha o *Jornal do Fundão*; como vê as notícias publicadas pelo jornal; que vantagens vê no facto de ter um jornal regional na cidade. Complementarmente, procura-se também saber como é que os jornalistas do *Jornal do Fundão* encaram os comentários feitos pelo público da cidade do Fundão acerca do seu trabalho. Em termos de enquadramento teórico, procuraremos estudar as seguintes questões: a relação entre jornalismo e comunidade; o jornalismo regional e local como jornalismo de proximidade; a história da imprensa beirã, incluindo o *Jornal do Fundão*.

O tema pode ser resumido da seguinte forma, que corresponde ao título desta dissertação: Jornalismo de proximidade: O *Jornal do Fundão* no olhar da população fundanense.

No que concerne ao problema, é o seguinte: Como olham os cidadãos do Fundão para o *Jornal do Fundão* (JF)?

Deste problema mais geral decorrem as seguintes perguntas de investigação:

P1. Qual o grau de relevância que os cidadãos do Fundão atribuem às notícias dadas pelo JF sobre a cidade e a região? Por que razões?

P2. Que tipo de comentários produzem os cidadãos do Fundão, através do correio dos leitores, sobre as notícias publicadas no JF?

P3. Os jornalistas do JF são procurados pelos cidadãos do Fundão para investigarem problemas relevantes para a cidade do Fundão e a sua região? Que tipo de problemas?

Esta dissertação está dividida em duas partes, cada uma delas composta por 3 capítulos, perfazendo um total de 6 capítulos.

A primeira parte, de enquadramento teórico, tem como primeiro capítulo “Jornalismo e comunidade”. Neste capítulo procura-se responder à pergunta “O que é o jornalismo?”, sendo o mesmo descrito como uma forma de informação e de formação, residindo nesta última o real valor do jornalismo; define-se, também, o que é a comunidade na sua essência, e marca-se uma

diferença entre comunidade e sociedade; discute-se, em último lugar, a relação que existe entre comunidade e jornalismo, de como um necessita do outro para a sua existência.

No capítulo 2, intitulado “Jornalismo regional como jornalismo de proximidade”, define-se o jornalismo regional e, por sua vez, demonstra-se como as pessoas tendem a preocupar-se mais com o que acontece à sua volta; mostra-se também como as pessoas são mais ligadas aos jornais que incidem sobre o local em que vivem; esclarece-se, ainda, a diferença entre a imprensa regional e local, visto que muitos confundem o regional do local.

Para realçar melhor a ideia de jornalismo regional, no último capítulo da primeira parte, “A imprensa beirã e o jornal do Fundão”, faz-se um resumo sobre o surgimento da imprensa na região da Beira Interior. No mesmo capítulo descreve-se sucintamente a história do *Jornal do Fundão*, desde a sua fundação até os dias atuais.

Na segunda parte da dissertação, que apresenta o estudo empírico, o primeiro capítulo, com o título “Metodologia”, descreve a metodologia usada neste trabalho, ou seja, os métodos e técnicas usados para a recolha de dados. Essa metodologia envolveu, essencialmente, a análise do conteúdo das cartas de leitores e entrevistas a responsáveis políticos e cidadãos do Fundão e a jornalistas.

No segundo capítulo desta segunda parte, “Análise de resultados”, como o próprio título indica, apresentamos os principais resultados da análise de conteúdo e das entrevistas que acabámos de referir.

Tendo como base esses resultados, o último capítulo da dissertação, “Discussão e conclusões”, procura avaliar até que ponto conseguimos dar resposta ao nosso problema e às nossas perguntas de investigação e, assim, como podemos caracterizar a forma como os fundanenses olham para o *Jornal do Fundão*.

Mas adiante, neste trabalho, veremos como o *JF* tem demonstrado o seu papel como um jornal de proximidade, a sua boa relação com a comunidade e como tem trabalhado para o melhoramento da comunidade do Fundão. Destacamos também o impacto que este meio de comunicação tem tido na região, bem como o seu valor socioeconómico e político do jornal.

Capítulo 1. Jornalismo e Comunidade

1.1 O que é o jornalismo

Alguns autores reconhecem que é impossível dar uma definição exata do que é o jornalismo num livro e muito menos numa frase. Zelizer, (2005, p. 66) reconhece essa dificuldade, ao afirmar que sendo o jornalismo ensinado como “uma profissão, uma indústria, um fenómeno e uma cultura, surgem diversas definições que provocam diversas preocupações e objectivos”. Reconhece também que os “Jornalistas, professores de jornalismo e estudantes de jornalismo tomam diferentes caminhos quando pensam produtivamente sobre este assunto e, conseqüentemente, o esforço para definir o jornalismo segue em várias direcções” (Zelizer, 2005, p. 66). Contudo, Traquina (2002, p. 9) reconhece que devemos ser corajosos e tentar dar uma definição: “Poeticamente poder-se-ia dizer que o jornalismo é vida, tal que como é contada nas notícias de nascimentos e de óbitos, como sejam o nascimento do primeiro filho de uma cantora famosa ou a morte de um sociólogo conhecido mundialmente” (Traquina, 2002, p. 9).

Nos dias de hoje, as informações chegam-nos a tempo e horas. Tal deve-se, essencialmente, ao surgimento e evolução do que hoje chamamos jornalismo, pois é por meio deste que nos mantemos informados de tudo o que acontece à nossa volta e pelo mundo todo. A “explosão” do jornalismo dá-se ainda durante o século XIX, no qual, como sublinha Gabriel Tarde (2005, p. XV), se verifica o desenvolvimento dos “processos de locomoção aperfeiçoada” e de “transmissão instantânea do pensamento à distância” – designações que Tarde aplica, concretamente, ao caminho-de-ferro, à imprensa e ao telégrafo (Tarde, 2005, p. XV).

O jornalismo é uma forma de comunicação pública nos estados onde vigora a democracia, tendo como principal função “manter um sistema de vigilância e de controlo dos poderes’, pelo que informar quer dizer publicitar os atos dos agentes de poder (o Governo, o Parlamento, os partidos políticos, os agentes económicos, etc.)” (Sousa, 2005, p. 11).

Todos os dias esperamos ter acesso a novas informações, mas, mais importante do que serem novas, é o impacto que as mesmas vão ter nas nossas vidas. Por isso, o jornalismo tem o dever de seleccionar os factos mais importantes e com maior relevância para o público, ou seja, algo que o público necessite ouvir e que o faça crescer. Exemplos desses factos tratados pelo jornalismo são, entre outros, os seguintes:

(...) os acidentes, casos de polícia, o desporto, a moda, o património natural e histórico, as notícias do estrangeiro, o comportamento da bolsa, a informação de serviços, os testes comparativos para ajudar o consumidor a fazer as melhores escolhas são alguns dos muitos exemplos de temáticas abordadas pela imprensa jornalística. (Sousa, 2005, p. 11-12)

Em dezembro de 2019, na cidade chinesa de Wuhan, foram registados os primeiros casos de infeção do covid-19¹ e essa notícia agitou o mundo, pois muitos deixaram os seus afazeres para pesquisar na internet, ver na televisão, ouvir no rádio e ler no jornal para entenderem o que realmente estava a acontecer. Em pouco tempo passou a ser o assunto mais procurado na internet. Muitos canais de rádio e televisão tiveram que interromper a sua transmissão normal e dar lugar ao que as pessoas realmente queriam saber.

Em 2020, no dia 4 agosto, houve a explosão no porto de Beirute, num depósito de armazenamento de nitrato de amónio. Neste momento, o mundo, embora no meio de uma pandemia, parou outra vez e todos voltamos a atenção para o Líbano, para saber o que realmente aconteceu; muitos meios de comunicação recorreram às imagens amadoras para poderem mostrar em direto o que estava a acontecer na cidade libanesa.

Conforme Traquina, o jornalismo é, ou pode ser explicado como resposta à pergunta que as pessoas fazem todos os dias: “o que está a acontecer no mundo?” “O que está a acontecer em Timor?” (2002, p.10) O que está a acontecer em Angola? O que aconteceu com o ex-presidente do Sporting Clube de Portugal? Os dois acontecimentos supracitados (o surgimento do Covid-19 e a explosão em Beirute), fizeram com que as pessoas procurassem entender o que realmente aconteceu. O jornalismo respondeu exatamente a essa pergunta, ao mostrar, por meio de imagens, áudios e textos, o que realmente estava a acontecer: “O uso dos meios de comunicação transforma, de uma forma fundamental, a organização da vida social” (Correia, 2005, p. 184).

Por meio do jornalismo, muitos de nós aprendemos como lidar com a pandemia, porque todos os dias somos informados sobre o que acontece em Portugal e nos outros países no que diz respeito ao Covid-19. Por meio de notícias de telejornais, rádios, jornais semanários e diários e por páginas de internet, recebemos atualizações e regras que devemos seguir e, se não fosse o jornalismo, muitos de nós não saberíamos o que fazer.

1.2 Comunidade

De acordo com a *Infopédia*, a palavra comunidade, que tem origem no termo latino *communitas*, pode designar o “conjunto de pessoas que vivem num determinado território, sob um governo comum e partilhando uma herança cultural e histórica” ou, também, o “conjunto de indivíduos organizados de forma coletiva ou unidos por algum traço comum”²

¹ “Covid-19” é o nome, atribuído pela Organização Mundial da Saúde, à doença provocada pelo novo coronavírus SARS-COV-2, que pode causar infeção respiratória grave como a pneumonia. Este vírus foi identificado pela primeira vez em humanos, no final de 2019, na cidade chinesa de Wuhan, província de Hubei

² <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/comunidade>

O autor alemão Ferdinand Tönnies, que retomaremos adiante, define a comunidade (*Gemeinschaft*) como uma associação de natureza “orgânica e real, que envolve uma real participação dos membros de um determinado grupo nesse mesmo grupo” (Tönnies 1947, p. 33). Sendo um espaço onde as relações primárias são colocadas em comum, a comunidade é composta de relações de consanguinidade (indivíduos da mesma família), de partilha do mesmo território (vizinhos) e de afinidade espiritual (amizade). A sua principal característica é a vida social em conjunto, a intimidade, os laços entre as pessoas.

De acordo com Bauman (2003, p. 7), a palavra “comunidade” sugere uma coisa boa: o que quer que “comunidade” signifique, é bom “ter uma comunidade,” “estar numa comunidade”. O autor reforça que, diferentemente da sociedade, que é, segundo Tönnies (p.21), como que uma mera coexistência de pessoas independentes entre si, envolvendo uma vida passageira e aparente, a comunidade é um lugar onde podemos encontrar consolo, onde podemos contar com a boa vontade das outras pessoas. “Se alguém se afasta do caminho certo, frequentemente explicamos sua conduta reprovável dizendo que “anda em má *companhia*”, (Bauman, 2003, p. 7); se houver uma falha ou queda da nossa parte, os outros ajudar-nos-ão a levantar e a continuar a lutar. Ninguém se vai rir de nós e muito menos do que fazemos, jamais vão ridicularizar a nossa maneira de ser, nunca se vão rir dos nossos maus momentos. Quando cometermos um erro, eles aceitarão as nossas desculpas com todo o carinho e, por sua vez, ajudar-nos-ão a melhorar. Ainda de acordo com Bauman, “As companhias ou a sociedade podem ser más; mas não a comunidade. Comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa” (2003, p. 7).

A comunidade é aquele lugar em que qualquer um gostaria de estar; tendo em conta as palavras de Bauman que citamos, a comunidade é o lugar mais seguro do universo. O autor ainda descreve a comunidade como “um lugar cálido, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado”. (Bauman, 2003 p. 7): Independentemente dos problemas que encontremos no mundo lá fora, ou seja, na sociedade, na comunidade teremos sempre um espaço ou um lugar para resolver os nossos problemas e proteção. Na comunidade vive-se tranquilo e sem nenhuma preocupação, não precisamos de ter medo de ninguém e de nada, pois aí estamos seguros, é como se estivéssemos numa caixa-forte em que ninguém poderia entrar e em que os que ali estão merecem a nossa confiança. Note-se, no entanto, e este é um tema que retomaremos adiante, que essa ideia de estar numa caixa-forte pode garantir-nos segurança, mas tirar-nos a liberdade.

Não há nada melhor do que viver num lugar onde todos se entendem, confiam uns nos outros e no que ouvem, um espaço onde as discussões terminam sempre bem, ninguém deseja mal ao outro e todos desejam que cada um na comunidade tenha uma vida melhor. Vendo desta perspectiva, qualquer um gostaria de viver num lugar assim. Mas será que esse lugar existe? Antes de responder a essa questão, vamos ver como Tönnies caracteriza a comunidade.

Na obra clássica em que distingue entre *Gemeinschaft* (comunidade)” e *Gesellschaft* (sociedade), Ferdinand Tönnies (1947, p. 33 ss) afirma que as comunidades têm a sua origem na família, podendo ser classificadas em três graus diferentes: consanguinidade (parentesco), comunidade de vida física (vizinhança) e comunidade de espírito (amizade). O primeiro (relação de sangue) leva-nos, exatamente, à ideia de que a primeira comunidade de que fazemos parte é a nossa família, de que nós nunca nos desconectamos, ou seja, vamos fazer parte dela para sempre. O autor afirma “que é a forma primária de comunidade”, porque é onde começa a nossa história como membros de uma comunidade e o nosso primeiro contacto com o mundo, ou seja, é onde começamos a criar as nossas primeiras relações humanas e o nosso desenvolvimento como pessoa. Os membros desta comunidade, muitas vezes, vivem na mesma casa ou no mesmo território, porém podem viver em espaços diferentes, mas a sua origem mantém-nos conectados. Ela começa entre a mãe e os filhos, pois a primeira relação que o filho tem é com a mãe, logo no momento da concepção. Depois de nascer, ele passa a criar uma relação com o pai e, depois, com os demais membros da família.

Em segundo lugar, o autor cita a comunidade física (“a aldeia, a vila, a pequena cidade”). Essa comunidade tem base na partilha de uma mesma zona de habitação, ou como descreve Tönnies, a vizinhança. Depois de sairmos dos portões das nossas casas estão os nossos vizinhos, estes são o nosso segundo contacto. Os vizinhos são vistos como a nossa segunda família, é com eles que partilhamos algumas das nossas coisas pessoais. Pela sua história, a cultura, realidade e por todos trabalharem e viverem com as mesmas regras, estas pessoas acabam por ter muita coisa em comum, e isso leva-as a viver em comunidade. Diferentemente de Portugal, existem zonas de Angola onde os vizinhos disciplinam (com castigos e, se for necessário, algumas palmatórias) os filhos dos vizinhos. Na zona onde eu nasci, somos obrigados a ver os vizinhos como os nossos segundos pais e isso leva-nos a ter uma relação quase familiar, do género “mãe do meu amigo minha mãe é”. Em Portugal, nas grandes cidades isso não acontece, mas as aldeias, vilas e cidades no interior têm algo mais ou menos parecido, porque é notório que aí se conhecem todos e quando há problemas saem todos à rua para se apoiarem uns aos outros, exatamente como Bauman (2003, p. 7) descreve a comunidade, como sendo o nosso lugar de apoio e encorajamento.

Por último, temos a comunidade de espírito, representada por fenómenos como a religião ou a nação. Esta comunidade é descrita pelo autor como “verdadeiramente humana e suprema”, porque para pertencermos a ela não é necessário sermos membros da mesma família ou vivermos no mesmo lugar, mas sim cooperarmos e agirmos em conformidade com os outros e também termos um alvo em comum. A esta comunidade o autor chama comunidade de amizade, ela é formada por pessoas que não têm laços sanguíneos, mas sim pessoas de diferentes regiões que se unem na mesma forma de pensar. Diferentemente dos dois primeiros tipos de comunidade, em que não temos a liberdade de escolha, porque ninguém escolhe onde nascer e só em parte escolhe os vizinhos, neste terceiro tipo temos a liberdade de escolha porque é uma questão mental, é uma

comunidade em que se cria espaço invisível, mas que para os integrantes é um espaço real. Por exemplo, muitos milhões de pessoas, em vários países, fazem parte de uma religião, elas nunca se viram, mas todas vivem de acordo com os mesmos princípios e têm as mesmas crenças. Existem vários africanos em Portugal, porém nem todos se conhecem e, mesmo assim, todos juntos, são chamados “Comunidade Africana”, pois todos, de uma maneira ou outra, acreditam nas mesmas coisas e partilham a mesma realidade (embora façam parte dos outros dois grupos, já que muitos são irmãos e são do mesmo território). Hoje, várias pessoas criam grupos de amigos, fazem e gostam todos das mesmas coisas, é exatamente este tipo de comunidade que o autor chama de “comunidade de espírito”. Outro exemplo é a comunidade LGBT (lésbicas, gay, bissexuais, travestis e transsexuais), que é composta por pessoas do mundo todo, que defendem as mesmas ideias e que constantemente se reúnem com o intuito de que as pessoas aceitem o que eles são. Essa conexão mental que têm faz com que vivam em comunidade.

1.2.1 Vida em comunidade e sociedade

Para diferenciar a comunidade da sociedade, Tönnies (1947, p. 41) realça as principais leis de uma comunidade: “parentes que se amam e que se acostumam facilmente entre si” e que, por meio disto, passam a falar uns com os outros e a pensar uns nos outros com muito gosto, é esta a realidade que eles levam até aos vizinhos e amigos; por sua vez, os que se amam e se entendem passam a viver juntos.

Quando Bauman descreve a comunidade, ele fala dela como uma espécie de paraíso perdido: “comunidade é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido, mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem nos levar até lá” (Bauman, 2003, p. 9). Ou seja, o que Bauman define como comunidade, ou que na verdade se deve chamar comunidade, por agora não existe.

Para entendermos a comparação que o autor faz entre a comunidade e o paraíso, temos de voltar no início de criação segundo a Bíblia, em que o primeiro e o segundo capítulo do primeiro livro, *Gênesis*, descrevem a formação do jardim do Éden e do homem. Este espaço é descrito como sendo o lugar mais bonito para viver, nele não havia doenças nem fome, e havia segurança total.

Os descendentes de Adão e Eva morariam neste local e, com o passar do tempo, transformariam a terra inteira no paraíso. Porém, havia uma questão vital, eles não deveriam comer de um determinado fruto, que simbolizava o conhecimento do que é bom e do que é mau - o que, para Bauman (2003, p.10), era o preço a pagar pela segurança, “a liberdade”. O primeiro casal humano, de acordo com a Bíblia, não resistiu e comeu deste fruto proibido, por causa da curiosidade de saber o que aconteceria e da suposta ideia de que seriam como Deus. Por esta razão eles ganharam uma suposta liberdade e perderam a segurança e, por sua vez, como se refere no capítulo três do

Génesis, foram amaldiçoados. Eva teria fortes dores de parto e Adão e a sua descendência teriam de comer do suor do seu rosto e, no final, todos morreriam. No mesmo capítulo, dá-se esperança de que, no futuro, as pessoas voltariam a viver no paraíso, um lugar onde todos se respeitam, se amam, ninguém quer o mal de outro e não haverá mais doença.

Hoje, muitos religiosos esperam pelo paraíso prometido, visto como a solução de todos os problemas. É assim que a verdadeira comunidade deveria ser, ou seja, segundo Bauman, a comunidade é um lugar que tínhamos, mas que, infelizmente, perdemos. Assim como muitos crentes fazem vários sacrifícios para viver no paraíso perdido, muitos fazem os possíveis para trazer a essência da comunidade de volta.

Quando o autor fala do paraíso, ele refere também que este paraíso não é conhecido e muito menos habitado e, por este motivo, afirma que este lugar existe apenas na nossa imaginação, um espaço em que as duras realidades que hoje enfrentamos não existem.

Para viver no paraíso perdido, muitos religiosos abdicam de muitas coisas. Para viver em comunidade é necessário pagar um preço, “o preço é pago em forma de liberdade”. Porque quando escolhemos algo, de uma maneira ou de outra, perdemos algo. A comunidade proporciona segurança, mas, como sabemos, a mesma segurança tira-nos a liberdade. Por exemplo, se um pai, por se preocupar com a segurança da sua filha, colocar uma câmara de vigilância no quarto dela, ela ficará segura, porque existe alguém a monitorar tudo que acontece no seu quarto, mas, ao mesmo tempo, a ela ficará limitada, porque perderá a liberdade de fazer o que quer que seja sem que alguém possa saber. O mesmo se dará se alguém tiver um segurança perto dele nas 24 horas do dia. Na perspectiva de Bauman, é impossível ter os dois valores ajustados: “A segurança e a liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrados, mas nunca inteiramente ajustados e sem atrito” (2003, p. 10).

Segurança e liberdade é que nos tornam humanos, porém, é quase impensável viver com as duas na sua totalidade, conforme supracitado; mas, se realmente queremos viver em comunidade, temos que continuar a buscar esse lugar que, no final de tudo, será muito bom para as nossas vidas.

Bauman, ao fazer essa comparação entre comunidade e paraíso perdido quer, em suma, mostrar que a comunidade na sua essência deixou de existir e que, para a recuperarmos, temos que perder algumas coisas valiosas, ou que achamos que sejam valiosas. Assim como o paraíso era o único lugar onde os humanos estavam seguros, a comunidade é o único lugar onde podemos encontrar segurança, pois a segurança é vital para viver com uma determinada tranquilidade, seria muito bom andar sem pensar que a qualquer momento posso ser roubado por alguém, posso ser

assassinado por alguém, posso perder o meu emprego por inveja de alguém, ou até mesmo posso ficar sem nada e viver na rua.

Pensar nestes aspetos faz-nos crer que, assim como as pessoas sentem falta do paraíso perdido por causa da morte, doenças, guerras e muitas outras atribulações que vivemos, hoje sentimos falta da comunidade pela mesma razão, a “segurança”. Porque vivemos num mundo onde somos obrigados a lutar com todos e com tudo, num mundo onde o mais importante é vencer, não importa como, desde que se vença tal é o que realmente importa. Isso faz com que o mundo não seja um lugar seguro:

Sentimos falta da comunidade porque sentimos falta de segurança, qualidade fundamental para uma vida feliz, mas que o mundo que habitamos é cada vez menos capaz de oferecer e mais relutante em prometer. (Bauman, 2003, p. 129)

Diferentemente da comunidade, a sociedade é um lugar onde as pessoas tendem a ficar separadas; independentemente dos problemas que enfrentam, elas não se preocupam com o que os outros passam. Na comunidade, as pessoas estão sempre dispostas a ajudar, mas na sociedade, quem te ajuda é porque, de alguma maneira, espera algo em troca. Tudo se resume a negócio.

A sociedade, de acordo com Ferdinand Tönnies (1947, p. 79), é caracterizada por uma vida de interdependências como as que se verificam na vida urbana moderna ou metrópole, caracterizada por relações com uma determinada utilidade (económica), sem dar o real valor aos vínculos de afinidade e consanguinidade de uma determinada comunidade. Numa sociedade, as relações surgem e são orientadas com base a alcançar os fins a que se propõem os indivíduos ou grupos que pertencem à mesma. É impossível desvincular-se de uma comunidade, mas na sociedade não existe uma cláusula que impeça os membros de buscarem outros relacionamentos de acordo com os seus próprios interesses.

Tönnies, assim como Bauman, vê a comunidade como algo que predominava no passado e a sociedade como o que predomina hoje, apresentando características radicalmente distintas: “A comunidade é a vida em comum, duradoura e autêntica; sociedade é apenas uma vida comum passageira e aparente. Com ela coincide o que a comunidade deve ser entendida, um modo de organismo vivo, e a sociedade como agregado e artefacto mecânico” (Tönnies, 1947, p. 21).³

A diferença entre a vida em comunidade e sociedade aparecem resumidas num quadro elaborado por Brancaleone com base na obra de Tönnies (Brancaleone, 2008, p. 103), e que aqui reproduzimos (Quadro 1).

³ “Comunidad es la vida en común duradera y autêntica; sociedad es solo una vida en común pasajera y aparente. Con ello coincide el que la comunidad misma deba ser entendida a modo de organismo vivo, y la sociedad como agregado y artefacto mecánico”.

Quadro 1. O modelo de comunidade-sociedade

Comunidade		Sociedade	
Modo de união afetivo		Modo de União Objetivo-contratual	
Convivência externa	Tipo de ocupação e tendência dominante de orientação espiritual	Convivência externa	Tipo de ocupação e tendência dominante de orientação espiritual
Vida de família ⇒ Hábitos	Economia doméstica	Vida na metrópole ⇒ Convenção	⇒ Comercio ⇒ Contrato
Vida de aldeia ⇒ Costumes	Agricultura	Vida nacional ⇒ Política/estado	⇒ Indústria ⇒ Planeamento
Vida urbana ⇒ Religião	Arte	Vida cosmopolita ⇒ Opinião pública	⇒ Indústria ⇒ Imprensa/opinião pública

Fonte: Brancaleone (2008, p. 103)

1.3 Jornalismo como forma de conhecimento

Para os indivíduos de uma comunidade crescerem como um só é necessário que haja formação e informação, mas para tal é necessário que haja um meio que possibilite o mesmo. Para isso, a escola não é suficiente, porque é um processo de ensino e aprendizagem, ou seja, ensina coisas que já aconteceram, coisas que podem acontecer e muitas e variadas ciências; mas, para informar e falar dos aspetos que acontecem no nosso dia a dia, é necessário algo mais específico e atualizado. Como salienta Park (1940, p. 676), a notícia diferencia-se da História e outras ciências porque está primariamente preocupada com o presente, ou seja, para o autor, “a diferença entre o jornalismo e as ciências sociais é o método com que analisam os fenómenos e a forma em que os produtos destas práticas são apresentados”.

Park (1940, p. 676)⁴ refere que as notícias são uma forma de conhecimento que se mantém focado no presente, e que só tem validade nesse mesmo presente. Isso deve-se ao facto de que as nossas

⁴ “News, as a form of knowledge, is not primarily concerned either with the past or with the future but rather with the present- what has been described by psychologists as “the specious present.” News may be said to exist only in such a present. What is meant here by the “specious present” is suggested by the fact that news, as the publishers of the commercial press know, is very perishable commodity. News remains only until it

curiosidades de um dia são totalmente diferentes das de outro dia. O que acontece hoje pode não ser do nosso interesse amanhã: “(...) a notícia, como os editores da imprensa comercial sabem, é uma mercadoria extremamente perecível”. As notícias têm valor para quem tem um interesse nelas e o seu prazo é muito curto, porque quando passa o momento da notícia, ela perde o seu valor e passa a ser história: “As notícias somente permanecem até chegarem às pessoas para as quais têm “interesse noticioso”. Uma vez publicada e reconhecida o seu intuito, o que era notícia torna-se história”.

O jornalismo é, a par da escola, um meio que pode contribuir para a vida e a formação dos seus leitores. Sousa (2005, p. 12) realça que “um jornal pode exercer a pedagogia social”. É por meio do mesmo que, por exemplo, muitas vezes aprendemos como contribuir com pequenos gestos para a reciclagem dos lixos ou para a salvaguarda do meio ambiente. Hoje, muitos cidadãos já não vão à escola ou participam em programas ou atividades que servem de apoio para a sua formação e informação (isso deve-se a idade, região e muitos outros aspetos). O que a escola, que é o principal espaço, da “pedagogia social”, não ensina, ensina-o o jornalismo, visto que o jornal é um espaço, visitado ou visto por pessoas de todas as idades. Assim, o jornal pode contribuir para ajudar essas pessoas – todos nós - a entender como devem ser feitas as coisas e como as coisas são. Por exemplo, no número 3867, da semana de 24 de setembro, do *Jornal do Fundão*, no espaço Terra, na página 7, fala-se do aumento de 18% da reciclagem no primeiro semestre do ano, demonstrando assim a importância deste processo na comunidade, principalmente em época de pandemia, visto que é o momento em que mais lixo produzimos.

1.4 Jornalismo e comunidade

Jornalismo e comunidade são como o professor e o aluno, as plantações e as estações do ano, a chuva e os rios, as baleias e o oceano, entre outros, ou seja, um depende do outro para a sua existência. Talvez possamos dizer que a comunidade sempre existiu, ou seja, não é necessário o jornalismo para que haja a comunidade. Mas isso leva-nos de volta à pergunta “O que é o jornalismo?”, que foi respondida no ponto 1.1. da seguinte forma: “O jornalismo é uma forma de comunicação pública nos estados onde vigora a democracia”. A comunidade, para se manter formada e informada, precisa de um meio que a conecte com o que acontece. Muitas pessoas que fazem parte de uma comunidade, às vezes não vivem na mesma zona, contudo, gostam de estar conectados com a sua verdadeira origem. Jornalismo é a aquele elemento que vem complementar a comunidade. Esta necessidade de estar informados já existe há muito tempo, os homens sempre tiveram a necessidade de se informar e contar uns aos outros o que realmente acontecia; embora nem toda informação seja jornalismo, o jornalismo partiu da ideia de informar:

has reached the persons for whom it has “news interest”. Once published and its significance recognized, what was news becomes history”.

Desde sempre que o homem procurou comunicar aos seus semelhantes as novidades e as histórias socialmente relevantes de que tinha conhecimento. As necessidades de sobrevivência e de transmissão de uma herança cultural não foram alheias a essa necessidade. É óbvio que aquilo que era socialmente relevante para um grupo tribal dos primórdios da humanidade não é, necessariamente, aquilo que é socialmente relevante para o homem actual. Mas a génese do jornalismo encontra-se aí. (Sousa, 2005, p. 15)

Muitas comunidades procuram mostrar a sua cultura ou o que têm de melhor. Por exemplo, a região do interior de Portugal não é cosmopolita; contudo, diferentemente das cidades grandes, ela é caracterizada por proporcionar uma vida mais tranquila, considerada por muitos como de qualidade superior à de outras regiões como Lisboa, Porto e outras grandes cidades, que são caracterizadas pelo stress vivido no dia a dia. Para além do seu ar puro, das suas paisagens (como no caso da Serra da Estrela e da Serra da Gardunha) e da sua gastronomia, os seus habitantes, na sua maioria, conhecem-se uns aos outros, e isso facilita na ajuda que uns oferecem aos outros, havendo também mais facilidade em fazer amizades para a vida toda. O interior de Portugal está em crescimento e muitos cidadãos estrangeiros viajam até esta região para levar uma vida tranquila.

Assim como no meu caso, muitos desses estrangeiros tiveram conhecimento do interior de Portugal por meio de um canal televisivo, rádio, jornal ou talvez numa página da internet, ou seja, alguns de nós tiveram essa informação por meio do jornalismo. Como seres humanos e membros de uma comunidade, chegamos sempre à ideia de que necessitamos desta relação que existe entre jornalismo e comunidade. O jornalismo é a oportunidade que muitos povos têm de mostrar e contar a outras pessoas o que acontece na sua comunidade.

1.3.1 O papel do jornalismo na comunidade

Qual é o real papel do jornalismo na comunidade? Muitos afirmam que o papel do jornalismo é informar, mas a questão é tanto mais relevante quanto as informações podem ser dadas por qualquer um; desde que tenhamos um dispositivo com internet, podemos partilhar notícias de coisas que acontecem à nossa volta e pelo mundo todo. O ano de 2020 foi marcado por vários desastres e mortes, e muitas dessas notícias chegaram ao público por meio de páginas amadoras, ou seja, através do erradamente chamado “jornalismo cidadão”.

Muitos autores reconhecem que, apesar de informar ser o papel mais importante dos jornais, esse é apenas um dos seus papéis. Assim, Gradim (2000, p. 7) reconhece que, além de produzir informação, os jornais proporcionam também momentos de entretenimento. Tal verifica-se, também, com os outros media. Assim, pela televisão assistimos a programas que apresentam jogos e muitas outras formas de distração, o mesmo acontecendo nas rádios, e esses momentos são essenciais na vida de um indivíduo. Não podemos viver apenas com a informação do que aconteceu aqui ou ali, às vezes é necessário aprender como se faz uma receita, a história de uma nação ou a história de vida de um jornalista, e o jornalismo proporciona-nos isso tudo. Por

exemplo, os *talk shows*, com muito humor e diversão, animam as nossas tardes ou noites. A autora ainda reforça que a notícia “é a coisa mais importante”, porque os jornalistas que escrevem as notícias são colocados em segundo plano, já que para o leitor o que importa é o que está escrito e não quem o escreveu:

[...] jornal serve para informar os seus leitores, podendo constituir, subsidiariamente, uma fonte de distração e entretenimento. [...] a coisa mais importante do jornal, a única coisa importante, são as suas notícias. Não são, pois, os jornalistas [...]. O jornalista não é notícia. (Gradim, 2000, p. 7)

Com base nas afirmações de Gradim, podemos reafirmar que, apesar de a informação ser central, o papel do jornalismo não é só informar; ele é, também, uma maneira de ensino e diversão (diversão sadia). Ele pode visto como uma “pedagogia social” que nos faz crescer como pessoas, nos ajuda a melhorar a nossa maneira de encarar o mundo. Muitos dos problemas que a população enfrenta chegam até ao conhecimento das autoridades políticas e outras através do jornalismo; o povo usa-o para poder dar uma opinião sobre o que acontece à sua volta, ou seja, o jornalismo serve, várias vezes, como um mediador entre o governo e a população.

Na sua obra *Sociedade e comunicação: estudos sobre jornalismo e identidades*, de 2005, Correia afirma que o jornalismo contribui para a construção social da realidade. Essa construção é fundamental numa sociedade que é cada vez mais ampla para o cidadão comum. O jornalismo traz-nos, em cada dia, o que realmente está a acontecer no mundo, pois o jornalismo é caracterizado pela procura da exatidão, da veracidade das suas notícias (assente nas suas fontes, que os jornalistas valorizam sobremaneira) e, por último, por ter sempre informações novas.

Por meio do jornalismo, temos as informações no momento certo, não só acerca de uma parte, mas sim acerca de toda a sociedade. Em épocas de ditaduras era difícil dizer o que se pensava, era simplesmente dizer sim e não perguntar porquê. Mas em democracia, com o jornalismo, o povo ganhou um espaço, onde pode expor os seus problemas. Assim, por exemplo, no ano de 2018, estudantes bolsiros angolanos na Universidade da Beira Interior recorreram aos meios de comunicação social para fazer uma manifestação sobre os seus direitos como estudantes. O assunto foi amplamente tratado em jornais portugueses e chegou ao conhecimento dos responsáveis políticos do estado angolano, que se viram obrigados a resolver o problema dos estudantes. É deste espaço, que Correia fala, um espaço, que só o jornalismo é capaz de nos oferecer. É claro que podemos fazer isso em redes sociais ou outros meios, contudo, não terão a mesma credibilidade.

[...] o jornalismo contribuiu para a “construção social da realidade”, para a rotinização da própria dinâmica social estabilizando-o em acontecimentos-tipo e erupções controladas. [...] o jornalismo escrito desempenhou um papel decisivo de estruturação do próprio espaço público e do consenso social: sem o jornalismo não se formaria opinião pública ou pelo menos esta teria uma configuração decerto diversa daquela que conhecemos. (Correia, 2005, pp. 185-186)

O mundo é um lugar habitado por mais de 7 bilhões de pessoas, porém, quando acontece um desastre, unimo-nos todos pela mesma causa. Por exemplo, no dia 25 de novembro de 2020 morreu Diego Armando Maradona, uma lenda do futebol mundial. A notícia foi publicada por jornais de Argentina e depois do mundo todo, segundos depois era o assunto mais comentado no mundo. Algo semelhante aconteceu com Kobe Bryant e todas as celebridades que já morreram. Nestes momentos todos pensamos como um só.

Fazer com que muitas pessoas estejam conectadas, de acordo com o mesmo assunto, ou a pensar da mesma maneira é difícil. A este propósito, Tocqueville (2004) realça o papel do jornalismo na comunidade quando afirma que “quando os homens não estão mais ligados entre si duma maneira sólida e permanente, não é possível conseguir que um grande número deles aja em comum” (p. 137).

Uma maneira de convencer várias pessoas é conversar com cada uma delas, mas isso é praticamente impossível quando o número dessas pessoas é elevado; contudo, de acordo com Tocqueville, isso pode ser feito “habitual e comodamente” com a ajuda de um jornal, demonstrando-se assim o valor do jornalismo na comunidade e até mesmo na sociedade. Porque, segundo Tocqueville, só um “jornal é capaz de depositar no mesmo momento em mil espíritos o mesmo pensamento”. O jornal é descrito como um conselheiro que não precisamos procurar, porque ele “se apresenta por si mesmo e [que lhe] fala todos os dias e brevemente do assunto comum, sem o atrapalhar em seus negócios privados” (Tocqueville, 2004, p. 137).

Em meio a uma pandemia, todos ficámos ainda mais preocupados quando nos apercebemos que tudo poderia parar, que muitas empresas e estabelecimentos de serviços, foram fechados, muitos deles foram à falência, cada comunidade queria saber como ficaria a situação económica do seu país. Por esta razão, muitos correram às televisões, jornais e todos os outros meios de comunicação social para terem informações diárias e saber como proceder no momento em que se aproximava uma crise financeira.

Hoje, com a evolução da internet, muitos menosprezam o jornalismo na sua verdadeira essência, contudo, esquecem que o jornalismo está em tudo sobre o que nós fazemos (direta ou indiretamente), porque muitas das informações que recebemos de amigos e outras pessoas são publicadas por algum meio de comunicação social jornalístico.

Podemos afirmar, sem medo de errar, que o jornalismo é vida, é a resposta a todas as perguntas que fazemos no nosso dia a dia, e que podem ser acerca de coisas muito próximas a nós ou de coisas que fazem parte de uma outra comunidade. É o jornalismo que nos ajuda a saber o que acontece na Espanha, o que acontece em Madagáscar, o que acontece na Oceânia.

O jornalismo e os jornalistas em si, conforme salientado por Nelson Traquina (2002, p. 14), podem influenciar não só o que somos capazes de pensar, mas também como o fazemos. Quando lemos algumas notícias sobre coisas que acontecem, gastamos algum tempo a pensar no que realmente está a acontecer e, muitas vezes, fazemos isso baseando-nos na maneira como a notícia foi escrita.

Capítulo 2. Jornalismo regional como jornalismo de proximidade

2.1 O conceito de jornalismo regional

De acordo com os dicionários, uma região pode ser definida como uma “grande área de terreno” ou uma “porção de território que se diferencia de outras por causa do seu aspeto morfológico, clima, aproveitamento económico, produções, costumes, etc.”.⁵

Conforme o artigo 1º do *Estatuto da Imprensa Regional* (Decreto-Lei nº106/88), esta pode ser definida como o conjunto de

[...] todas as publicações periódicas de informação geral, conformes à Lei de Imprensa, que se destinem predominantemente às respetivas comunidades regionais e locais, dediquem, de forma regular, mais de metade da sua superfície redatorial a factos ou assuntos de ordem cultural, social, religiosa, económica e política a elas respeitantes e não estejam dependentes, diretamente ou por interposta pessoa, de qualquer poder político, inclusive o autárquico.⁶

Na opinião de Sofia Santos (2002, p. 26), “a expressão imprensa regional sempre foi sonante porque sugere de imediato um leque de pequenos jornais não diários, mais vocacionados para a histórias quotidianas das comunidades locais do que para o país o país ou o mundo”.

Para Camponez (2002, p. 108), o jornalismo ou imprensa regional envolve formas de comunicação mediatizadas a uma escala mais restrita e comunitária, ou seja, o jornalismo regional marca a diferença com o jornalismo nacional com base no seu público-alvo e no espaço geográfico de implantação. Mas Mesquita, citado por Camponez, defende que, na verdade, todo o jornalismo é regional, e que só por uma simples comodidade se pode falar na existência de uma imprensa nacional em Portugal:

Boa parte dos meios de comunicação social cuja sede é em Lisboa e no Porto, aqueles a que normalmente atribuímos o qualitativo de imprensa nacional, nem por isso deixam de ter um carácter eminentemente regional. Basta ver a que região se reporta a maioria dos textos neles publicados, para rapidamente se constatar que é aquela em que está instalada a sede do respectivo órgão de informação. (Mesquita, citado em Camponez, 2002, p. 107)

⁵ “Região”. In *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2021. [consult. 2021-02-14 23:19:46]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/região>

⁶ Disponível em <https://dre.pt/web/guest/pesquisa-avancada/-/asearch/286309/details/maximized?serie=I&search=Pesquisar&ano=1988&perPage=100&types=DR&dreId=94435>

Apesar da questão colocada por Mesquita, é de salientar que vários autores defendem a ideia de jornalismo ou imprensa regional, baseando-a não no seu espaço geográfico, mas sim no seu conteúdo. No jornalismo nacional, o conteúdo não se resume a falar de Portugal, falando-se também de aspetos de outros países. Quando pegamos num jornal nacional, logo nas editoriais existe uma que se chama “Mundo” ou “Internacional”; contudo, esta mesma editoria não pode ser encontrada num jornal regional, pois as suas editoriais estão simplesmente voltadas para a sua região ou localidade. Segundo Maciá Mercadé, citado por Camponez, no jornalismo regional “a vocação, a intencionalidade, os conteúdos e a perceção sobre o leitor são determinados pelo contexto local ou regional” (Mercadé, citado em Camponez, 2002, p. 110).

O jornalismo regional é como uma parte autónoma do nacional. Para poder falar de todos os problemas de país, os jornais nacionais precisariam de muitas páginas; por esta razão surgem os jornais regionais, para falarem dos problemas mais próximos à realidade dos cidadãos. E com base no artigo 2º do *Estatuto da Imprensa Regional* (Decreto-Lei nº106/88), esta tem como funções as seguintes:

- a) Promover a informação respeitante às diversas regiões, como parte integrante da informação nacional, nas suas múltiplas facetas;
- b) Contribuir para o desenvolvimento da cultura e identidade regional através do conhecimento e compreensão do ambiente social, político e económico das regiões e localidades, bem como para a promoção das suas potencialidades de desenvolvimento;
- c) Assegurar às comunidades regionais e locais o fácil acesso à informação;
- d) Contribuir para o enriquecimento cultural e informativo das comunidades regionais e locais, bem como para a ocupação dos seus tempos livres;
- e) Proporcionar aos emigrantes portugueses no estrangeiro informação geral sobre as suas comunidades de origem, fortalecendo os laços entre eles e as respetivas localidades e regiões;
- f) Favorecer uma visão da problemática regional, integrada no todo nacional e internacional.”⁷

2.2 A dificuldade de distinguir entre o “local” e o “regional”

O jornalismo regional é caracterizado pelo seu público-alvo, pela sua linha editorial e também pela sua periodicidade. Portugal encontra-se dividido em regiões, sub-regiões, distritos, concelhos e freguesias. Partindo desta divisão, existem jornais nacionais (que, como vimos, alguns autores afirmam que são, na verdade, regionais), jornais regionais e jornais locais.

Para darmos um exemplo, a sub-região região da Beira Interior, composta pelos distritos da Guarda e Castelo Branco, compreende vários jornais, tais como: *Jornal do Fundão*, *O Interior*, *Jornal de Belmonte*, *Notícias da Covilhã*, *Fórum*, etc...

⁷ Disponível em;
<https://dre.pt/web/guest/pesquisa-avancada/-/asearch/286309/details/maximized?serie=I&search=Pequisar&ano=1988&perPage=100&types=DR&dreId=94435>

Todos estes jornais, bem como outros análogos, segundo Sofia Santos (2007, p. 28), podem ser divididos entre regionais e locais. A diferença encontra-se na localidade ou influência. Os jornais regionais tendem a ter como público-alvo a região, ou seja, todos os distritos e concelhos que fazem parte dessa região, ao passo que os jornais locais têm como público-alvo uma parte dessa região, às vezes apenas um concelho. Assim, por exemplo, quando vemos as editorias do *Jornal O Interior*, é notório que ele noticia com maior enfoque os problemas do distrito da Guarda, o mesmo acontecendo com o *Notícias da Covilhã*, o *Jornal do Belmonte* e o *Fórum*. Estes jornais estão concentrados numa localidade muito restrita que, muitas vezes, é apenas um concelho, tendendo a dar informações que cobrem a vida e a realidade de uma zona muito específica. O *Jornal do Fundão* é o único, no meio destes, em que logo nas editorias é notória a presença dos dois distritos (Guarda e Castelo Branco) e dos maiores concelhos do distrito de Castelo Branco, alargando assim o seu público-alvo. É exatamente isso que diferencia, por exemplo, o jornal *Notícias da Covilhã* do *Jornal do Fundão*: o seu público-alvo, a sua influência e a liberdade de conteúdo a ser publicado. No caso específico do *Jornal do Fundão*, ele concentra-se, não apenas ao concelho de Fundão, onde está sediado, mas sim na região da Beira Interior no seu todo. Por sua vez, no *Notícias da Covilhã*, as notícias são constituídas por informações que dizem respeito ao concelho da Covilhã, ainda que algumas vezes se escreva sobre outros concelhos mais próximos, nomeadamente quando se trata de acontecimentos muito pertinentes.

2.3 Jornalismo regional e proximidade

A proximidade é uma palavra que nos remete a algo próximo. O próximo, em jornalismo, é uma representação que o *medium* faz do seu território e, por sua vez, dos destinatários das suas mensagens (Camponez, 2002, p. 113).

O jornalismo regional, conforme referido no primeiro ponto deste capítulo, está intimamente ligado à região onde se localiza a sede editorial do meio de comunicação, seja ele jornal, rádio ou televisão. Ele procura estar em conexão com tudo o que acontece na sua localidade ou região, ou seja, realça ou noticia os acontecimentos da sua proximidade. Assim, de acordo com Jean-Marie Launay, “quem diz imprensa regional diz informação local” (Launay, citado em Camponez, 2002, p. 110).

É função do jornalismo regional transmitir aquilo que é essencial para os naturais e residentes de uma região, já que falar de coisas que acontecem na Noruega pode não ser muito importante para uma pessoa que vive na Beira Interior e, que na verdade, está preocupada em saber o que acontece nas cidades dessa região. Nesta linha de ideias, Camponez (2002, p. 113) realça que o jornalismo regional visa comunicar conteúdos considerados pertinentes ao seu público. Quando um jornal publica uma matéria, ele pensa em como esse conteúdo vai ser encarado pelos seus leitores. Uma ex-eurodeputada, Helena da Silva, reconhece que o jornalismo regional ou local é a forma que a

população tem de manter um contacto com as autoridades, ou seja, deste modo, ele serve de porta-voz do povo: “A imprensa e a rádio regional e local, além de informação credível, podem e devem funcionar como referência e motor de mudança na sociedade em que se inserem” (Citada em Camponez, 2002, p. 115).

O jornalismo regional é específico, ele tem o seu público-alvo bem delimitado, o que só pelo nome já se consegue perceber: assim, por exemplo, os títulos *Jornal do Fundão* ou *Região de Leiria* já se relacionam com uma zona específica. Camponez (2002) fala também sobre a questão da especificidade dos jornais regionais, quando fala do caso do *Notícias de Leiria*: “no folheto de divulgação e angariação de assinantes, verificamos como o jornal define claramente o seu o seu território e constrói [...] identidade na base da sua região”. E conforme salientado por Manuel Fernández Areal,

[...] nesses media dirigidos a públicos muito concretos, normalmente reduzidos, com nomes e apelidos, é onde o jornalismo é mais humano e mais verdadeiramente social, ao pôr em contacto e ao relacionar os que informam ou opinam, escrevem editoriais e dão conselhos, com um público que não é apenas recetor, mas é também enormemente ativo, que por sua vez informa, recrimina, aceita, valora, aplaude ou censura de forma eficaz. [...] pelo menos tendencialmente, a informação local é mais pluralista que a de outros níveis, [uma vez que tem a] oportunidade de representar mais diretamente a sociedade. (Areal, citado em Camponez, 2012, p. 39)

Infere-se, desta citação, que o jornalismo regional não é unilateral, mas sim bilateral, ou seja, o emissor também faz o papel de recetor. O autor em causa, Manuel Fernández Areal, dá a ideia de que a imprensa regional funciona como um meio de formação e informação do cidadão e, tal como na escola, o leitor ou recetor tem o direito de dizer o que acha e pode recriminar o que está escrito. É notório que muitos jornais regionais têm um espaço para o público. No *Jornal do Fundão*, por exemplo, existe uma editoria que se chama “Opinião” e, além disso, existe o “Correio dos Leitores”, anteriormente ao qual existiam as cartas dos leitores (adiante iremos falar com mais detalhe do *Jornal do Fundão*).

Michel Mathien aborda também esta temática num estudo sobre a imprensa diária regional francesa, onde salienta que a particularidade da imprensa regional funda-se “no facto de se dirigir ao indivíduo, enquanto sujeito integrado e participante numa comunidade geográfica delimitada, da qual é possível conhecer as características: mentalidades, hábitos, modos de viver, níveis de vida, preocupações culturais e sociais dominantes”. (Citado em Camponez, 2002, p.122)

O autor reforça ainda a proximidade do jornalismo regional com o seu público ao descrever algumas das principais funções principais desse tipo de jornalismo:

- Servir de elo da comunidade a que se dirige;
- Constituir-se como complemento à experiência quotidiana dos seus leitores, completando-a através da informação disponível, quer sobre a realidade mais próxima, quer sobre os acontecimentos mais distantes;
- “Reduzir a incerteza” do ambiente que rodeia o leitor, tentando responder às questões banais acerca das “novidades” e da atualidade;

- Funcionar também como “enciclopédia dos conhecimentos vulgarizados”, a partir do qual o leitor, bem ou mal, adquire a alarga a sua cultura, acerca dos conhecimentos mais diversificados e superficiais;
- Servir como um importante banco de dados sobre a região de influência, uma tarefa facilitada agora pelo desenvolvimento dos sistemas informáticos e das redes. A imprensa regional detém a vantagem de poder mobilizar arquivos e organizar estes serviços de forma polivalente, centralizada e dispendo de alguma facilidade em assegurar uma constante atualização;
- A imprensa regional desempenha ainda uma função de recreio e de psicoterapia social. (Mathien, citado em Camponez, 2020, p. 123)

No terceiro ponto desta lista, o autor reconhece que o jornalismo regional tem o dever de acabar com as incertezas que rodeiam os leitores, ou seja, ele serve como um professor ou orientador, ajudando assim o leitor. E, com base no quinto ponto do autor, o jornalismo regional serve como um importante banco de dados sobre a região de influência. Com isso, fica claro que o jornalismo regional trabalha pensando no seu público mais próximo. Deste modo, um indivíduo que vive no Soyo (uma cidade angolana), se não conhecesse e não tivesse uma ligação com a cidade da Covilhã (uma cidade portuguesa), não teria nenhum interesse na base de dados do mesmo jornal sobre a região; mas essa base de dados já passaria a ser importante se este angolano viesse morar na Covilhã, onde, automaticamente, passaria a ser próximo da realidade desta cidade e os seus interesses estariam ligados ao que acontece à sua volta.

O jornalismo regional, muitas vezes, “pode comportar um movimento dirigido em dois sentidos”, afirma Correia (1998, p.157), que descreve os medias regionais, por um lado, como instâncias de reforço de identidade das comunidades com que se relaciona. Nesta linha de pensamento (sobre a identidade da comunidade), o regional faz-nos pensar em uma comunidade; podemos não conhecer a pessoa, mas só pelo facto de vivermos na mesma região e vivermos na mesma época, isso obriga-nos a imaginar o que realmente acontece. Muitos falam de região da Beira Interior, mas na verdade não é uma região, mas sim parte de uma proposta de regionalização. Mas tudo isso deve-se ao papel que os jornais regionais e locais desempenham na criação desse espaço, dando assim uma nova identidade à região e à comunidade desta mesma zona, que origina também a criação de outros meios de comunicação sociais, como a televisão e a rádio. A Beira Interior trata-se, para citarmos o título da conhecida obra de Benedict Anderson (1983), de uma “comunidade imaginada”. Por outro lado, Correia reforça que o jornalismo regional é um espaço de uma potencial abertura para o mundo, exercendo assim uma função de mediador, ou seja, para a comunidade conhecer o mundo ela precisa antes conhecer o que a rodeia; depois de conhecer a sua realidade ou localidade, estará mais ou menos preparada para conhecer o que acontece no mundo. Como outras características dos media regionais que nos parecem fundamentais, o mesmo autor aponta as seguintes:

[...] a forte relação que mantêm com as elites políticas, culturas e associativas [...]; a contiguidade e continuidade dos temas através de uma forte presença da opinião, da abertura de polémicas e debates em torno de causas mobilizadoras; a importância no contacto com os leitores e ouvintes; a

colaboração com o espaço público designadamente através da promoção de iniciativas com as associações, colectividades, universidades e outras [...] e a tendência para reforçar um sentimento de partilha de um destino comum que se reflecte nas próprias especificidades estilísticas. (Correia, 1998, p. 162)

Correia, (1998, p. 160) realça ainda que a ideia de proximidade “é algo que torna a representação mais ‘genuína’”, o autor reforça a ideia da intenção do jornalismo regional de se aproximar do seu público para poder atingir os seus objetivos. Por esta razão, o público não é um mero ouvinte, mas sim dá vida ao jornal, pois é um público participativo (como já descrito nos parágrafos anteriores).

2.4 Constrangimentos da imprensa regional

Com base nas palavras de Teun van Dijk, Camponez (2002, p. 116) refere que, no jornalismo regional e local, “é a proximidade que permite ao jornalismo perceber os contextos que determinam os valores notícias”. Porque o que é importante para uns pode não o ser para outros: um incêndio em Lisboa não causaria tanta preocupação a um Fundanense que não tem familiares em Lisboa, mas se o mesmo ocorresse no Fundão ou numa cidade vizinha, ele ficaria preocupado. O valor de uma notícia depende muito de quanto essa informação é próxima ao nosso local de residência. E, por esta razão, um jornal regional ou local publica apenas informação de uma zona ou região específica.

Essa limitação que estes jornais têm faz com que não publiquem matérias de outras regiões. Independentemente do que acontece em Lisboa, Porto ou em outras cidades que não façam parte da região, eles não podem publicar essas matérias. Para um jornal regional ou local, o restante do país é apenas uma miragem, é como se não existisse. E isso, às vezes, faz com que seja difícil encontrar matérias para publicação, porque a sua área de abrangência é muito reduzida e específica.

Capítulo 3. Imprensa beirã e *Jornal do Fundão*

3.1 Caraterização geral da imprensa beirã

Segundo Jorge Sousa (2005, p. 17) a *Gazeta de Lisboa* foi o primeiro jornal diário de Portugal, tendo a sua edição começado no dia 1 de maio de 1809. Antes disso, Portugal já tinha experimentado a sua primeira imprensa, por volta do ano de 1626, mas o primeiro jornal português terá nascido em novembro de 1641, cerca de um ano depois de Portugal ter recuperado a independência, em 1 de dezembro de 1640: a *Gazeta da Restauração*. A *Gazeta* foi estimada por D. João IV e seus apoiantes, que perceberam que o periódico poderia ser um excelente instrumento de legitimação do novo poder e uma forma de denegrir os feitos dos espanhóis.⁸

Figura 1. O primeiro jornal português



Fonte: Jornal Expresso, 1 dezembro 2016

Embora o surgimento da imprensa portuguesa aconteça no século XVII, “é apenas com o surgimento do *Diário de Notícias*, em 1865, que o jornalismo em Portugal entra na modernização e industrialização” (Sousa, 2005, p. 17). O reconhecimento do real valor da imprensa em questões sociopolíticas, económicas e culturas, levando informações à sociedade e mudando a maneira de

⁸ Jornal Expresso: “Foi o primeiro jornal português. E ajudou D. João IV a consolidar o poder em 1640” <https://expresso.pt/sociedade/2016-12-01-Foi-o-primeiro-jornal-portugues.-E-ajudou-D.-Joao-IV-a-consolidar-o-poder-em-1>

pensar e de ver o mundo, leva ao aparecimento de vários jornais ou periódicos pelo país todo, especialmente no interior de Portugal.

No interior de Portugal, ou mais propriamente na Beira Interior, a imprensa ganha uma outra data. A imprensa beirã nasce, segundo Regina Gouveia (2009, p. 37), com a primeira tentativa de lançamento do periódico que foi documentado como *Sentinela da Liberdade*, na cidade de Castelo Branco, datada de 19 de dezembro de 1846; este periódico foi número único e tinha como objetivo “defender a junta do Porto e divulgar o seu programa”.

A tentativa de criação do primeiro periódico na cidade albacastrense foi o que abriu portas para a realidade da imprensa beirã, seguindo-se-lhe vários periódicos. Assim, neste mesmo ano (1846) surgiram, no distrito de Castelo Branco, periódicos como os seguintes: *O Comércio da Covilhã*, que circulou desde 27 de agosto de 1846 até 13 de maio de 1865, na vila da Covilhã⁹. Este periódico tinha uma aliança com o partido clerical covilhanense. Em Alpedrinha surgiu o *Estrela da Beira*, no Fundão *O Apóstolo da verdade* tendo sido o primeiro jornal desta cidade¹⁰¹¹.

No outro distrito da Beira Interior, Guarda, o início da imprensa não foi registado na cidade da Guarda, mas sim na cidade de Trancoso, com a publicação de um semanário político, literário e noticioso, *A Folha de Trancoso*. A sua circulação foi de aproximadamente 3 anos, desde 1861 até o final de 1864. No ano a seguir, já na cidade capital, apareceu o segundo jornal, intitulado *O Distrito da Guarda*, que assim como o de Trancoso, também era político, literário e noticioso. Este último foi publicado a primeira vez em 30 de abril de 1865 e existiu até 1938, entre vários problemas, como “interrupções e readaptações políticas” (Gouveia, 2009, p. 37).

O século XX foi marcante para a imprensa em Portugal, pois neste período circulavam vários periódicos no país; Assim, por exemplo, no ano de 1930 o país tinha um total de 662 títulos. Porém, de acordo com Pizarroso Quintero, citado por Regina Gouveia (2009, p. 39) os anos de 1910 a 1930 não foram muito bons para a imprensa portuguesa, “demasiado politizada e com intervenções do poder do Estado, que se viu mergulhado numa confusa sucessão de governos que atingiram os quarenta e cinco diferentes entre 5 de Outubro de 1910 e 28 de Maio de 1926, quando ocorreu o golpe de Estado”. Golpe de Estado que, como sabemos, levaria à nomeação de Oliveira Salazar como presidente do Conselho de Ministros e à insaturação da ditadura do Estado Novo. No meio de tanta confusão, a Beira Interior registou um movimento jornalístico constante

⁹ Nesta época a Covilhã ainda não era uma cidade. Com base na página oficial da Câmara Municipal da Covilhã, a Vila foi elevada a cidade a 20 de outubro de 1870 pelo Rei D. Luís I, por ser “uma das vilas mais importantes do reino pela sua população e riqueza”. Disponível em <http://www.cm-covilha.pt/?cix=820&tab=792&curr=813&lang=1>

¹⁰ “Surgiu a 26 de Maio de 1870, por iniciativa de um boticário espanhol que aí vivia, Francisco António Alburnau de Puga, e circulou como folha literária e noticiosa até 28 de Julho de 1871” (Gouveia, 2009, p. 11)..

no que diz respeito à criação de periódicos, notando-se um crescimento bastante positivo no início do século XX.

Quadro 2. Títulos de alguns periódicos na Beira interior, no século XX

Distrito Castelo Branco	Distrito da Guarda
<i>A Beira Baixa</i>	<i>O Comércio da Guarda</i>
<i>O Camaleão</i>	<i>O Distrito da Guarda</i>
<i>Correspondência da Covilhã</i>	<i>A Folha de Trancoso</i>
<i>A Defesa da Beira</i>	<i>O Hermínio</i>
<i>O Distrito de Castelo Branco</i>	<i>Jornal da Guarda</i>
<i>Os Ecos da Beira</i>	<i>O Povo</i>
<i>Novo Rondese</i>	<i>O Trabalho</i>
<i>O Rondese</i>	
<i>Jornal do Fundão</i>	

Fonte: Gouveia, 2009, p. 29

3.2 Jornais progressistas e regeneradores

Quando se fala do surgimento da imprensa beirã não se deve colocar de lado a questão política, porque os primeiros jornais que surgiram na Beira Interior estavam ligados aos partidos Regenerador e Progressista. Estes perceberam que os jornais poderiam servir como instrumentos de influência política e, também, como um meio para atingir de uma maneira mais rápida a região.

A influência e as disputas destes, aliadas ao rotativismo no exercício do poder e ao despertar para as potencialidades dos jornais como instrumentos de influência política, certamente terão também ditado o arranque da imprensa periódica no Interior. (Gouveia, 2009, p. 29)

Os periódicos na Beira Interior, como transparece nos parágrafos anteriores, começam com algumas tentativas, e, estas levam ao surgimento de outras. No entanto, foi apenas em 1884 que surgiu o primeiro título que, pelas suas características, pode ser visto como um verdadeiro jornal: a folha progressista intitulada *O Correio da Beira*. Depois deste surgem outros no Distrito Alcastrense. No partido regenerador apareceu o *Comércio da Covilhã*, na cidade da Covilhã.

Os títulos, acima citados, não são os únicos com uma ligação com os partidos, pois na base dessa ligação, surgiram outros jornais. A tabela abaixo mostra alguns jornais progressistas e regeneradores da Beira interior (Gouveia, 2009, pp. 50-51).

Quadro 3. Jornais progressistas e regeneradores

Progressista	Regenerador
O Correio da Beira (1884-1893) – Castelo Branco	Distrito de Castelo Branco (1889-1906) – Castelo Branco
Gazeta da Beira (1906) – Castelo Branco	O Notícias da Beira (1904) – Castelo Branco
O Covilhanense (1886-1892) – Covilhã	Notícias da Covilhã (1909) – Covilhã
A Beira Baixa (1903) – Fundão	Ecos da Gardunha (1900) – Fundão
Distrito da Guarda (1878) – Guarda	Gazeta da Beira (1867) – Guarda
O Côa (1889-1891) – Figueira de C. Rodrigo	A Civilização (1882) – Guarda

Fonte: Gouveia, 2009, pp. 50-51.

Os jornais constantes na tabela são alguns dos muitos que estiveram ligados a estes dois grandes partidos. Contudo, vários destes jornais, depois de algum tempo, deixaram de ter uma ligação com os partidos, outros criaram alianças com partidos opostos. Assim, por exemplo, *O Notícias da Beira* (1904) foi regenerador apenas no seu início, porque, alguns anos depois, veio a ser republicano (Gouveia, 2009, pp. 50-51),

Os jornais na Beira Interior não surgiram apenas com a ligação ao partido Progressista e ao Regenerador, pois, para além desta imprensa política, existia uma imprensa totalmente religiosa, “a imprensa católica”. Se no âmbito da política os jornais eram vistos como a maneira ideal e fundamental para a propagação de diferentes opiniões, também a religião predominante em Portugal aproveitou este meio para poder atingir mais pessoas e transmitir as suas informações e crenças à comunidade.

Deste modo, na Beira Interior vieram a surgir vários jornais católicos na primeira década do século XX. A cidade da Covilhã foi onde se criaram mais jornais católicos, nomeadamente os que constam da lista seguinte:

- ⇒ *A Religião e o Operário*, semanário religioso, político e noticioso, com início da publicação a 29 de junho de 1893.
- ⇒ *Nacional*, autodenominado órgão do Movimento Católico Social Português, que foi criado no dia 12 de janeiro de 1896, ligado a nomes de relevo no país e na região;
- ⇒ *O Rebate*, um semanário católico e legitimista, saído em 31 de janeiro de 1897, com o lema “Deus, Pátria e Rei;
- ⇒ *A Voz da Caridade*, revista mensal, ilustrada, de teor religioso e cultural janeiro de 1901 a junho de 1902

- ⇒ *O Peregrino da Viagem*, revista católica cuja publicação se terá iniciado no ano de 1904;
- ⇒ *O Eco da Beira*, semanário, órgão do círculo católico dos operários da Covilhã, que apenas se editou de fevereiro a novembro de 1907;
- ⇒ *O Sul da Beira*, semanário religioso, ilustrado e político, publicado de 26 de janeiro de 1908 a outubro de 1910;
- ⇒ *Democracia*, iniciado em 1909 sob o lema “Deus, Pátria e Liberdade”, viu a sua publicação suspensa em fevereiro de 1919. Atualmente conhecida como notícias da Covilhã, antes de assim ser chamado, o Jornal Democracia sofreu uma ação de censura, mas veio a ressurgir a 7 de maio de 1920 por iniciativa da Comissão Concelhia do centro Católico.

Enquanto estes títulos circulavam no Distrito de Castelo Branco, mais propriamente na cidade da Covilhã, na Guarda, por sua vez, circulavam também jornais católicos. A mesma, segundo Regina Gouveia (2009, p. 55), mais tarde viria a ser o espaço onde a Imprensa Católica teria maior destaque na Beira interior, o que só veio acontecer depois da implementação da República (5 de outubro de 1910). Contudo, foi no dia 15 de maio de 1904 que nasceu um dos mais importantes jornais da Beira: “*A Guarda*, por ser um boletim quinzenal com secções pastoral, homilética, religiosa, científica, literária e noticiosa”.

Depois da implantação da República começaram a surgir vários outros jornais nos diferentes concelhos da Beira Interior;

- Celorico da Beira, no qual em 1 de setembro de 1913 surgiu o quinzenário *Voz do Pároco*, ostensivamente antimacónico, editado até 15 de outubro de 1916 a partir do Porto e de Viseu;
- Sertã, onde foi lançado, a 19 de julho de 1914, o mensário, *Boa Nova*;
- Oleiros, com a fundação, a 3 de janeiro de 1915, do boletim semanal *O Bem*, publicado até 28 de Março de 1920;
- Proença-a-Nova, onde circulou, de 8 de maio de 1915 a 11 de fevereiro de 1916, o boletim *Amigo do Povo*;
- Cernache de Bonjardim, no concelho da Sertã onde surgiu em abril de 1920 o *Boletim das Missões Civilizadoras*, propriedade do Instituto de Missões Coloniais, tendo-se prolongado a sua publicação até ao ano de 1925 (Gouveia, 2009, p. 57).

Além dos jornais acima citados, nas principais cidades da Beira Interior as paróquias urbanas criaram vários boletins. Durante os primeiros anos do século XX vários títulos do clero vieram à

existência na região; porém, para o desenvolvimento da imprensa periódica no seu todo, foi necessário um outro contributo, o da chamada Imprensa republicana.

3.3 Imprensa republicana

A Imprensa republicana surge a partir da segunda metade do século XIX, ainda antes do fim da monarquia, em 1910. Rocha Martins, citado por Regina Gouveia (2009, pp. 58-59), refere que o primeiro periódico republicano em Portugal teria sido o *Cortador*, criado em 1837.

Na Beira Interior, a Imprensa republicana teve o seu começo no distrito da Guarda. É de realçar que a imprensa republicana, denunciava muitos dos pecados cometidos pela Igreja, algo que não acontecia na imprensa católica, porque a mesma era da igreja, ou seja, todas as regras de publicação de títulos estavam subordinadas à jurisdição da Igreja.

Contraposta à imprensa republicana, persistia alguma monárquica e católica, que intentava a todo o custo manter e justificar um regime moribundo, ou afirmar opções religiosas postas em causa, adoptando para tal as mesmas armas dos seus inimigos. Alguns periódicos republicanos são mesmo criados para combater os monárquicos e, sobretudo, enfrentar os católicos. (Gouveia, 2009, p. 62)

Na Região Beirã vieram a existir vários periódicos republicanos. A tabela a seguir mostra alguns dos muitos jornais republicanos que surgiram nos dois distritos da Beira Interior, conforme descrito por Regina Gouveia:

Quadro 4. Jornais republicanos na Beira Interior

Castelo Branco	Guarda
<i>Correspondência da Covilhã</i> – 1899-1922	<i>Distrito da Guarda</i> – 1878 – 1938
<i>Notícias da Beira</i> – 1904- 1926	<i>O Combate</i> – 1882-1931
<i>A Covilhã Nova</i> – 1908 – 1911	<i>Democracia da Beira</i> – 1910- 1914?
<i>Correio da Covilhã</i> – 1910 – 1912	<i>Jornal do Pinhel</i> – 1911- 1918
<i>Beira Baixa</i> – 1911 -1915	<i>A Tribuna da Beira</i> – 1919-1922
<i>A União</i> – 1912- 1914	<i>Terra da Beira</i> – 1921 – 1926
<i>A Justiça</i> – 1913- 1914	<i>A Ditadura</i> – 1929- 1929 (este periódico durou apenas dois meses)

Fonte: Gouveia, 2009, p. 59

3.4 Imprensa operária

Depois da revolução francesa, que aconteceu em 1789, em muitos países da Europa, como Portugal, surgiram periódicos operários, que tinham como objetivo juntar diversos setores

profissionais da sociedade. Essa imprensa surgiu a partir do início do desenvolvimento da indústria e dos primórdios do associativismo, com o intuito de divulgar ideias socialistas.

Na Beira Interior, a cidade da Covilhã é descrita, por Gouveia (2009, p. 70), como centro da expressão do operariado. O primeiro jornal aqui publicado foi o *Eco Operário*, em 11 de abril de 1869, e que circulou até 13 de maio de 1870. Mais tarde surgiu *O Tecido*, que circulou durante 10 anos, de 1895 até 1905. A tabela seguinte mostra alguns jornais operários, que foram criados na Covilhã.

Quadro 5. Jornais operários criados na Covilhã

Covilhã

Jornais operários
1902- O Rebate
1903 - O Lidador e O Defensor
1904- A Covilhã, Peregrino da Viagem
1907- Eco da Beira
1908- Despertador
1919- O Dever

Fonte: Gouveia, 2009, p. 76

3.5 Imprensa independente

Conforme já descrito nos parágrafos anteriores, a imprensa esteve ligada, na maior parte dos casos, a questões partidárias e religiosas, tentando assim defender certos partidos ou, então, o clero, o que colocava os interesses do povo num plano sem valor. Com o passar dos anos começaram a surgir jornais que visavam a defesa dos interesses locais. Esses jornais foram intitulados de “independentes”.

Dentre os jornais independentes, temos como exemplos os seguintes:

No Distrito de Castelo Branco:

- ⇒ *O Albicastrense* (1889)
- ⇒ *A Beira Baixa* (1899)
- ⇒ *O Correio da Beira* (1901)
- ⇒ *Folha da Covilhã* (1904)
- ⇒ *O Fundão* (1907)
- ⇒ *Jornal do Fundão* (1946)

No Distrito da Guarda;

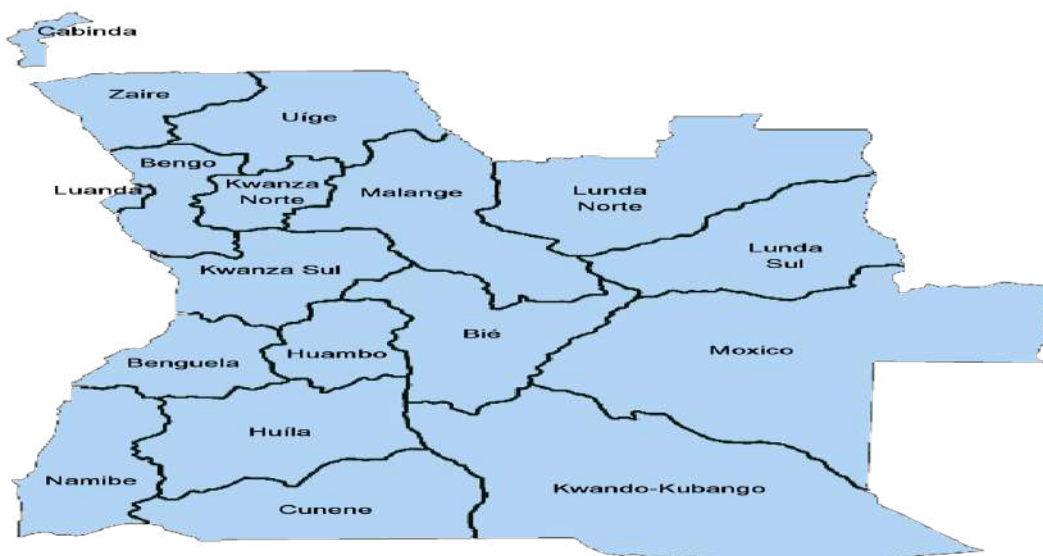
- ⇒ *Farol da Beira* (1865)
- ⇒ *A Reforma* (1876)
- ⇒ *Jornal do Povo* (1878)
- ⇒ *O académico* (1884)
- ⇒ *Notícias da Beira* (1894)

3.6 *Jornal do Fundão*

De súbito, estás folhas escalaram a vertigem do tempo e abriram indelével caminho, o mesmo que ainda hoje pisamos. Tudo começou, lá longe, com oito páginas. Oito. No topo da página um nome: “*Jornal do Fundão*”. (Nuno Francisco, 2012)

A primeira vez que tive um contacto com o *Jornal do Fundão* foi em 2013. Dita, essa frase parece não ter muita relevância, porque o jornal é conhecido por quase todos os portugueses e tem uma grande importância no desenvolvimento socioeconómico da região da Beira Interior. Então, vou contar a história do início. A figura abaixo vai ser precisa para percebermos onde o jornal foi capaz de chegar.

Figura 2. Mapa de Angola



Na figura acima está o mapa do território angolano, e no canto superior esquerdo está a província do Zaire, que faz fronteira com a RDC (República Democrática do Congo). A primeira vez que eu peguei num exemplar do *Jornal do Fundão*, não sabia o que era Fundão. Por curiosidade, pus-me a ler e quis ter mais informação, por isso fui à internet pesquisar sobre o mesmo e acabei por ter mais informações.

Mas a questão é como é que um número do *Jornal do Fundão* foi parar numa Província do extremo Noroeste de Angola, uma cidade que fica longe da capital do país (Luanda). Essa é uma pergunta a que não consigo responder; perguntei ao meu pai, mas ele também não se lembra, contudo, é bem provável que o tenha recebido de algum amigo português, visto que na nossa região há vários portugueses. Em 2016 cheguei a Portugal pela primeira vez. Quando cheguei à receção das residências universitárias da UBI, vi sobre a mesa um jornal e, para meu espanto, era o *Jornal do Fundão*. Depois de tantas perguntas acabei por finalmente conhecer o *Jornal do Fundão*. No ano de 2020 eu disse eu meu pai que o Diretor do jornal português que nós tínhamos em casa era meu professor, e que se tudo desse certo eu faria o estágio no mesmo Jornal. Felizmente, deu certo. Então, o meu pai, por curiosidade, perguntou que jornal era o *Jornal do Fundão*.

Eduardo Alves, (2009, p. 52) descreve como se deu a criação do jornal:

Entalada entre a Serra da Estrela e a Serra da Gardunha está a Cova da Beira. E foi precisamente aqui, numa das vilas que compõem este pequeno território, a do Fundão que passa a cidade a 19 de Abril de 1988, que um então encarregado dos serviços de eletricidade do município fundanense decidiu materializar um sonho antigo. (Alves, 2009, p. 52)

O autor acima citado refere ainda que o criador do *Jornal do Fundão*, António Paulouro, escreveu “num domingo frio de Inverno o primeiro número do Jornal do Fundão”. Pormenorizando as condições climáticas referidas, acrescenta Eduardo Alves:

Tinha caído sobre a Cova da Beira um dos maiores nevões de que havia memória, segundo as publicações noticiosas da época, assunto a que o primeiro número do JF não fugia. Nas salas de cinema William Holder e Glenn Ford trocavam socos e faziam vibrar os espectadores do filme “Texas”. (Alves, 2009, p. 52) Ver se a página está correta

Embora existissem as dificuldades supracitadas e outras que desconhecemos, o *Jornal do Fundão* sobreviveu, prova disso é que existe até hoje e que com o passar dos anos tem melhorado bastante sem perder a sua essência.

Como nos informa o texto publicado no dia 26 de janeiro de 2012 pelo atual diretor do jornal, Nuno Francisco, foi no dia 27 do primeiro mês do ano de 1946 que tudo começou. Depois do surgimento de vários periódicos, António Paulouro Júnior começou com uma aventura, numa pequena vila e rua, numa pequena redação em que a ficha técnica seria provisória, situada no Largo Dr. Alfredo da Cunha, número 5. Reconhecendo as dificuldades da altura, especialmente no que dizia respeito às tipografias, Paulouro disse que publicariam de 4 a 8 páginas.

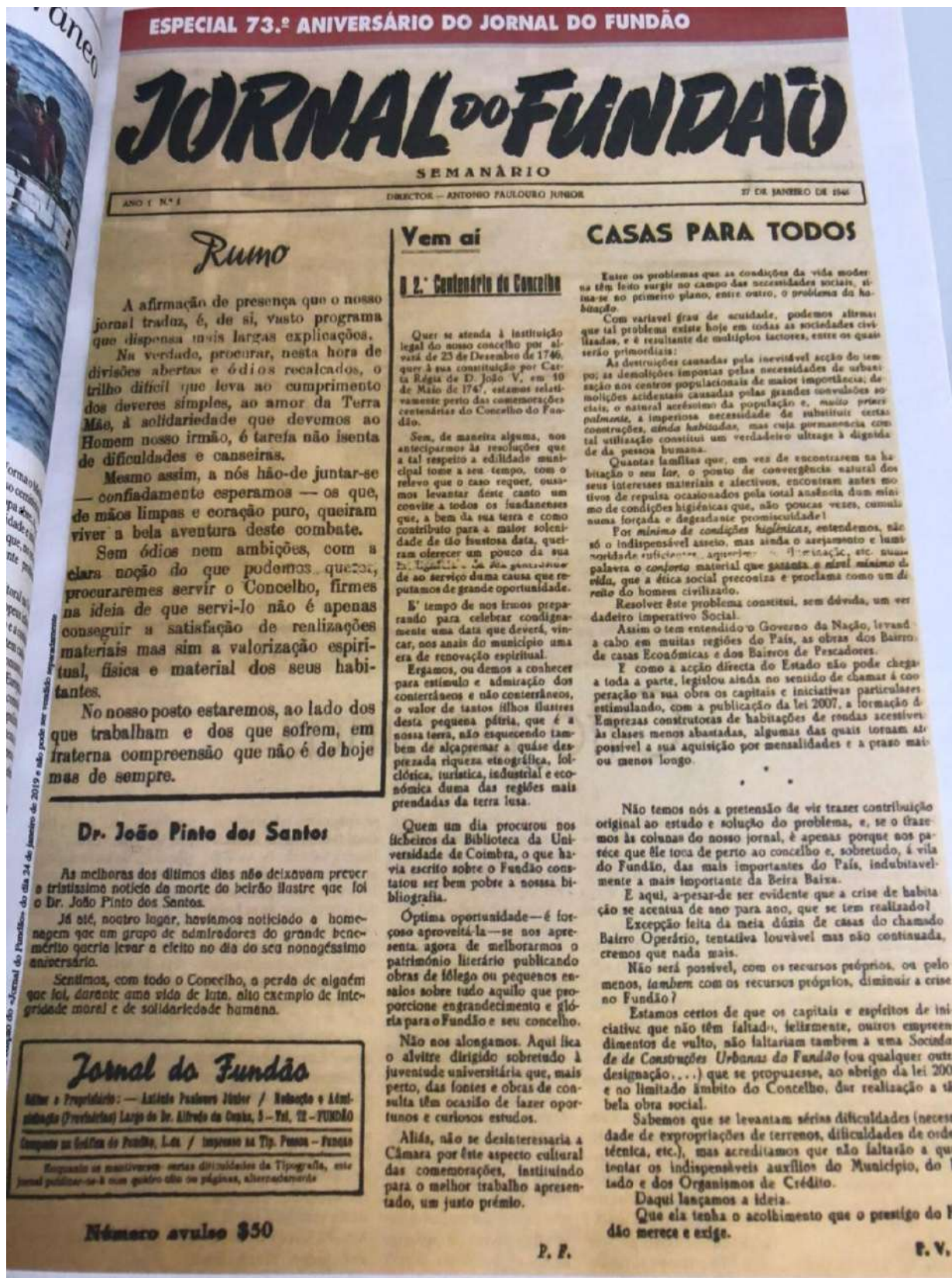
O primeiro número publicado pelo *Jornal do Fundão* tinha como título “*Rumo*”, e vinha com a seguinte descrição:

A afirmação de presença que o nosso jornal traduz, é, de si, vasto programa que dispensa mais largas explicações. Na verdade, procurar nesta hora de divisões abertas sobre ódios recalçados, o trilho

difícil que leva ao cumprimento dos deveres simples, ao amor da Terra Mãe, à solidariedade que devemos ao Homem nosso irmão, é tarefa não isenta de dificuldades e canseiras. Mesmo assim, a nós não de juntar-se confiadamente esperamos -os que de mãos limpas e coração puro, queiram viver a bela aventura deste combate... No nosso posto estaremos, ao lado dos que trabalham e dos que sofrem, em fraterna compreensão que não é de hoje, mas de sempre.

Nesta primeira edição, o jornal realça a sua intenção e a sua linha editorial como um jornal independente que visa defender causas justas, mas sem causar intrigas e ódio; também sublinha que muitos poderiam unir-se ao projeto (jornal), desde que entendessem a causa e, por sua vez, percebessem a intenção, ou seja, a linha editorial do mesmo.

Figura 3. Primeiro número do *Jornal do Fundão*, 27 de janeiro de 1946



ESPECIAL 73.º ANIVERSÁRIO DO JORNAL DO FUNDÃO

JORNAL DO FUNDÃO

SEMANÁRIO

ANO 1.º N.º 1 DIRECTOR - ANTONIO PAULOINO JUNIOR 27 DE JANEIRO DE 1946

Rumo

A afirmação de presença que o nosso jornal traduz, é, de si, vasto programa que dispensa mais largas explicações. Na verdade, procurar, nesta hora de divisões abertas e ódios recalçados, o trilho difícil que leva ao cumprimento dos deveres simples, ao amor da Terra Mãe, à solidariedade que devemos ao Homem nosso irmão, é tarefa não isenta de dificuldades e canseiras. Mesmo assim, a nós não-de juntar-se — confiadamente esperamos — os que, de mãos limpas e coração puro, queiram viver a bela aventura deste combate. Sem ódios nem ambições, com a clara noção do que podemos fazer, procuraremos servir o Concelho, firmes na ideia de que servi-lo não é apenas conseguir a satisfação de realizações materiais mas sim a valorização espiritual, física e material dos seus habitantes. No nosso posto estaremos, ao lado dos que trabalham e dos que sofrem, em fraterna compreensão que não é de hoje mas de sempre.

Dr. João Pinto dos Santos

As melhoras dos últimos dias não deixavam prever a tristíssima notícia da morte do beirão ilustre que foi o Dr. João Pinto dos Santos. Já sié, no troço lugar, havíamos noticiado a homenagem que um grupo de admiradores do grande benemérito queria levar a efeito no dia do seu nonagésimo aniversário. Sentimos, com todo o Concelho, a perda de alguém que foi, durante uma vida de luta, alto exemplo de integridade moral e de solidariedade humana.

Jornal do Fundão
 Editor e Proprietário: — António Pauloino Júnior / Redacção e Administração (Previdência) Largo do Dr. Alfredo da Cunha, 5 — Tel. 72 — FUNDÃO
 Compõe-se no Concelho do Fundão, Lda. / Impresso na Tip. Puroso — FUNDÃO
 Enquanto as circunstâncias certas dificuldades da Tipografia, este jornal publicará-se à sua própria custa em páginas, alteradamente

Número avulso \$50

Vem aí

2.º Centenário do Concelho

Quer se atenda à instituição legal do nosso concelho por alvará de 23 de Dezembro de 1746, quer à sua constituição por Carta Régia de D. João V, em 10 de Maio de 1747, estamos relativamente perto das comemorações centenárias do Concelho do Fundão. Sem, de maneira alguma, nos anteciparmos às resoluções que a tal respeito a edilidade municipal tome a seu tempo, com o relevo que o caso requer, ousamos levantar neste canto um convite a todos os fundanenses que, a bem da sua terra e como contributo para a maior solenidade de tão fustosa data, queiram oferecer um pouco da sua contribuição para a realização de ao serviço duma causa que reputamos de grande oportunidade. É tempo de nos irmos preparando para celebrar condignamente uma data que deverá, vincar, nos annos do município uma era de renovação espiritual. Ergamos, ou demos a conhecer para estímulo e admiração dos concetranos e não concetranos, o valor de tantos filhos ilustres desta pequena pátria, que é a nossa terra, não esquecendo também de alçar a voz a quem se desprezada riqueza etnográfica, folclórica, turística, industrial e económica duma das regiões mais preñadas da terra lusa.

Quem um dia procurou nos ficheiros da Biblioteca da Universidade de Coimbra, o que havia escrito sobre o Fundão constatou ser bem pobre a nossa bibliografia.

Óptima oportunidade — é forçoso aproveitá-la — se nos apresenta agora de melhorarmos o património literário publicando obras de fôlego ou pequenos ensaios sobre tudo aquilo que proporcione engrandecimento e glória para o Fundão e seu concelho.

Não nos alongamos. Aqui fica o alvite dirigido sobretudo à juventude universitária que, mais perto, das fontes e obras de consulta têm ocasião de fazer oportunos e curiosos estudos.

Aliás, não se desinteressaria a Câmara por este aspecto cultural das comemorações, instituindo para o melhor trabalho apresentado, um justo prémio.

CASAS PARA TODOS

Entre os problemas que as condições da vida moderna têm feito surgir no campo das necessidades sociais, situa-se no primeiro plano, entre outros, o problema da habitação.

Com variável grau de acuidade, podemos afirmar que tal problema existe hoje em todas as sociedades civilizadas, e é resultante de múltiplos factores, entre os quais serão primordiais:

As destruições causadas pela inevitável acção do tempo; as demolições impostas pelas necessidades de urbanização nos centros populacionais de maior importância; demolições accidentais causadas pelas grandes convulsões sociais; o natural acréscimo da população e, muito mais palmeira, a imperiosa necessidade de substituir certas construções, ainda habitadas, mas cuja permanência como tal utilização constitui um verdadeiro ultraje à dignidade da pessoa humana.

Quantas famílias que, em vez de encontrarem na habitação o seu lar, o ponto de convergência natural dos seus interesses materiais e afectivos, encontram antes motivo de repulsa ocasionados pela total ausência dum mínimo de condições higiénicas que, não poucas vezes, cumula numa forçada e degradante promiscuidade!

Por mínimo de condições higiénicas, entendemos, não só o indispensável asseio, mas ainda o arejamento e luminosidade suficientes, aquecimento, ventilação, etc. numa palavra o conforto material que garante e eleva o nível mínimo de vida, que a ética social preconiza e proclama como um direito do homem civilizado.

Resolver este problema constitui, sem dúvida, um verdadeiro imperativo social.

Assim o tem entendido o Governo da Nação, levando a cabo em muitas regiões do País, as obras dos Bairros de Casas Económicas e dos Bairros de Pescadores.

E como a acção directa do Estado não pode chegar a toda a parte, legislou ainda no sentido de chamar à cooperação na sua obra os capitais e iniciativas particulares estimulando, com a publicação da lei 2007, a formação de Empresas construtoras de habitações de rondas acessíveis às classes menos abastadas, algumas das quais tornam acessível a sua aquisição por mensalidades e a prazo mais ou menos longo.

Não temos nós a pretensão de vir trazer contribuição original ao estado e solução do problema, e, se o fazemos às colunas do nosso jornal, é apenas porque nos parece que lhe toca de perto ao concelho e, sobretudo, à vila do Fundão, das mais importantes do País, indubitavelmente a mais importante da Beira Baixa.

E aqui, apesar de ser evidente que a crise de habitação se acentua de ano para ano, que se tem realizado!

Excepção feita da meia dúzia de casas do chamado Bairro Operário, tentativa louvável mas não continuada, cremos que nada mais.

Não será possível, com os recursos próprios, ou pelo menos, também com os recursos próprios, diminuir a crise no Fundão?

Estamos certos de que os capitais e espíritos de iniciativa que não têm faltado, felizmente, outros empreendedores de vulto, não lariam também a uma Sociedade de Construções Urbanas do Fundão (ou qualquer outra designação...) que se propuzesse, ao abrigo da lei 200 e no limitado âmbito do Concelho, dar realização a tão bela obra social.

Sabemos que se levantam sérias dificuldades (necessidade de expropriações de terrenos, dificuldades de ordem técnica, etc.), mas acreditamos que não faltaria a quem tentar os indispensáveis auxílios do Município, do Estado e dos Organismos de Crédito.

Daqui lançamos a ideia.

Que ela tenha o acolhimento que o prestígio do Fundão merece e exige.

P. F.

F. V.

Desde a sua criação, o *Jornal do Fundão* sempre tentou levar ao mais alto dos planos os problemas que o povo enfrentava. Para evitar que o povo fosse apenas o recetor e leitor, como acontecia em quase todos os jornais, o *Jornal do Fundão* criou as “Cartas dos Leitores”: um espaço onde os leitores passariam a ser recetores e emissores, porque eles descrevem muitos dos problemas a que os jornalistas não conseguem chegar. Assim, eles passam a ser uma extensão do jornal, que leva os assuntos que lhes interessam até certas entidades, fazendo com que possam ser ouvidos e, se for o caso, com os seus problemas sejam resolvidos.

Capítulo 4. Metodologia

Este primeiro capítulo da segunda parte desta dissertação procura explicar as diversas fases do estudo empírico que foi desenvolvido. Serão esclarecidos o tema, o problema, as hipóteses e objetivos, assim como os métodos e técnicas utilizados para a recolha de dados, bem como o modo como foram aplicados no decurso do estudo.

4.1 Tema e problema

O tema pode ser resumido retomando o título desta dissertação: Jornalismo de proximidade: O *Jornal do Fundão* no olhar da população fundanense.

Apesar de toda a evolução da tecnologia e das ciências e, ao mesmo tempo, de meios de comunicação cada vez mais globais e instantâneos, um meio de informação no interior do país é muito importante, porque permite aos cidadãos acompanhar o que acontece na proximidade da sua região e da sua cidade. A região da Beira Interior e, em especial, a cidade do Fundão, precisam de uma voz que, por um lado, dê a conhecer aos cidadãos o que nelas se passa e, por outro lado, permita que o mundo as conheça. Esse tema foi escolhido para perceber como a população da cidade do Fundão vê a *Jornal do Fundão*, o que o mesmo representa para eles, assim poderemos chegar a uma conclusão sobre o jornal do Fundão, no ponto de vista fundanense.

No que concerne ao problema, ele pode ser formulado do seguinte modo: Como olham os cidadãos do Fundão para o *Jornal do Fundão* (JF)?

Deste problema mais geral decorrem as seguintes perguntas de investigação:

P1. Qual o grau de relevância que os cidadãos do Fundão atribuem às notícias dadas pelo JF sobre a cidade e a região? Por que razões?

P2. Que tipo de comentários produzem os cidadãos do Fundão, através do correio dos leitores, sobre as notícias publicadas no JF?

P3. Os jornalistas do JF são procurados pelos cidadãos do Fundão para investigarem problemas relevantes para a cidade do Fundão e a sua região? Que tipo de problemas?

4.2 Objetivos e hipóteses

Este projeto tem como objetivo geral determinar em que medida o *Jornal do Fundão* constitui – no duplo sentido de formar e criar - uma comunidade de leitores, incluindo os cidadãos do Fundão e da região, que se revêm nas suas notícias, nos seus temas, nas suas reivindicações; que

comentam e reagem a essas notícias; que procuram os jornalistas do JF para exporem os problemas comuns e proporem a investigação jornalística acerca dos mesmos.

Tendo em conta a revisão da literatura, as nossas hipóteses relativamente às perguntas de investigação que formulámos atrás são as seguintes:

H1. Os cidadãos do Fundão atribuem maior relevância às notícias do JF que tratam de problemas comunitários da cidade e da região.

H2. Através do correio dos leitores, os cidadãos do Fundão comentam sobretudo as notícias que denunciam situações lesivas dos interesses da cidade e da região.

H3. Os jornalistas do JF são procurados pelos cidadãos do Fundão para investigarem problemas relevantes para a cidade do Fundão e a sua região, nomeadamente aqueles que consideram pôr em causa o interesse público.

4..3 Metodologia e desenho da investigação

Para responder às nossas perguntas de investigação e, assim, ao nosso problema, utilizámos uma metodologia simultaneamente quantitativa e qualitativa, assente nas seguintes técnicas: - Análise de conteúdo do correio dos leitores do JF durante o período de um ano (janeiro a dezembro de 2019), procurando identificar as notícias que foram objeto de comentários e porquê, bem como o teor dos mesmos (favorável, desfavorável, neutro).

- Entrevistas semiestruturadas a uma amostra de cidadãos do Fundão, incluindo responsáveis políticos e de associações desportivas e culturais.

- Entrevistas semiestruturadas ao Diretor do JF, Nuno Francisco e outros jornalistas do jornal como: Filipe Sanches, Catarina Canotilho e Lúcia Reis.

A primeira entrevista foi realizada no dia 15 de abril de 2021, ao presidente da Câmara Municipal do Fundão. Por questões pandémicas, o presidente convidou-me para uma reunião pelo zoom, e durante meia hora respondeu às questões que lhe foram colocadas.

No mês de junho, depois de uma conversa com o diretor do *Jornal do Fundão*, fui até o jornal onde, no dia 21 de junho, conversei com alguns jornalistas, incluindo o diretor do jornal. Na saída do jornal fui até a Junta da Freguesia do Fundão, para entrevistar o respetivo presidente. Infelizmente, não consegui fazer a entrevista, mas o representante em causa deu-me o seu número de telemóvel e, mais tarde, em 24 de junho, consegui falar com ele pela primeira vez, tendo havido uma segunda conversa telefónica entre nós no dia 30 de junho.

Durante as minhas viagens ao Fundão aproveitei para conversar informalmente com outros residentes, como mais adiante será referido.

Capítulo 5. Análise de resultados

5.1 Cartas dos leitores

A carta é descrita como um gênero discursivo que, com o passar dos anos, tem servido de meio de comunicação para distintos objetivos: pode servir para agradecer, para dar informações, para fazer cobrança, prestação de contas, propaganda, solicitação e, em muitos países africanos, servem, até hoje, para pedir a namorada em noivado.

De acordo com Paiva (2004), citado por Sandra Regina e Lilian Buzato,

[...] a carta, em si só, teve o seu surgimento na Grécia antiga e era utilizada em questões militares, administrativas e políticas, expandindo-se para mensagens particulares e, aos poucos, para propósitos variados como religião, documentação, petição, manifestação, registo de histórias familiares. (Regina & Buzato, 2007, p. 2061)

Com o passar dos anos, o uso das cartas foi sofrendo alterações, tendo a tecnologia tido grande influência nesta questão. Mas, pese embora essa evolução e o passar do tempo, as cartas não deixaram de existir, assumindo formas diferentes.

Para muitos autores e jornalistas, citados pelas autoras acima referidas (Regina & Buzato, 2007, p. 2062), as cartas dos leitores são de grande importância para o jornalismo. Assim, a carta do leitor pode ser comparada a um termómetro que afere o grau de sucesso dos artigos publicados nos jornais (ou revistas), pois os leitores escrevem reagindo, positiva ou negativamente, ao que foi publicado. As cartas proporcionam uma interação entre leitores e jornais, dando a estes uma ideia das expectativas daqueles em relação à linha editorial do jornal que as publica. Quanto à finalidade e utilidade das cartas dos leitores, Paiva sublinha que

[...] a carta do leitor constitui, sobretudo, um dispositivo eficaz de divulgação de problemas nos quais muitas vezes, pessoas defendem-se de serviços mal prestados ameaçando denunciar seus responsáveis ao “escrever para os jornais”. Assim, a carta do leitor pode configurar-se com teor de queixa, crítica e/ou denúncia. (Paiva, 2004, citado em Regina & Buzato, 2007, p. 2062)

Indo no mesmo sentido que os autores citados por Regina e Burato, Marisa Torres da Silva observa que

Os mass media, desde muito cedo, aperceberam-se de que não podiam continuar fechados no seu “mundo”, sem convocar a participação e o debate dos utentes dos media, ou melhor, para usar uma expressão mais próxima do que queremos aqui apresentar, do público. Um público que, continuamente, interpela os seus meios de comunicação, sem, no entanto, conseguir, na maior parte das vezes, aceder igualmente ao seu espaço elitista. (Silva, 2008, p. 263),

Conforme descrito por Marisa Torres da Silva, as cartas dos leitores já existem na imprensa há bastante tempo, enquanto espaço onde os jornalistas publicam comentários feitos pelos leitores,

acerca dos mais variados temas da sociedade. A ideia dessas cartas já existe desde pelo menos os finais do século XV.

Contudo, é de salientar que as cartas dos leitores, como regra, estabeleceram-se apenas no século XIX, tendo como principal nome o jornal nova iorquino *The New York Times*, no dia 18 de setembro de 1851.

Como realça Wahl- Jorgensen (2006, p. 221)¹², a seção “Cartas dos Leitores” “tem um lugar único no jornalismo local”, pois o único espaço no jornal onde os leitores deixam de ser apenas recetores e leitores, mas passam a ser emissores. A partir deste espaço, podem manifestar-se, com as suas próprias palavras, a respeito das pequenas e grandes questões que preocupam a comunidade onde estão inseridas e, por sua vez, dar a conhecer esta realidade a outras pessoas, ou seja, passam a ser, até certo ponto, uma extensão do jornal. As cartas dos leitores são, assim, uma maneira de aprofundar a democracia e a liberdade de expressão. Desse modo, e como já referido nos pontos anteriores, o jornalismo constitui-se como o moderador entre a comunidade e as entidades políticas e outras.

Nesta pesquisa propusemo-nos estudar as cartas dos leitores publicadas na secção “Cartas dos Leitores” do *Jornal do Fundão* entre o período de janeiro e dezembro de 2019, com uma periodicidade de uma vez por semana, visto que o *Jornal do Fundão* é um jornal semanário, perfazendo um total de 40 cartas. O nosso objetivo era duplo: por um lado, observar como as cartas dos leitores têm ajudado os jornalistas a desenvolverem o seu trabalho; por outro lado, identificar os assuntos mais abordados por elas e que, assim, mais preocupavam (preocupam) a comunidade dos leitores do jornal.

A análise que se fez centrou-se nas seguintes categorias:

- Tema: assunto tratado na carta
- Título: título da carta
- Número do Jornal: número do jornal em que a carta foi publicada
- Autor: pessoa que assina a carta
- Local: localidade a que pertence o autor da carta

Vive-se numa era em que todo o mundo luta por democracia, ou seja, o povo quer ver os seus problemas resolvidos, aproveitando muito bem toda a oportunidade de poder dirigir-se às autoridades governamentais e outras. Por isso, a maior parte das cartas dirigidas ao *Jornal do*

¹² “The Letters to the Editor section has a unique place in local journalism, because it is the only place in the newspaper where readers have their say, in their own words, on the small and large issues that preoccupy communities everywhere”. (Wahl- Jorgensen, 2006, p. 221).

Fundão é sobre situações que os cidadãos esperam que sejam resolvidos pelo governo. Como realçou Filipe Sanches, jornalista do *Jornal do Fundão*,

*Normalmente é a para relatar uma situação que não está bem e que tem prejudicado a vida das pessoas, como problemas com a água, um problema na estrada, caminhos, lixo, esgotos e muitos outros problemas que deveriam ser resolvidos e não são. (Filipe Sanches, jornalista do *Jornal do Fundão*)*

Cartas dirigidas às autoridades governamentais e outras¹³

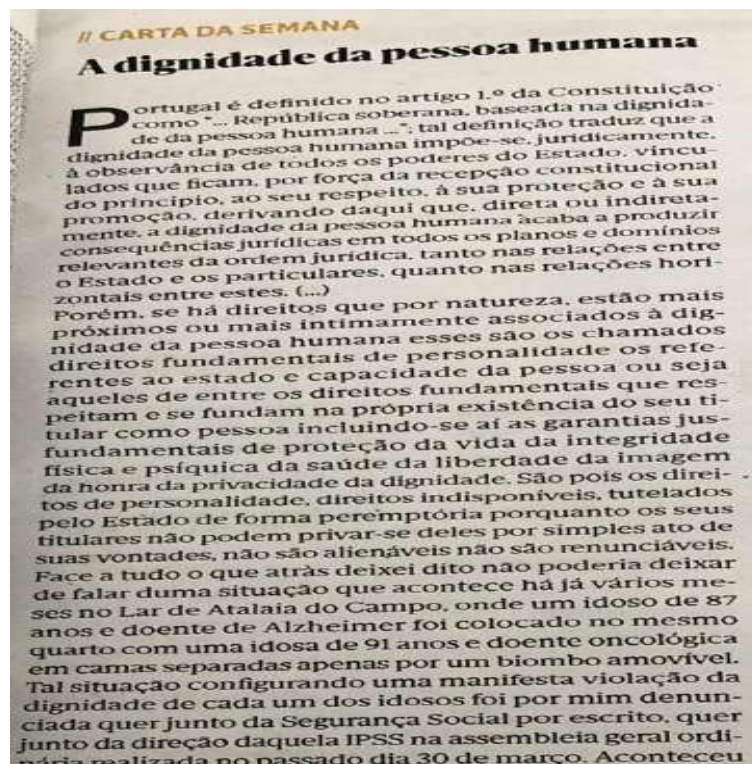
- Carta aberta à Sra. Ministra da Justiça e ao Sr. Juiz Presidente da Comarca de Castelo Branco- JF nº 3778 – Rocha Pereira (Advogado)- Covilhã.
- A dignidade da pessoa humana – JF nº 3803 – Rui Mota C. pereira – Atalaia do Campo.
- Carta aberta ao provedor da Misericórdia da Covilhã – JF nº 3822 – O presidente da Mesa da Assembleia de Freguesia de Teixoso e Sarzedo, Pedro Leitão Pais; o executivo da União de Freguesias de Teixoso e Sarzedo, presidente José Alberto Sousa Pais; em representação dos pais e encarregados de educação do Infantário “O Meu Cantinho”, Hugo Passarinha.
- Segurança Social confirma irregularidades em Lar da Santa casa da Misericórdia do Fundão – JF nº 3781 – Maria Clara Ramos – Fundão.
- Parabéns, Hospital Amato Lusitana – JF nº3788 – J. Martins da Silva – Soalheira.
- Crise na Assembleia de Freguesia de Verdelhos – JF nº 3783 – Adelino Morais Rosa-Verdelhos.
- O Centro Social e Cultural de Verdelhos – JF nº3807 – Francisco Antunes e outros subscritores devidamente identificados – Verdelhos.
- Se o que se passou em Mariana e Brumadinho (Brasil) ocorresse em Portugal no cabeço do Pião – JF nº 3784 – Anselmo Casimiro Ramos Gonçalves – Doutor em geografia, ramo de geografia física. Mestre em geografia física e estudos ambientais pela universidade de Coimbra.
- Queixa por poluição ambiental – JF nº 3812- pela Comissão de Moradores da Gramenesa – Fernanda Alves – Fundão.
- Desertificação da Beira interior – JF nº3824 – António Elísio Dias – Viseu.

Todas as cartas, acima citadas, são dirigidas às autoridades, esperando, assim, que o jornal as faça chegar aos seus destinatários. Um são problemas a serem resolvidos e outras são questões a serem evitadas. Vamos ver um exemplo específico de uma destas cartas: a que foi publicada no JF nº 3803, escrita por Rui Mota C. Pereira, residente na Atalaia do Campo, com o título “A dignidade da pessoa humana”.

¹³ Algumas cartas estão em anexo.

Na carta o autor refere que, segundo o artigo 1.º da Constituição, Portugal é uma República soberana, baseando-se na dignidade da pessoa humana, mostrando assim que a dignidade humana está acima de tudo. Na mesma carta, o emissor descreve uma situação que se passa no lar de idosos na Atalaia do Campo, onde dois idosos, que têm problemas de saúde totalmente diferentes, são mantidos no mesmo quarto e as camas estão separadas por um biombo amovível. Depois de ver essa situação por vários meses e ter feito uma comunicação escrita à Segurança Social, nada foi feito, pois os idosos, um com alzheimer e outro com problemas oncológicos, continuavam nas mesmas condições. Na tentativa de ver o problema resolvido, o autor enviou esta carta ao jornal, na tentativa de que esta pudesse chegar a outras entidades da região. O jornal fez, assim, o papel de mediador ou porta-voz (A carta, na sua totalidade, consta nos anexos).

Figura 4. Carta da semana



Este espaço do *Jornal do Fundão* não recebe apenas cartas com mensagens dirigidas às autoridades, mas também cartas que falam de vários aspetos que envolvem a região. Célia Reis descreve o espaço das "Cartas dos Leitores" como aquele lugar, dentro do jornal, onde o leitor faz a sua justiça, onde diz as coisas que o jornal não publicou não porque não quis, mas porque não teve acesso a esta mesma informação., A jornalista do *Jornal do Fundão* sublinha ainda que este é um espaço de diálogo entre a comunidade e os responsáveis de várias áreas, um espaço onde o

cidadão comum tem a oportunidade de se pronunciar. Vejamos agora o título de algumas cartas e o seu devido destinatário.

Empresas da Beira Interior

- 78.º encontro de ex-bancários do Banco Pinto e Sotto Mayor da Covilhã e Fundão- JF nº3777 - António Alves Fernandes – Aldeia de Joanes.

As cartas deste género têm como intuito realçar as atividades de algumas empresas, desde convocatórias de reuniões, aniversários, reencontros e muitas outras atividades. O objetivo é essa informação chegar a muitos dos outros membros que, há muito tempo, se mantêm desvinculados das referidas empresas, mas que mantêm o seu vínculo com o jornal. O título da carta acima é um exemplo de muitas outras já enviadas.

Festividades na região

- Cheirinho de Natal- JF nº 3779 – Joaquim Luís Gouveia – Casteleiro.

Com o passar dos anos, a maneira como se comemora alguns feriados tem mudado bastante. Por isso, Joaquim Gouveia faz uma descrição de como era o Natal, ou seja, como deve ser na sua essência, especialmente na região do interior, onde a agricultura tem um papel fundamental no processo socioeconómico. A carta visa realçar o valor da natureza, pois ele descreve como as coisas eram feitas tradicionalmente e como são mais agradáveis quando feitas assim. Ao publicar essa carta, o jornal reconhece esse fator, pois em toda a parte do mundo as coisas vão mudando e muitas coisas que, outrora, faziam parte da nossa real cultura, hoje deixaram de fazer. Neste sentido, o autor procura demonstrar como essa mudança terá afetado a originalidade de uma data que, por muitos anos, tem acompanhado muitos, especialmente os católicos.

Figura 5. Carta de leitor



Monumentos históricos

- A secadeira do Carvalhal- JF nº3780 – Luís Castanheira- Souto da Casa e Fundão.

Um das principais características da cultura de um povo, de uma determinada comunidade, ou até mesmo de uma região, são as construções mais antigas, que passam a ser o património de todos. Muitos leitores do *Jornal do Fundão* referem-se a esse património. António Manuel, residente na cidade do Fundão e um leitor assíduo do jornal, acredita que é importante que se fale do valor dos vários monumentos da região, porque são eles a principal imagem de uma verdadeira cultura para que muitos olham, mas que não compreendem. E, reforça o fundanense, é bom saber que o jornal tem este espaço, onde eu me sinto, não como um mero comprador, mas sim como um leitor participante, onde as pessoas possam tomar conhecimento dos problemas para poderem resolvê-los.

Beirões pelo mundo

- Um missionário jornalista e professor – JF 3782 - António Alves Fernandes – Aldeia de Joanes.

“Beirões pelo mundo” é um outro espaço encontrado no *Jornal do Fundão*, que visa falar da vida e várias pessoas da região, que, por uma circunstância da vida, tiveram que se mudar para outras zonas para procurarem uma condição de vida melhor e que conseguem singrar nestes países. Contudo, muitos leitores, quando escrevem para o jornal, destacam, também, vários ex-residentes da região que hoje possuem cargos ou responsabilidades no país de residência, mostrando o orgulho e alegria de ver o conterrâneo a ser bem-sucedido numa outra terra.

Desporto

- O campo de lamentações e lesões – JF nº 3785 – Francisco Pinto Cruz Abrantes – Covilhã.
- Carta aberta ao presidente do Sporting Clube da Covilhã – JF nº 3789 – Carlos Manuel Dionísio Feliciano – Sócio nº 374 – Covilhã.

Os títulos das cartas que falam de desporto poderiam estar na parte de “cartas dirigidas às autoridades governamentais”; porém, por serem muito específicas, decidimos separá-las. O desporto está bem presente na região, nas suas diferentes modalidades, desde o futebol até ao ping-pong. Tem o Sporting Clube da Covilhã como o principal nome no futebol, visto que este se encontra na segunda divisão portuguesa. Depois surgem equipas, tanto de futebol como de futsal, que estão nos campeonatos nacionais e regionais. Por esta razão, surge a necessidade de as coisas que dizem respeito ao desporto estarem bem preparadas.

Na carta que tem como título “O campo de lamentações e lesões”, escrita pelo covilhanense Francisco Abrantes, o autor manifesta o seu descontentamento por, em pleno século XXI, ainda se jogar futebol em campos de terra batida, ou, como são conhecidos na gíria, “pelados”. Coisa esta que, para o autor da carta, é inadmissível, pois vivemos numa era em que o futebol deve ser praticado no relvado, seja ele sintético ou natural, porque os campos sem relva causam muitas lesões e, se houver uma chuva, eles não permitem jogar. E isso dificulta a situação dos jogadores e também o seu desempenho.

Figura 6. Carta da semana



Memorial

- Relembrar Joaquim Garra – JF nº 3790 – Fernando Paiva – Covilhã.
- Tributo à Revolução dos Cravos – JF nº 3792 – J. Martins da Silva – Soalheira.

- Souto da Casa – A “tia Augusta” – JF nº 3819 e 3821 – António Alves Fernandes – Aldeia de Joanes.
- Luís Cerdeira Reis: Breve evocação de um autarca Infatigável e respeitado – JF nº 3796 – Paulo Silveira – Três Povos.

Quando, acima, se fala de património cultural, fala-se de construções e muitos outros aspetos. Um desses aspetos são acontecimentos e pessoas que, para muitos, marcaram o país e a região em si. Os leitores enviam cartas de momentos e nomes importantes que gostariam que a comunidade não esquecesse. Isso permite o reconhecimento destas pessoas. O jornal dá uma oportunidade ao leitor de dizer o que acha imprescindível, e dizer à comunidade o que realmente tem valor.

Fundão

As cartas dirigidas ao JF sobre aspetos da cidade do Fundão visam mostrar elementos que enaltecem a cidade, uma maneira de chamar turistas para conhecerem o interior de Portugal, falando também de várias curiosidades da cidade.

- O parque de Campismo do Fundão está bem e recomenda-se – JF nº 3791 – O Conselho de Administração da Fundação.
- Parque de Campismo do Fundão entregue à Bicharada- JF nº 3792 – Joaquim Figueiredo, Fundão.
- O homem vestido de preto – JF nº 3797 – António Alves Fernandes – Aldeia de Joanes.
- Ainda sobre a Feira do Queijo da Soalheira – JF nº 3799 – J. Martins da Silva – Soalheira.
- Belezas da Cova da Beira – JF nº 3806 – José Salvado – Amadora.
- Atalaia do Campo, hoje! – JF nº 3817 – Rui Mota – Atalaia do Campo.
- Carta aberta aos meus utentes e amigos da Atalaia do Campo, Póvoa da Atalaia e Soalheira – JF nº 3818 – João Freitas.

Veja-se o seguinte trecho:

O Fundão da minha Beira tem encantos e beleza. Tem boa fruta de primeira sempre doce na mesa. Tem a flor da cerejeira que o campo veste de branco. A cova da minha Beira muitas vezes muda de manto. Tem hotéis e tem pensões para bem dormir e melhor comer. E gente de bons corações que aos visitantes dão bom viver. De tudo bom tem o Fundão porque só bem sabe fazer. Que até de amoroso coração aos migrantes dá bom viver. Tem a Gardunha sua vizinha que lhe dá boa almofada. E ao visitante boa estima que logo lhe dá à sua chegada. Tem a grande festa da cereja, em Alcongosta realizada. E boa comida à sua mesa com a melhor cereja encarnada. De tudo tem um bocadinho, a bonita Cova da minha Beira. Boa fruta e bom vinho que sempre puro sai da torneira. Obrigado a quem faz bem no Fundão ou em qualquer lugar. E que saúde tenha também para os anos passar. (Belezas da Cova da Beira – JF nº 3806 – José Salvado – Amadora)

Nesta carta, o autor, embora não viva no Fundão, descreve as qualidades da sua terra natal, falando dos pontos mais lindos da região, atraindo assim a atenção de várias pessoas e incitando-as a conhecerem cada canto e recanto desta zona do país¹⁴. Muitos dos leitores que hoje não vivem no Fundão escrevem cartas falando do *Jornal do Fundão*. Demonstram, desse modo, o real valor e a importância do jornal nas suas vidas e como este tem ajudado a comunidade.

Numa conversa com um residente do Fundão, João Maia, no dia 15 do mês de maio de 2021, descreve o *Jornal do Fundão* como uma parte importante da sua vida, reforçando que, durante o tempo todo, o jornal tem sido a sua fonte primária de informação e que, por meio do mesmo, tem aprendido sobre a região: “O jornal é a minha escola, é o meu centro de formação e é a minha bússola. A televisão raramente fala da nossa região, por isso é necessário o meu que nos dê informações do que acontece na região e, especialmente na nossa cidade”.

Jornal do Fundão

- Mário Campos, por trás do Jornalista, um avô – JF nº 3793 – Teresa Salvado – Lisboa.
- Jornal do Fundão faz parte do meu ADN – JF nº 3795 – António Elísio Dias – Viseu.

Na carta de António Dias, residente em Viseu, ele faz uma descrição de como o *Jornal do Fundão* faz parte do seu ADN, pois tudo começou na altura em que ele era apenas um menino, tendo crescido lendo o mesmo. Conseguir notar que o jornal mantém hoje a sua originalidade; contudo, salienta que há alguma coisa que o jornal poderia melhorar: “Apenas um “senão”! Penso que podia olhar mais para as freguesias deprimidas do sudoeste do concelho, para além do “umbigo” da Cova da Beira” (António Dias).

Figura 7. Carta da semana



¹⁴ É de recordar que, embora o *Jornal do Fundão* seja um jornal regional, ele atinge vários países. Como já referi, no meu caso, eu conheci o jornal estando em Angola.

Muitos que, pelo jornal ou por outra forma, chegam à Cova da Beira, acabam por ficar presos a este lindo recanto, localizado em meio às serras. Quando cá se chega, por ser uma zona fria, muitos não têm o desejo de ficar; porém, com o passar do tempo, todos se encantam com esta incrível região do país. Por este motivo alguns enviam cartas falando de estrangeiros que vieram e ficaram nesta região e que os seus atos deveriam ser lembrados. Veja-se o exemplo da carta a seguir.

Do Mundo para Beira

- Tom Hamilton – JF nº 3794 – António Alves Fernandes – Aldeia de Joanes.

Embora o jornal tenha a sua sede no Fundão, é de recordar que as cartas vêm, ou são dirigidas às diferentes cidades da região da Beira interior, ou seja, aos distritos de Castelo Branco e da Guarda.

Covilhã

- Jardins de Infância do Dominguizo boicotam Dia das Crianças na Covilhã – JF nº 3798- Associação de pais das escolas do Dominguizo.
- Caminho e curvas do tempo no Ferro – JF nº 3811- Maria Bárbara Afonso Marrocano.

Beira Interior

- Encontro de ex-alunos dos seminários da Guarda e Castelo Branco – JF nº 3800 – António Alves Fernandes – Aldeia de Joanes.
- Reportagem da RTP sobre as Terras abandonadas por causa do incêndio 2017 – JF nº 3802- Mário Pires Miguel.
- A cruz do Senhor Reitor – JF nº 3798 – Manuel Lemos – Médico e professor na UBI – Covilhã
- A morte lenta da Aldeia de S. Francisco de Assis – JF nº 3792 – Maria Victória Alves Silva – Aldeia de Francisco de Assis.
- Casegas, onde não nasci, mas vivi de tenra idade – JF nº 3788 – João de Jesus Nunes, Covilhã.

Religião

- Portugueses de Troyes festejam as aparições de Fátima – JF 3782 – António Fernandes Alves – Troyes, França.
- A igreja está mais pobre – JF nº 3781 – António Alves Fernandes, Aldeia de Joanes.
- Descontente com o padre – JF nº 3805 - Covilhã

Hoje, muitos jornais querem sócios, ou seja, pessoas que ajudam economicamente o jornal; contudo, isso não significa que elas determinem o conteúdo desse jornal... O espaço das cartas dos leitores serve para demonstrar, precisamente, que a democracia está presente no meio da comunicação social, porque é um espaço onde se diz o que se pensa sobre os mais variados assuntos.

De acordo com a investigadora brasileira Cícilia Peruzzo (2002), o meio de comunicação social, antes de ser uma instituição ou uma empresa privada, que tem como objetivo gerar dinheiro para os seus donos, é um bem público, cuja utilização deve estar a serviço da coletividade

O produto do meio de comunicação não é como um sapato de uso externo, descartável quando incomoda o usuário. Ele tem o potencial de interferir nos valores e na formação da cultura, principalmente das crianças e adolescentes. (Peruzzo, 2002, p. 74)

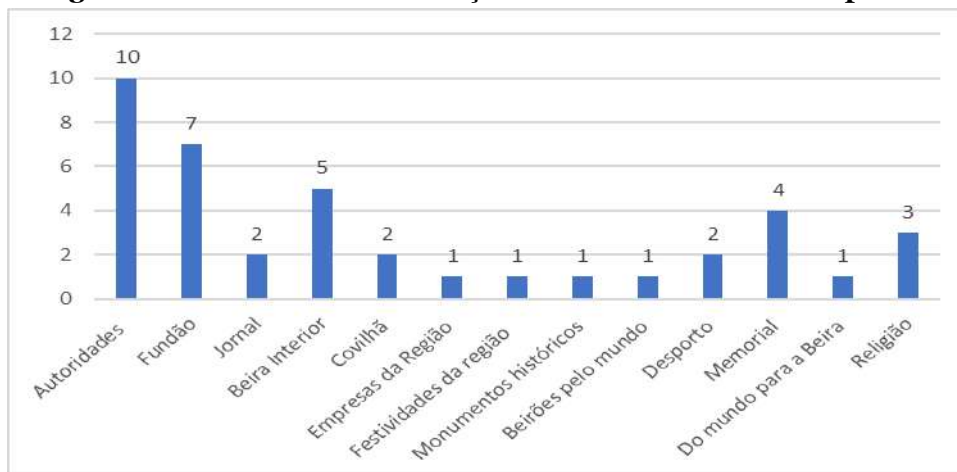
As cartas de leitores, para muitos, podem parecer apenas um espaço de desabafo, mas na verdade não o são, pois marcam o momento em que o cidadão deixa de ser um mero ouvinte e leitor, para passar a ser um participante na informação. O *Jornal do Fundão*, segundo o jornalista Filipe Sanches, na seleção das cartas dá prioridade as cartas onde a informação tem maior impacto para a sociedade. Para os jornalistas, as cartas passaram a ser uma parceria, pois conseguem ter acesso a notícias a que de outra maneira não teriam acesso.

O gráfico a seguir mostra como, no geral, as cartas são dirigidas, sendo predominante a presença de cartas dirigidas às entidades governamentais. As legendas têm o seguinte significado:

- Autoridades: são todas as cartas dirigidas às mais variadas instituições governamentais e de poder
- Beira Interior: são todas as cartas que falam de aspetos e pessoas da região da Beira Interior
- Fundão: são as cartas que falam especificamente de aspetos e acontecimentos da cidade do Fundão
- Jornal: são as cartas que focam aspetos relativos ao jornal
- Covilhã: são as cartas dirigidas à cidade da Covilhã, desde aspetos políticos às atividades socioculturais e outros
- Empresas da Região: cartas escritas pelas empresas ou dirigidas às empresas da região
- Desporto: descrevem aspetos que tocam a diferentes modalidades que se desenvolvem na região
- Memorial: cartas que descrevem momentos e pessoas que marcaram a região
- Religião: cartas que falam de comemorações, acontecimentos e problemas religiosos
- Monumentos históricos: descrevem construções e outras formas de arte existentes na região

- Do mundo para a Beira: cartas de pessoas que vieram de outras zonas do mundo (como o meu caso) e que, hoje, fazem da Beira Interior a sua casa
- Beirões pelo mundo: são cartas sobre as pessoas que nasceram na Beira Interior, mas que, por motivo de força maior, foram viver noutros lugares
- Festividades da Região: cartas que relembram o valor das comemorações e das festas da região

Figura 8. Gráfico com distribuição das Cartas dos Leitores por temas



Fonte: Elaboração própria

Tema	Nº de cartas	% de cartas
Autoridades	10	25
Fundão	7	17,5
Jornal	2	5
Beira Interior	5	12,5
Covilhã	2	5
Empresas da Região	1	2,5
Festividades da região	1	2,5
Monumentos históricos	1	2,5
Beirões pelo mundo	1	2,5
Desporto	2	5
Memorial	4	10
Do mundo para a Beira	1	2,5
Religião	3	7,5
TOTAL	40	100

Neste trabalho, fez-se análise de 40 cartas, que foram publicadas nos números do ano 2019, ou seja, de janeiro a dezembro. Visto que o Jornal do Fundão é um jornal semanário, por ano são publicados 52 números que correspondem ao número total de semanas. Mas as cartas de leitores não são publicadas em todos os números. As cartas analisadas foram publicadas em 30 números. Dos 52 números publicados durante aquele ano, 12 não incluíam uma carta dos leitores, enquanto alguns números tinham mais de uma ou mesmo mais de duas cartas. A imagem a seguir mostra um número publicado que teve 3 cartas de leitores, mas com diferentes assuntos.

Figura 9. Cartas dos Leitores - JF nº 3792



Conforme vimos no gráfico, a maior percentagem de cartas é dirigida às autoridades (um total de 10 cartas, o que representa 25% das cartas publicadas) visto que, por si só, a população não consegue fazer a sua voz chegar às entidades superiores. Assim, o jornal serve de mediador e o espaço das cartas de leitores serve para trazer a público todo o tipo de assuntos. Contudo, os cidadãos que integram a comunidade do Fundão aproveitam esse espaço sobretudo para que as suas questões cheguem aos ouvidos de quem os governa, assim, todas as 10 cartas, falam de aspetos que atingem o povo e que podem ser resolvidos pela entidade máxima da região. Essa maior percentagem mostra, também, como o povo confia o JF como o porta-voz confiável do povo.

Embora seja um jornal regional, o JF está localizado na cidade do Fundão, por isso é normal que quem viva na cidade sinta mais orgulho do jornal do que quem vive em outra zona. No diz respeito a as cartas dirigidas a cidade, que foram 7 no total, cerca de 17,5%, é notório que os leitores aproveitam esse espaço para descrever o que a cidade tem de bom, e isso ajuda a atrair turistas para essa zona, mas serve também para descrever assuntos não agradáveis.

Na Categoria Beira Interior, vimos como a população reconhece o papel regional do JF, pois as 5 (12,5 %) cartas dirigidas reforçam momentos e aspetos da região, juntando os dois distritos da região (Castelo Branco e Guarda), para mostrar o que acontece no interior do país e o que têm de melhor.

Na categoria Memorial, com 4 cartas (10%), essas cartas demonstram em como o aspeto cultural tem recebido o seu real valor, muitos leitores recordam datas e acontecimentos que marcaram a região. Nesta mesma linha de ideia, a categoria de religião com 3 cartas (7,5%), demonstra o valor às crenças e também a preservação do que é certo.

Com apenas duas cartas (5%), a categoria de Jornal, são as cartas dirigidas especialmente ao JF, com ajuda dessas cartas, percebemos a importância que o jornal tem para o povo, e como eles olham o jornal, “algo que faz parte do seu ADN”.

Todas as outras categorias como: Covilhã; Empresas da Região; Festividades da Região; Monumentos Históricos; Beirões pelo mundo; Desporto e Do mundo para Beira têm menos cartas, mas ainda assim, mostram que a população está interessada com tudo que acontece na região e que vê o jornal como o meio exato para a resolução dos seus problemas.

5.2 Entrevistas

Depois de uma análise das cartas dos leitores, foram entrevistadas algumas entidades e residentes da cidade do Fundão. Conforme descrito por Laurence Bardin (1977 p. 65), essas entrevistas foram objeto de análise de conteúdo, tendo como objetivo tirar partido de um material qualitativo e não apenas quantitativo.

Para o real entendimento do impacto e valor do *Jornal do Fundão* para a comunidade fundanense, conversámos com algumas pessoas do local. Visto que estamos numa época pandémica, o processo foi muito complicado, pois não me podia deslocar com facilidade e o contacto com elas era muito difícil; mas mesmo assim, consegui fazer algumas entrevistas.

Na altura da sua conceção, essas entrevistas, de carácter semiestruturado, incluíam as seguintes questões:

Para os fundanenses

1. Lê habitualmente o *Jornal do Fundão*? Se sim, com que objetivos?
2. Costuma discutir as notícias do *Jornal do Fundão* com os seus amigos e familiares? Porquê?
 - 2.1. Se sim, a vossa discussão incide sobre as notícias em geral ou sobre algum tipo específico de notícias?
3. Qual a importância económica, social e cultural que atribui à existência do *Jornal do Fundão* para a cidade do Fundão?
4. Acha que o *Jornal do Fundão* reforça o sentido de comunidade dos habitantes da cidade do Fundão? Porquê?
5. Considera que a linha editorial do *Jornal do Fundão* é justa e imparcial ou que, pelo contrário, ela defende os interesses de determinados grupos e pessoas?
6. Que mudanças proporia para melhorar o *Jornal do Fundão*? Porquê?

Para os jornalistas do Jornal do Fundão:

- 1- Na sua opinião, qual é o papel do Jornal do Fundão na cidade do Fundão?
- 2- Qual tem sido a adesão da população local às causas defendidas pelo jornal?

3- Como avalia o impacto do jornal na comunidade fundanense?

4- Qual é o contributo das cartas dos leitores para o trabalho dos jornalistas?

5- Que assuntos são predominantes nas cartas dos leitores?

Numa conversa aberta com o presidente da Câmara do Fundão, Paulo Alexandre Bernardo Fernandes,¹⁵ tentámos entender o ponto de visto do representante máximo da cidade sobre o *Jornal do Fundão*. o mesmo afirmou ser o leitor assíduo do jornal, e reconheceu que hoje lê o jornal como cidadão e como presidente da câmara, pois é o meio mais seguro e adequado para ter acesso a vários assuntos relevantes da cidade. Para ele, ler o jornal é uma obrigação

Com esta entrevista conseguimos avaliar o valor e o impacto do jornal do jornal no ponto de vista da autoridade máxima do Fundão¹⁶, reconhecendo que o jornal tem sido uma marca que tem revolucionado a cidade e a região.

Era fundamental, para o nosso trabalho, ouvir o presidente. Depois desta conversa com o presidente tentei, várias vezes, mas sem sucesso, conversar com outras entidades da região, o que me desmotivou bastante, pois era muito importante ouvir o que outros políticos e responsáveis de vários setores do Fundão pensam do *Jornal do Fundão*.

Depois de várias tentativas, felizmente consegui conversar com o presidente da Junta de Freguesia do Fundão, Malícia da Trindade. Por falta de tempo, ele sugeriu que a nossa conversa se efetuasse por telemóvel, e assim foi, tendo conversado em dois momentos, tendo tido a conversa nos dois momentos um rumo parecido. Já depois de redigida a dissertação, fiz ligações para agradecer aos entrevistados. Na ligação que fiz ao presidente da Junta de freguesia do Fundão, em 3 de outubro, o mesmo referiu que, ao contrário do que eu tinha assumido com base nas conversas tidas anteriormente com ele, não autorizava que as suas declarações constassem nesta dissertação.

Ao conversar com pessoas aleatórias pelas ruas da cidade, a resposta era unânime, conforme tinha respondido o presidente da câmara do Fundão, Paulo Fernandes, “o *Jornal do Fundão* é a voz da cidade e do povo, não podemos falar do Fundão sem falar do jornal, ou melhor, é impossível falar de Beira Interior sem falar das suas duas marcas, Universidade da Beira Interior e *Jornal do Fundão*”. Para ter uma opinião diferente, conversei com mais leitores do jornal, mas a resposta continuava a ser a mesma.

Hoje, é notório que muitos jovens não gostam de ler jornais, contudo existe uma parte que ainda reconhece esse valor. Por isso, procurei conversar com um jovem que fosse leitor do jornal e,

¹⁵ A entrevista, transcrita, consta nos anexos.

¹⁶ Paulo Alexandre Bernardo Fernandes é presidente da Câmara do Fundão há mais de 8 anos.

felizmente, encontrei. Quando perguntado sobre a importância do *Jornal do Fundão* na cidade, em fevereiro deste ano depois de uma partida, o jovem João Salvado, residente no Fundão, atleta que atua pela União Desportiva de Belmonte no campeonato distrital de Castelo Branco, foi curto e objetivo: “Castelo Branco é conhecido por ser a Capital do Distrito, a Covilhã é conhecida por ter a UBI e o Fundão é conhecido por ter o *Jornal do Fundão*”. Refere, assim, que o jornal é o que eleva o Fundão para outro patamar”. João Salvado, atleta do UD Belmonte e fundanense.

Essas conversas com leitores que, de certa forma são participantes (porque muitos deles enviam as suas cartas de leitores para o jornal), fez perceber que o *Jornal do Fundão*, na sua essência, é um jornal que sempre procurou estar centrado nos aspetos ligados à realidade da comunidade. Ser visto como a principal marca da região e da cidade, não é para muitos. Mas as entrevistas tinham de ser feitas dos dois lados, falar com leitores e, depois, conversar com quem está por trás do que aparece escrito nos jornais.

Impunha-se, por conseguinte, ouvir o ponto de vista dos jornalistas do *Jornal do Fundão*: Filipe Sanches reconheceu que o jornal é o principal veículo de informação e educação para as pessoas e o meio que o povo tem para ganhar uma voz dentro da sociedade, um espaço onde o povo pode mostrar o que tem, dar a sua opinião e mostrar os seus problemas.

Quando se fala do impacto do jornal para a comunidade local, a jornalista Catarina Canotilho realça que a comunidade precisa do jornal, pois os cidadãos procuram o jornal para saber o que se passa, o que aconteceu ontem e hoje, pois a veracidade dos factos está no jornal.

“Historicamente é muito grande o impacto do Jornal do Fundão na cidade do Fundão, é quase impossível traduzir numa pequena resposta”, foi com estas palavras que o diretor do *Jornal do Fundão*, Nuno Francisco, salientou ainda que, além de ser o maior veículo de transmissão de informação, o jornal serve para projetar aquilo que são as dificuldades regionais, ou seja, o *Jornal do Fundão* assume uma dupla função, que é *“a função informativa e a função de ampliar aquilo que são os principais problemas da região”*. Deste modo, durante anos tem ajudado a resolver alguns dos problemas estruturais da região, através da sua intervenção e da sua credibilidade e, especialmente, através da sua existência.

Capítulo 6. Discussão e conclusões

Como mostra o título deste capítulo, ele serve para apresentar e discutir as conclusões a que se chegou nesta dissertação, levando em conta as questões, objetivos e hipóteses colocadas no decorrer da revisão teórica e a que o estudo empírico procurou dar resposta.

“Comunidade” e “jornalismo de proximidade” são as expressões mais citadas neste texto. Como já foi descrito, Bauman (2003, p. 7) descreve a comunidade como algo que sugere uma coisa boa: o que quer que “comunidade” signifique, é bom “ter uma comunidade,” “estar numa comunidade”; faz ainda questão de diferenciar a comunidade da sociedade, pois explica que, diferentemente da sociedade, que é - tal como já tinha referido Tönnies, como que uma mera coexistência de pessoas independentes entre si e caracterizada por uma vida passageira e aparente, a comunidade é um lugar onde podemos encontrar consolo, onde podemos contar com a boa vontade das outras pessoas. A comunidade é destacada como uma família com um amor genuíno, amor este que permite aos seres humanos relacionar-se e apoiar-se nas muitas dificuldades da vida.

Falar de jornalismo de proximidade é o mesmo que falar de jornalismo regional ou local, pois, segundo a definição do artigo 1º do *Estatuto da Imprensa Regional* (Decreto-Lei nº106/88),

Consideram-se de imprensa regional todas as publicações periódicas de informação geral, conformes à Lei de Imprensa, que se destinem predominantemente às respectivas comunidades regionais e locais, dediquem, de forma regular, mais de metade da sua superfície redactorial a factos ou assuntos de ordem cultural, social, religiosa, económica e política a elas respeitantes e não estejam dependentes, directamente ou por interposta pessoa, de qualquer poder político, inclusive o autárquico.

O facto de o jornalismo regional e local estar muito ligado e próximo à comunidade faz com que ele perceba melhor as situações que o povo enfrenta e o que, por sua vez, passe a ser um espaço onde a comunidade ganha uma voz para tentar resolver os seus problemas.

Os pontos acima citados neste capítulo são importantes. Contudo, o principal objetivo desta dissertação era entender a forma como a comunidade fundanense olha para *Jornal do Fundão*, que impacto e valor lhe atribui. Através da análise de conteúdo de um conjunto de cartas de leitores publicadas durante um ano no jornal, bem como das entrevistas feitas a responsáveis políticos do Fundão, a cidadãos em geral, e aos próprios jornalistas, vimos como o jornal é descrito e como o mesmo se tem relacionado com a comunidade procurámos, por essas duas vias, encontrar resposta para o problema desta dissertação e para as perguntas de investigação dele decorrentes, que aqui recapitulamos:

Problema: Como olham os cidadãos do Fundão para o jornal do Fundão (JF)?

Perguntas de investigação:

P1. Qual o grau de relevância que os cidadãos do Fundão atribuem às notícias dadas pelo JF sobre a cidade e a região? Por que razões?

P2. Que tipo de comentários produzem os cidadãos do Fundão, através do correio dos leitores, sobre as notícias publicadas no JF?

P3. Os jornalistas do JF são procurados pelos cidadãos do Fundão para investigarem problemas relevantes para a cidade do Fundão e a sua região? Que tipo de problemas?

Quanto à P1, depois de conversar com várias pessoas da cidade, começando com o presidente da Câmara, todos, de uma maneira que parecia combinada, disseram a seguinte frase: “*se saiu no Jornal do Fundão, então é verdade*”. Para os fundanenses e outras pessoas da região, a credibilidade de uma mensagem depende menos da quantidade de pessoas que a transmitem do da sua publicação no *Jornal do Fundão*: “*para ser verdade tem de estar nas páginas do jornal*”, frisou o presidente da Câmara. Com isso, conseguimos perceber o grau da relevância que as notícias, publicadas pelo jornal têm para os residentes da cidade do Fundão.

Relativamente a P2 e P3, as cartas dos leitores são o principal meio que os fundanenses e muitos outros leitores usam para poderem falar de vários aspetos que a comunidade gostaria que fossem resolvidos, tais como: problemas na estrada, problemas com serviços públicos, questões ambientais e muitos outros.

No que diz respeito às hipóteses formuladas por nós, relativamente às perguntas de investigação que colocámos, os resultados indicam o seguinte

H1. Os cidadãos do Fundão atribuem maior relevância às notícias do JF que tratam de problemas comunitários da cidade e da região.

- As entrevistas aos responsáveis políticos e cidadãos do Fundão, ainda que escassas e de âmbito limitado, permitem considerar esta hipótese como validada.

H2. Através do correio dos leitores, os cidadãos do Fundão comentam sobretudo as notícias que denunciam situações lesivas dos interesses da cidade e da região.

- Esta hipótese está validada já que, como vimos, 25% de todas as cartas analisadas têm a ver com problemas que são colocadas pelos cidadãos às diferentes autoridades e outras entidades, centrais, regionais e locais. Eles respondem às notícias que falam dos mesmos problemas e, assim, reforçam por meio de cartas a importância do que é publicado.

H3. Os jornalistas do JF são procurados pelos cidadãos do Fundão para investigarem problemas relevantes para a cidade do Fundão e a sua região, nomeadamente aqueles que consideram pôr em causa o interesse público.

- As entrevistas ao diretor e restantes jornalistas do Jornal do Fundão permitem também considerar esta hipótese como validada.

Como conclusão geral e final desta dissertação, podemos dizer que o nosso conhecimento sobre comunidade, jornalismo de proximidade, jornalismo regional e local, a relação entre jornalismo e comunidade, aumentou. Na parte do enquadramento teórico, vimos um breve resumo sobre o jornalismo e a seguir vimos a grande diferença que existe entre comunidade e sociedade, melhorando assim o nosso conceito de comunidade. Percebemos, também, que o jornalismo e a comunidade são duas partes que se complementam e que não podem ser separados. Com a ajuda de vários autores, chegámos à conclusão de que falar de jornalismo de proximidade é o mesmo que falar de jornalismo local ou regional. Antes de conhecermos um pouco mais o *Jornal do Fundão*, vimos de uma maneira resumida a história da imprensa na Beira interior. Tudo isso ajudou-nos a conhecer a verdadeira origem do *Jornal do Fundão*, e, por fim, perceber o impacto que ele tem dentro da comunidade fundanense e para a população da Beira Interior.

Referências

- Anderson, B. (1983). *Imagined communities: Reflections on the origin and spread of nationalism*. London: Verso.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.
- Brancaleone (2008). Comunidade, sociedade e sociabilidade: revisitando Ferdinand Tönnies. *Revista de Ciências Sociais da Universidade Federal de Ceará*, 39(1), 98-10. Disponível em http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/899/1/2008_art_CBRANCALEONE.pdf
- Camponez, C. (2002). *Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional*. Coimbra: Edições Minerva.
- Camponez, C. (2012). Jornalismo regional: proximidade e distâncias. Linhas de reflexão sobre uma ética da proximidade no jornalismo. In J. C. Correia (Org.), *Ágora - Jornalismo de proximidade: limites, desafios e oportunidades* (pp. 35-47). Covilhã: LabCom Books
- Cecilio, S. R., & Ritter, L. C. B. (2009). Leitura e análise lingüística: carta do leitor na revista *Ciência Hoje das Crianças*. In *Anais do Colóquio de estudos lingüísticos e literários* (pp. p. 2059-2069. 3, 2007), Maringá.
- Correia, J. C. (1997). *Jornalismo e espaço público*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Disponível em http://bocc.ubi.pt/pag/jcorreia_jornalismo.html
- Correia, J. C. (1995). *O poder do jornalismo e a mediatização do espaço público*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/jcorreia-poderjornalismo.html>
- Alves, E. (2009). *Jornal do Fundão: jornalismo de causas, cultura e identidade*: Covilhã, Universidade da Beira interior: <http://hdl.handle.net/10400.6/1251>
- Gradim. (2000). *Manual de jornalismo*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-1.html>.
- Gouveia, M. R. (2009). *A interação entre o universo político e o campo da comunicação: a imprensa e as elites beirãs (1900-1930)*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Park, R. E. (1940). News as a form of knowledge: A chapter in the sociology of knowledge. *American Journal of Sociology*, 669-686.
- Peruzzo, C. M. K. (2002). *Ética, Liberdade e Imprensa, Democracia e Cidadania*. São Paulo: INTERCOM, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação.
- Santos, S. (2007). *Imprensa Regional: temas, problemas e estratégias da informação local*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Serra, P. (2005). Comunidade e mediatização. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Disponível em <http://bocc.ufp.pt/pag/serra-paulo-comunicacao-mediaticacao.pdf>

- Silva, M. T. (2008). As cartas dos leitores no *Público* e no *Diário de Notícias*. *Observatorio (OBS*) Journal*, 5, 263-279. Disponível em <https://doi.org/10.15847/obsOBS222008117>
- Sousa, J. P. (2005). *Elementos de jornalismo impresso*. Florianópolis: Letras Contemporâneas.
- Tarde, G. (2005). *A opiniao e as massaõ*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.
- Tocqueville, A. (2004). *A democracia na América*. São Paulo: Martins Fontes.
- Tönnies, F. (1947). *Comunidad y sociedad*. Buenos Aires: Editorial Losada.
- Traquina, N. (2002). *O que é o jornalismo*. Lisboa: Quimera Editores.
- Wahl-Jorgensen, K. (2006). Local Journalism and local media, makin the local news. Edited by Bob Franklin.
- Zelizer, B (2005). Definitions of journalism. In G. Overholser & K. H. Jamieson (Eds.), *Institutions of American democracy: The press* (pp. 66-80). New York: Oxford University Press.

CARTA DA SEMANA



2 700
2 777
2 231
3 365
740
310
122
456
122
122
122
44
28
31
15
13
10

A reportagem da RTP mostrou o abandono das terras, vítimas dos incêndios de 2017. Depois de tanta discussão e tanta lei, ao fim de dois anos pode dizer-se que a "montanha pariu um rato" ou pior ainda, a situação agravou-se: menos investimentos; as madeiras a apodrecer nas terras; os eucaliptos e o mato a multiplicarem-se e os riscos de novos incêndios, mais graves ainda. Depois de tanto debate e tantas medidas, faltou a principal: o pagamento da madeira compensador para os pequenos proprietários florestais. Com base na falta desta premissa o

governo culpa os pequenos proprietários pela situação, mas será que o governo acredita que será tomar a terras desses proprietários a melhor solução? Desengane-se o governo, porque no dia em que tomar esta solução saberá o que lhe vai acontecer a seguir. Na verdade o governo não pode entregar ao mercado as madeiras porque o resultado é o abandono do interior, como se está a ver. Houve política de arrancar vinhas, oliveiras, não produzir outros produtos agrícolas. Será que a Política Agrícola Comum não pode dar uma ajuda?

Mário Pires Miguel

JORNAL de FUNDÃO - 14 de novembro de 2019

CARTA DA SEMANA

Carta aberta ao provedor da Misericórdia da Covilhã

Caro senhor Provedor, sr. eng.º António Neto Pereira,

O Infantiário "O Meu Cantinho" é uma instituição de apoio e educação pré-escolar criada, em 1978, na vila do Teloso (L.). No ano letivo 2014/2015, a gestão do infantiário foi entregue, pelo Instituto de Segurança Social, I.P., à Santa Casa da Misericórdia da Covilhã, num processo que, até hoje, suscita muitas dúvidas, atendendo aos prévios contatos e negociações com uma IPSS da localidade. Se é verdade que, no âmbito do contrato de concessão, o nome "Santa Casa" parecia tranquilizar a comunidade na salvaguarda dos superiores interesses das crianças e na defesa desta instituição, também é certo que, depois de uma venda que, decorente das opções que têm vindo a ser tomadas ao nível da gestão e funcionamento do Infantiário, essa confiança tem vindo a ficar bastante fragilizada. Não podemos ignorar que, em pouco tempo, o estado de insatisfação e de instabilidade avolumaram, sobretudo por parte dos pais e encarregados de educação (EE) do Infantiário e até por parte de colaboradoras. A situação agravou-se quando, no final de ano letivo transato e após a renovação de matrículas, os EE do "Meu Cantinho" tomaram conhecimento de que haveria novas mudanças nas equipas pedagógicas, substituindo educadoras e auxiliares de ação educativa. (...) Neste contexto de descontentamento geral, no dia 8 de agosto, o executivo da União de Freguesias do Teloso e Sarzedo e o presidente da Mesa da Assembleia reuniram com o senhor provedor e com a senhora diretora técnica do Infantiário. Nessa reunião, demos conta aos responsáveis de já se falar, na opinião pública, de uma suposta intenção de encerramento do Infantiário, face à redução do número de crianças. (...) Entretanto, pais e EE e familiares, utentes e ex-utentes do Infantiário "O Meu Cantinho" encetaram uma recolha de assinaturas em defesa da qualidade do serviço do Infantiário que culminou em 601 assinaturas. (...) A 26 de agosto, o senhor provedor da SMC reuniu com representantes de pais e encarregados de educação, com a Junta de Freguesia e com o presidente da Mesa da Assembleia de Freguesia. Nessa reunião, o senhor provedor assumiu determinados compromissos com os representantes dos pais do Infantiário, designadamente: 1) realizar uma reunião presencial no início do ano para esclarecer e dar garantias aos pais da continuidade da instituição; 2) a individualização da turma dos 5 anos, de forma a garantir uma boa preparação para o ensino básico; 3) abrir uma segunda sala do berçário caso surgissem mais matrículas para o efeito. Como o senhor provedor sabe, nenhuma destas medidas foi cumprida. Mais grave ainda, o senhor provedor nega, categoricamente, que alguma vez tenha assumido tais compromissos. É de lamentar que a palavra não tenha hoje o valor que os Homens de outrora lhe atribuíam. Mais grave é quando essa atitude emana de um responsável de uma instituição secular e de base cristã. (...)

O presidente da Mesa da Assembleia de Freguesia de Teloso e Sarzedo, Pedro Leitão Pais; O Executivo da União de Freguesias de Teloso e Sarzedo, presidente José Alberto Sousa Pais, em representação dos Pais e Encarregados de Educação do Infantiário "O Meu Cantinho", Hugo Passarinha

CARTA DA SEMANA

Souto da Casa – A “tia Augusta”

(Contribuição)

Partilhei com ela muitos momentos na colheita da cereja e nas vindimas e sempre me despertou a sua tenacidade; o seu trabalho era destacável, realizava as tarefas melhor que muitos homens. Esta mulher centenária, carismática, de corpo franzino, colaborava também com a Comunidade Cristã e com a Junta de Freguesia. Estava sempre pronta para dar a sua colaboração em serviços paroquiais. Destaca-se a sua ação na Festa de Nosso Senhor da Saúde e da Nossa Senhora do Bom Parto, algumas das romarias mais importantes da Beira Baixa, que se realizam no Souto da Casa no quarto domingo de Agosto de cada ano. A fim de angariar fundos nesta romaria, a “Tia Augusta” confeccionava bolos, filhós, mas a sua especialidade eram os coscoréis, doçarias muito apreciadas em forma de flores. Também a nível cívico, todos os anos participava na Tomada do Carvalho, um ato histórico das gentes das mãos da Família Garrett para benefício de todo um povo.

A “Tia Augusta”, na comemoração do 125º Aniversário daquela efeméride, contracenou com outros homens e mulheres, dando vida ao facto verificado naquele memorável ano de 1890 e com toda população respondeu ao grito: “De quem é o Carvalho? É NOSSO.” Ainda hoje, na quarta-feira de cinzas, o povo do Souto da Casa se desloca para o Carvalho comemorando a vitória de um povo contra a prepotência de uns senhores feudais.

Beneficiária de uma ótima saúde, nunca precisou de recurso a médicos e medicamentos. Tem a idade centenária da falecida poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner, que no seu primeiro livro de poema – Poesia (1944) –, realçou o mar e o vento. Podemos dizer que A “Tia Augusta” fez, com o seu trabalho diário e o suor do seu rosto, um poema da vida rural. Uma poesia feita nas sementeiras, nas cerejas em flor, nas videiras, nas oliveiras, nas mondas, nas colheitas de tantos frutos. Sophia escreveu: “quando eu morrer voltarei para buscar/Os instantes que não vivi junto ao mar.” A “Tia Augusta” voltará um dia ao encontro das gentes da rama do castanheiro.

António Alves Fernandes
Aldeia de Joanes

II CARTA DA SEMANA

Carta aberta aos meus utentes e amigos da Atalaia do Campo, Póvoa da Atalaia e Soalheira

Escrevo-vos para que, e em primeira mão, me despeça e comunique que deixarei de ser, OFICIALMENTE, o vosso médico de família a partir de 21 de outubro. Esta não foi, nem é uma decisão fácil, mas motivos a que sou alheio o determinaram. Nesta hora não podia deixar de vos escrever estas linhas para em primeiro vos cumprimentar e desejar muita saúde.

Durante quase quatro décadas procurei, procuro e procurarei desempenhar da melhor forma possível, a minha atividade profissional, com dedicação e profissionalismo mas também com amizade e solidariedade.

É por isso e por tudo isto que vos agradeço toda a compreensão e respeito que me fizeram sentir. Tudo o que sou hoje agora vos devo, e aos meus pais.

E se a ELES (meus pais) sempre dediquei, a título póstumo, o desejo de terem um filho médico, bom profissional e dedicado, honrando a sua memória, a vocês procurei sempre cumprir com estudo, atualização, dedicação, desempenho e muita amizade com solidariedade.

Esta não é como evidente se torna, uma carta de despedida, não, nunca, mas apenas um obrigado por me fazerem sentir o que sou hoje.

Como carta que é, peço que a guardem, recortem, metam no envelope e a leiam no livro das nossas memórias.

Com um abraço fraterno

Até sempre

João Freitas

II CARTA DA SEMANA

Atalaia do Campo, hoje!

O território, de Atalaia regista a presença humana, pelo menos, desde o Neolítico, mas a povoação de Atalaia do Campo, como terra portuguesa terá visto chegar os seus primeiros povoadores efetivos em outubro de 1212. O foral terá sido concedido por D. Manuel, mas só mais tarde, em 1570, D. Sebastião o terá mandado passar. Como testemunho desse tempo de emancipação política e administrativa, resta a casa que serviu de paço do concelho e, ainda, frente à mesma, como padrão simbólico, o pelourinho. Atalaia, como freguesia, foi, em 2012, extinta e com a Póvoa constituída a União de Freguesias da Póvoa de Atalaia e Atalaia do Campo. Hoje, vive uma situação de abandono, desleixo e menosprezo que, aqui, sem peias, denuncio. Começemos com a "Fonte dos Namorados", cuja construção em pedra de cantaria se atribui aos romanos, no ano de 381, conforme inscrição nela aposta; hoje, não passa de uma charca, imunda e abandonada, com a sua escadaria encimada por uma autêntica central telefónica, tantos e tão grandes são, os painéis ali instalados. Temos, a cerca de 50 metros, o "Senhor dos Inocentes": um crucifixo, em pedra, com mais de 3 metros de altura, construído no séc. XIV ou XV, colocado em frente ao "Chão do Senhor", onde existiu, há séculos, a primitiva igreja matriz; há décadas que o inocente "implora" o enxerto do braço esquerdo; a cabeça encontra-se presa ao tronco por arames! No centro da aldeia, temos, no Largo da Amoreira, o "Pelourinho", quinhentista, de roca, encimado por uma coluna octogonal, com remate em corpo polidédrico; sem nunca ter sido sujeito a quaisquer serviços de manutenção, conservação e reparação, vemos que a decoração heráldica quase que desapareceu. Ao lado do Pelourinho, ergue-se, a "Amoreira"; árvore secular que, jamais, mereceu qualquer intervenção técnica, sábia e capaz; só, muito recentemente, por iniciativa, não do executivo da União de Freguesias, mas de alguns naturais de Atalaia, foi considerada pelo ICNF, árvore de interesse público, sendo a única amoreira, assim, classificada em todo o país! Mais à frente, encontra-se a "Capela de S. António", construída, crê-se, no séc. XVI, que, apenas, tem servido, desde há muitos anos, como casa mortuária! (...) Atalaia do Campo é uma aldeia com História, mas, também, com muitas histórias, ainda, para contar.

Rui Mota

Atalaia do Campo

JORNAL do FUNDÃO • 5 de setembro de 2019

CARTA DA SEMANA

Queixa por poluição ambiental

Desde há cerca de seis meses, que a nossa vida tem sido um inferno. A construção de uma suposta Central de Biomassa tem alterado toda a nossa vida. O que era um local habitacional calmo e pacato, passou a um verdadeiro terrorismo diário noite e dia. (...) Agora com o calor não se pode ter janelas abertas por causa do ruído e das poeiras. Não se pode estender roupa, pois fica ainda mais suja com as poeiras. Já fizemos queixas na GNR que diz nada poder fazer, pois a Câmara é que autorizou. Contactamos a Câmara Municipal várias vezes, fomos a sessões de Câmara, à Assembleia Municipal. Alertamos para a "má localização desta central". Existem documentos comprovativos. (...) De facto anda toda a gente enganada! Quando falam da central de biomassa, referem-se à zona industrial. Acontece que esta obra, foi feita numa quinta, que a Câmara Municipal comprou recentemente e anexou-a à zona industrial, aliás, até existe um terminal ferroviário a separá-las. Era uma quinta onde como é óbvio, se praticava agricultura. Em volta dessa quinta, existem várias outras, todas com a sua respectiva casa de habitação. Por tudo isto, não é uma zona industrial como todas as outras, tem a particularidade de se envolver no casario já existente. Esta Central de Biomassa está no local errado. Está a laborar noite e dia continuamente, incluindo sábados, domingos e feriados. Os ruídos são insuportáveis! De noite não se consegue dormir, de dia junta-se ao ruído da central os trituradores/destroçadores de madeira que para além do forte ruído, levantam poeiras que se estendem ao longo de quilómetros. O sr. presidente da Câmara do Fundão em sessão de Câmara admitiu tudo isto dando-nos razão. Prometeu que nunca mais haveria ruídos nem poeiras. Que aqueles destroçadores (trituradores) de madeira nunca mais seriam utilizados no exterior, passando a ser utilizado só um elétrico dentro do pavilhão. Nada do que ele disse foi concretizado. Estamos a sofrer com os ruídos, poeiras, iluminação extremamente forte que nos priva de usufruir da noite, entre outros inconvenientes.

Pela Comissão de Moradores da Gramenesa
Fernanda Alves
Fundão

CARTA DA SEMANA

Caminhos e curvas do tempo no Ferro

Vamos dar uma volta pelo Ferro. O Ferro fica situado na margem esquerda do Rio Zêzere que serve de limite natural entre esta freguesia e a da Boidobra. Infelizmente hoje não há passagem para o outro lado devido à acomodação de quem passava no caminho, e ao oportunismo de quem se instalou por ali. Desta lado, entramos pelo caminho do Marujo e da Charneca e se não quiser voltar atrás, no inverno leve uma prancha, no verão suba ou desça a pé. A limitarmos do concelho do Fundão fica o cume da serra do Ferro. Com estudos ou sem estudos sobre este património, pedestre, antropológico e o seu papel social na deslocação, comunicação, danças e andanças do povo. Todos passam por lá, mas são poucos os que olhos e defendem este património público, do consumismo psicossocial, dos cidadãos ávidos do hoje e do agora. Quem nasceu por aqui recorre facilmente ao GPS da sua memória pessoal ou coletiva, mais segura que os mapas dos arquivos que os manipulam de uma hora para a outra. Soçorremo-nos para rever o piso, a curva, a inclinação e a distância entre pontos de paragem e direções a seguir. Conhecemo-los de olhos fechados pelas impressões psicomotoras e sociais, vivências do quotidiano, gravadas na planta dos pés e registadas nos nossos sentidos, a caminho da escola, do trabalho, das feiras e romarias da região. Gente que sabe onde fica a Pedra Aguda, a Cabeça Gorda, as fajãs do Lentisco e tantas marcas deixadas pelos pastores como as Salgadeiras ou Pedras da Moura. Filhos da terra que iam à quinta da Carrapata e à do Crato, apanharem um molho de lenha, guardar as cabritas, apanhar um magusto ou encher uma cesta de míscaros. Gente que pela madrugada carregava um cântaro de leite, um cesto de hortaliça, uns ovos e galinhas aos ombros, passava o rio Zêzere a caminho da Covilhã, Tortosendo, Unhais da Serra e até Fundão, para venderem os seus produtos. E se alguma coisa há de novidade, é verificarmos que recentemente se assistiu a grandes investimentos, arranjos e triplicidade de sinaléticas de alguns caminhos, por motivos alheios aos que nasceram, cresceram e vivem aqui. Rotas com nomes desconhecidos, dos cidadãos que trilharam diariamente quilómetros a pé entre serras e rios (...).

Maria Bárbara Afonso Marrocano

|| CARTA DA SEMANA

O Centro Social e Cultural de Verdelhos

Os subscritores desta carta vêm informar os restantes sócios do Centro Social e Cultural de Verdelhos (CSCV) e o Estado Português do "assalto" verificado na instituição, representada pelo presidente Adelino Leitão Duarte (processo n.º 83/18.718CVL), nomeadamente no processo de assédio moral da qual foram condenados. Após quatro denúncias, apresentadas pela trabalhadora ao ACT, sobre o ambiente degradante, humilhante, destabilizador e constrangedor, que vivia diariamente e durante quatro anos no lar, situações como: retirada a função de Diretora Técnica (para a qual foi contratada); diminuído o ordenado e ainda a deixarem inocupada diariamente, a postura da direção foi inalterada, dando origem a vários processos na justiça, na qual resultaram entre multas, coimas e indemnizações um prejuízo de mais de cinquenta mil euros ao lar. Contudo acreditamos que a trabalhadora não tinha condições psicológicas para continuar a luta nos tribunais, acabando por aceitar um acordo em que o lar reconhece a ilicitude do seu despedimento e lhe paga uma indemnização. Os sócios, utentes e familiares fizeram chegar à instituição e às entidades competentes, três abaixo assinados, com 160 assinaturas cada, em datas diferentes, em que enaltecem as qualidades da trabalhadora e não pretendem o seu despedimento e referem que caso isso acontecesse os responsáveis teriam de suportar o prejuízo que iriam causar. Mesmo contra a vontade dos sócios, a direção optou pela demissão. Os responsáveis do lar têm uma postura autoritária, na qual se regem pelo lema "posso, quero e mando". Assim, fizemos também chegar uma petição ao Centro de Fiscalização de Coimbra da Segurança Social, em que denunciámos, no nosso ver, a má gestão da direção e a sua responsabilização monetária e criminal. Não queremos ser mais extensivas na exposição mas existem muitas mais irregularidades neste lar que iremos divulgar oportunamente. Os sócios pedem que as entidades competentes tomem as devidas providências, responsabilizando os culpados pelos danos causados à instituição. O presidente e os que o rodeiam julgam viver na impunidade e acima das leis da República Portuguesa. A instituição é dos Sócios.

Francisco Antunes e outros subscritores devidamente identificados
Verdelhos

|| CARTA DA SEMANA

Belezas da Cova da Beira

O Fundão da minha Beira tem encantos e beleza. Tem boa fruta de primeira sempre doce na sua mesa.

Tem a flor da cerejeira que o campo veste de branco. A Cova da minha Beira muitas vezes muda de manto.

Tem hotéis e tem pensões para bem dormir e melhor comer. E gente de bons corações que aos visitantes dão bom viver.

De tudo bom tem o Fundão porque só bem ele sabe fazer. Que até de amoroso coração aos migrantes dá bom viver.

Tem a Gardunha sua vizinha que lhe dá boa almofada. E ao visitante boa estima que logo lhe dá à sua chegada.

Tem a grande festa da cereja, em Alcongosta realizada. E boa comida à sua mesa com a melhor cereja encarnada.

De tudo tem um bocadinho, a bonita Cova da minha Beira. Boa fruta e bom vinho que sempre puro sai da torneira.

Obrigado a quem faz bem no Fundão ou em qualquer lugar. E que saúde tenha também para os anos bem passar.

José Salvado
Amadora

Tributo à revolução dos cravos

18 DE ABRIL DE 1974

Para quem viveu e conheceu pessoalmente os heróicos da vitória no Portugal amargado, imbuído pelo sistema político fascista de Salazar, reconhecerá e aceitará com clara expressão fiel de imparcialidade o triunfo deste nosso escrito.

Em completarem-se 45 anos do histórico 25 de Abril, em que nessa madrugada de autenticidade primaveril, o Movimento das Forças Armadas (MFA), de braço dado com o Povo derribou o despótico regime, libertando Portugal e os portugueses, da opressão do colonialismo, da repressão e do obscurantismo, restituindo-lhes as liberdades fundamentais e os princípios basilares da democracia tendo em vista a construção de um país assente numa sociedade mais justa, mais fraterna e solidária.

Nesta simples e modesta composição, dirigimo-nos particularmente para os mais novos por só conhecerem o dia pela narração que os livros encerram e o que a comunicação social tem difundido, ou ainda pela vontade de alguns mais velhos, lhes contarem o feito honroso, experiência do ser vivo, nada existe nas suas recordações e muitos hoje continuam a ignorar o épico acontecimento pela lamentável desdita falta de informação; estão longe de compreender as cruéis consequências e o significado atroz das torturas, das masmorras das prisões e até das mortes infligidas ao povo que se opunha ao seu idealismo tirânico, bárbaro e desprezível. Nesse tempo de inenarráveis lembranças, de muita fome, miséria e falta de liberdade, quem de viva voz, discordasse desse sanguinário sistema político, dificilmente se livrava dos calabouços da polícia política da famigerada PIDE, onde os interrogatórios tortuosos os encamiavam



para anos de prisão na cadeia de Casinas, muitos mais, no forte de Peniche e tempos sem fim no feroz cárcere Campo do Tarrafal em Cabo Verde, que viu em morte lenta antifascistas partir sem vida. Os jornais e as rádios só podia dar notícias e apresentar programas que evidenciassem Portugal, um país maravilhoso, aqueles que se atreviam exprimir verdades que não lhes convinha fossem denunciadas, muitas das vezes por entrelinhas ou dissimulados vocábulos, esperavamos pela certeza das ordens dos "senhores" da censura do lápis azul, do grupo injunctorial, a proibir a saída de jornais, como tantas vezes foi feito ao nosso jornal do Fundão, então e diretor, António Paulouro, grande precursor do 25 de Abril de 1974.

Abril venceu! Pese embora vicissitudes de revés, por postura camaleónica dos partidos que se curvaram ao capital indecoroso injuriando sem pejo o povo que os elegeu nas promessas que Abril venceu!

As trevas da ignorância que os 48 anos de fascismo semeou, perduram deploravelmente na fraca função intelectual de muita gente.

É verdade que uma grande componente populacional sentiu os bons efeitos que esta legislatura tem produzido, mas também não deixa de ser verdade quem diga, e são milhões, que muito mais se podia já ter feito em benefício de quem trabalha, dos reformados, dos doentes e dos alunos, nomeadamente na justiça dos salários e das leis laborais, na melhoria das pensões que exageradamente continuam tristemente com valores de penúria, na defesa da saúde e da escola pública.

Anteriormente a campeã das palavras era o défice, que por força da

razão que os "senhores" da EMI e da FMI impõem. Atualmente, por não se para a sua inexistência, para lidar aos mandões do mundo, como do as nefastas consequências estão à vista!

Faltam milhões de euros aos Ministérios da Saúde, da Educação, Segurança Social e outros. Não deixa também de ser verdade, que os sucessivos parlamentos e execuções têm indisciplinadamente colapsado o cartório, das dificuldades que o país tem enfrentado; a falta de ética, de moral e tantas vezes de honestidade e sinceridade, arrepanha a política e daí, permitir monstruosas irregularidades, no que toca ao acesso aos Bancos, aos corruptos e aos corruptores, pérfidos empresários e pigmeus patrões que lhes seguem pagados, finórios irrações enganatados e políticos perversos que só são para se servirem a eles próprios e ainda, aves de rapina que anem num mês mais de 200 milhões, que correspondem ao salário mínimo de 40 trabalhadores. O mais distraído dos cidadãos e das cidadãs não tem dúvidas em afirmar, que se existissem leis contra a moldura penal mais pesada e abrutigente, o país não falaria do défice Portugal e os portugueses, viviam em melhores condições económicas e sociais.

Abril faz lembrar que é ao povo em perfeita consciência moral, que com a sua ação, pode determinar outro curso desta miserável condota, acabando de vez com estas escandalosas inacreditáveis injustiças.

Abril tem que ser âncora de um país mais justo e mais fraterno!

J. MARTINS DA SILVA
SOAUBEN

capitã do Maria e Joana

11/1 etc

vicini, 1127,

nd/

A cruz do Senhor Reitor

A UNIVERSIDADE da Beira Interior (UBI) é uma instituição que acolhe pessoas de várias religiões e pessoas sem religião. A diversidade e o respeito pelas (des)crenças de uns e de outros enriquece a instituição. Para isto, muito tem contribuído o crescente número de estudantes estrangeiros, que encontram na UBI um local de tolerância religiosa e de liberdade de expressão.

Vêm estas palavras a propósito da recente decisão do Reitor da UBI em mandar erguer uma imponente cruz de pedra no ponto mais alto do edifício da Reitoria. É bem conhecida a forte fé religiosa do Senhor Reitor, que não perde uma oportunidade de a proclamar. Não satisfeito com a quantidade de símbolos religiosos ostentados neste antigo convento, agora convertido em Reitoria da UBI, decidiu acrescentar mais um, para que não restem dúvidas da sua devoção à igreja.

O facto de outrora ter sido um convento não pode ser usado como justificação. Até é bem possível que tenha existido, em tempos, uma cruz no topo do convento. Mas o que o Senhor Reitor parece não compreender é que o edifício já não é um convento, mas sim um edifício de uma instituição de ensino superior pública de um estado laico e que não o pode uti-



lizar para afirmar as suas convicções religiosas. O dinheiro utilizado para este fim teria certamente melhores destinos numa instituição, cujo Senhor Reitor tem repetidamente afirmado sofrer de um subfinanciamento crónico.

Certamente a comunidade académica não se importará que leve a cruz para casa, como prenda de final de mandato, onde a poderá contemplar de mais perto e sem beliscar o preceito constitucional da separação entre estado e igreja.

MANUEL LEMOS
MÉDICO E PROFESSOR DA UBI
COVILÃ

9

ndão Editora, Lda.
2268.

% do capital da
s, Lda., Maria
Morão e Joana

s, L1 14, L1 r/c

trada Nacional,
Apartado 1121,

Direct

ltar em
ategorized/
ndao/

bril 2019:

/03



Portugueses de Troyes festejam as aparições de Fátima

A COMISSÃO de Festas de Nossa Senhora de Fátima organizou pela nonagésima terceira vez uma peregrinação em honra de Nossa Senhora de Fátima.

Sábado, dia 25, os festejos começaram com a missa, terço e os cânticos em português com o padre Albino Manuel Valente dos Anjos de Lisboa, na igreja do Sacré-Coeur de La Chapelle-Saint-Luc.

Domingo dia 26, celebrou-se a missa franco portuguesa.

Às 11 e 45 depois da eucaristia, houve o tradicional "Copo de Amizade" oferecido pela comissão das festas a todos os fiéis presentes e de várias nacionalidades, onde não faltou o Vinho do Porto.

Em seguida houve um almoço convívio onde participaram umas 70 pessoas em companhia dos celebrantes da missa e, para terminar, às 16 horas, foi rezado o terço em português com o padre Albino, com algumas orações em francês também, por respeito a vários franceses e outras nacionalidades presentes. E antes de acabar, uma palavrinha recordando o centenário da morte do humilde pastor S. Francisco Marto.

Em Troyes a próxima festa será a 26 e 27 de outubro e a presença consular no próximo dia 13.

ANTÓNIO FERNANDO ALVES
TROYES - FRANÇA

28
JORNAL DO FUNDÃO

Administrador: José Lourenço, Rua Padre António de S. João, 10, 4700-010 Vila Verde

Publicidade: António Pinheiro, Rua Padre António de S. João, 10, 4700-010 Vila Verde

Redacção: Rua de Inda, 10, 4700-010 Vila Verde

Impressão: Imprensa Portuguesa, Rua de Inda, 10, 4700-010 Vila Verde

Assinaturas: António Pinheiro, Rua Padre António de S. João, 10, 4700-010 Vila Verde

Correio: Rua de Inda, 10, 4700-010 Vila Verde

Telefones: 27777911, 27777912, 27777913

Telex: 27777911

Internet: www.jornaldefundao.pt

Publicidade: António Pinheiro, Rua Padre António de S. João, 10, 4700-010 Vila Verde

Assinaturas: António Pinheiro, Rua Padre António de S. João, 10, 4700-010 Vila Verde

Correio: Rua de Inda, 10, 4700-010 Vila Verde

Telefones: 27777911, 27777912, 27777913

Telex: 27777911

Internet: www.jornaldefundao.pt

Publicidade: António Pinheiro, Rua Padre António de S. João, 10, 4700-010 Vila Verde

Assinaturas: António Pinheiro, Rua Padre António de S. João, 10, 4700-010 Vila Verde

Correio: Rua de Inda, 10, 4700-010 Vila Verde

Telefones: 27777911, 27777912, 27777913

Telex: 27777911

Internet: www.jornaldefundao.pt

Publicidade: António Pinheiro, Rua Padre António de S. João, 10, 4700-010 Vila Verde

Assinaturas: António Pinheiro, Rua Padre António de S. João, 10, 4700-010 Vila Verde

Correio: Rua de Inda, 10, 4700-010 Vila Verde

Telefones: 27777911, 27777912, 27777913

Telex: 27777911

Internet: www.jornaldefundao.pt

Publicidade: António Pinheiro, Rua Padre António de S. João, 10, 4700-010 Vila Verde

Assinaturas: António Pinheiro, Rua Padre António de S. João, 10, 4700-010 Vila Verde

Correio: Rua de Inda, 10, 4700-010 Vila Verde

Telefones: 27777911, 27777912, 27777913

Telex: 27777911

Internet: www.jornaldefundao.pt

Publicidade: António Pinheiro, Rua Padre António de S. João, 10, 4700-010 Vila Verde

CARTAS

78.º encontro de ex-bancários do Banco Pinto e Sotto Mayor da Covilhã e Fundão

A ASSOCIAÇÃO de ex-bancários do antigo Banco Pinto e Sotto Mayor da Covilhã está a comemorar o seu 16.º aniversário de existência, embora o seu trabalho em áreas próximas encontre anteriormente.

O ponto de partida para a criação desta Associação foi dado num destes encontros na Quinta da Rainha de São Pedro, propriedade de uma família bancária António de Sousa, atual Presidente da Direção-Treasury, atual Presidente da Associação. Aí nasceu a Associação já estruturada, com órgãos fundacionais para o seu bom funcionamento. Todos os anos, na última quinta-feira de Abril, para se comemorar o aniversário, ali se reúnem este encontro, naquele local histórico, junto à fronteira lusoespanhola.

No Plano de Atividades, os cinco encontros e um passeio anual são as principais desta convívio bancária, talvez única no país, onde os membros e o capital são subjugados à camaradagem e à amizade.

Já é tradição o Convívio de Natal acontecer anualmente na Quinta do Cruzeiro em Unhais da Serra, um ex-bancário. Este espaço sofreu o flagelo dos fogos do ano anterior, sendo salvo in extremis. No miradouro de brilhante paisagem, com vista para a Vila de



Unhais da Serra, em 1940 foi inaugurado o Cruzeiro do Cruzeiro da "VIII FUNDAÇÃO E III RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL", pelo pároco e autarca Hermínio Martins e pelo Regedor Bernardino da Fonseca.

No final do almoço Natalício, um dos elementos da direção, José Teixeira, leu ata do último encontro e da viagem anual a Setúbal, sendo aprovado por unanimidade.

O presidente da Assembleia Geral salientou a evidente camaradagem e unidade destes elementos bancários que há mais de trinta anos têm mantido com raríssimas exceções. Os encontros acontecem com a união destes trabalhadores, é uma oportunidade de nos vermos, de conversarmos, de convi-

vermos, que de dois meses em dois meses acontece. Agradeceu ao anfitrião a disponibilidade e a cederência das instalações.

Recordou com saudade o que já partiram e deixou votos de melhoras para todos aqueles que se encontram doentes, terminando com votos de Boas Festas e um Bom Ano de 2019.

Numa conversa com José Teixeira, membro da direção, este salientou que os aspetos positivos têm sido os mais de cem encontros em diversas localidades na Beira Baixa e várias passeios culturais e gastronómicos, como por exemplo na Quinta do Beco em Ferreira do Zêzere, contando com a colaboração do Sindicato dos Bancários da

Zona Sul e Ilhas: a Vila Verde, Termas de Caldelas - Casa dos Passos, Sindicato Bancário do Norte e do Sul, Sindicato Bancário do Sado e do Mira, Sindicato Bancário do Estuário do Sado e do Mira, Sindicato Bancário do Mira e do Sado e do Mira.

Se não existissem estes encontros, a maioria dos destes companheiros de trabalho e seriam afastados uns dos outros. De uma forma geral o trabalho desenvolvido tem sido muito positivo.

Quanto aos aspetos negativos referiu a falta dos companheiros falecidos, que são sempre recordados com saudade, com quem aprendemos muito.

Aqueles que por problemas de saúde, seus ou de familiares, não podem estar presentes mandam as suas mensagens.

Infelizmente alguns poucos manifestaram desinteresse pela nossa Associação.

Deixo a agenda dos encontros bimensais que irão decorrer no ano de 2019: Em 27 de fevereiro será, na Quinta da Nave de Cima (Fundão). Em 24 de abril na Quinta da Raivosa em Penamacor. Em 26 de junho na Serra. Em 30 de outubro em Janeiro de Cima (Fundão). Em 18 de dezembro na Quinta do Cruzeiro em Unhais da Serra (Covilhã).

ANTÓNIO ALVES FERNANDES
ALDEIA DE JOANES

quinta-feira 3

07:00 - Bom Dia
07:00 - Primeira Missa
07:30 - Missa Solene
08:00 - Missa Solene
08:30 - Missa Solene
09:00 - Missa Solene
09:30 - Missa Solene
10:00 - Missa Solene
10:30 - Missa Solene
11:00 - Missa Solene
11:30 - Missa Solene
12:00 - Missa Solene
12:30 - Missa Solene
13:00 - Missa Solene
13:30 - Missa Solene
14:00 - Missa Solene
14:30 - Missa Solene
15:00 - Missa Solene
15:30 - Missa Solene
16:00 - Missa Solene
16:30 - Missa Solene
17:00 - Missa Solene
17:30 - Missa Solene
18:00 - Missa Solene
18:30 - Missa Solene
19:00 - Missa Solene
19:30 - Missa Solene
20:00 - Missa Solene
20:30 - Missa Solene
21:00 - Missa Solene
21:30 - Missa Solene
22:00 - Missa Solene
22:30 - Missa Solene
23:00 - Missa Solene
23:30 - Missa Solene
24:00 - Missa Solene
24:30 - Missa Solene
25:00 - Missa Solene
25:30 - Missa Solene
26:00 - Missa Solene
26:30 - Missa Solene
27:00 - Missa Solene
27:30 - Missa Solene
28:00 - Missa Solene
28:30 - Missa Solene
29:00 - Missa Solene
29:30 - Missa Solene
30:00 - Missa Solene
30:30 - Missa Solene
31:00 - Missa Solene
31:30 - Missa Solene
32:00 - Missa Solene
32:30 - Missa Solene
33:00 - Missa Solene
33:30 - Missa Solene
34:00 - Missa Solene
34:30 - Missa Solene
35:00 - Missa Solene
35:30 - Missa Solene
36:00 - Missa Solene
36:30 - Missa Solene
37:00 - Missa Solene
37:30 - Missa Solene
38:00 - Missa Solene
38:30 - Missa Solene
39:00 - Missa Solene
39:30 - Missa Solene
40:00 - Missa Solene
40:30 - Missa Solene
41:00 - Missa Solene
41:30 - Missa Solene
42:00 - Missa Solene
42:30 - Missa Solene
43:00 - Missa Solene
43:30 - Missa Solene
44:00 - Missa Solene
44:30 - Missa Solene
45:00 - Missa Solene
45:30 - Missa Solene
46:00 - Missa Solene
46:30 - Missa Solene
47:00 - Missa Solene
47:30 - Missa Solene
48:00 - Missa Solene
48:30 - Missa Solene
49:00 - Missa Solene
49:30 - Missa Solene
50:00 - Missa Solene
50:30 - Missa Solene
51:00 - Missa Solene
51:30 - Missa Solene
52:00 - Missa Solene
52:30 - Missa Solene
53:00 - Missa Solene
53:30 - Missa Solene
54:00 - Missa Solene
54:30 - Missa Solene
55:00 - Missa Solene
55:30 - Missa Solene
56:00 - Missa Solene
56:30 - Missa Solene
57:00 - Missa Solene
57:30 - Missa Solene
58:00 - Missa Solene
58:30 - Missa Solene
59:00 - Missa Solene
59:30 - Missa Solene
60:00 - Missa Solene
60:30 - Missa Solene
61:00 - Missa Solene
61:30 - Missa Solene
62:00 - Missa Solene
62:30 - Missa Solene
63:00 - Missa Solene
63:30 - Missa Solene
64:00 - Missa Solene
64:30 - Missa Solene
65:00 - Missa Solene
65:30 - Missa Solene
66:00 - Missa Solene
66:30 - Missa Solene
67:00 - Missa Solene
67:30 - Missa Solene
68:00 - Missa Solene
68:30 - Missa Solene
69:00 - Missa Solene
69:30 - Missa Solene
70:00 - Missa Solene
70:30 - Missa Solene
71:00 - Missa Solene
71:30 - Missa Solene
72:00 - Missa Solene
72:30 - Missa Solene
73:00 - Missa Solene
73:30 - Missa Solene
74:00 - Missa Solene
74:30 - Missa Solene
75:00 - Missa Solene
75:30 - Missa Solene
76:00 - Missa Solene
76:30 - Missa Solene
77:00 - Missa Solene
77:30 - Missa Solene
78:00 - Missa Solene
78:30 - Missa Solene
79:00 - Missa Solene
79:30 - Missa Solene
80:00 - Missa Solene
80:30 - Missa Solene
81:00 - Missa Solene
81:30 - Missa Solene
82:00 - Missa Solene
82:30 - Missa Solene
83:00 - Missa Solene
83:30 - Missa Solene
84:00 - Missa Solene
84:30 - Missa Solene
85:00 - Missa Solene
85:30 - Missa Solene
86:00 - Missa Solene
86:30 - Missa Solene
87:00 - Missa Solene
87:30 - Missa Solene
88:00 - Missa Solene
88:30 - Missa Solene
89:00 - Missa Solene
89:30 - Missa Solene
90:00 - Missa Solene
90:30 - Missa Solene
91:00 - Missa Solene
91:30 - Missa Solene
92:00 - Missa Solene
92:30 - Missa Solene
93:00 - Missa Solene
93:30 - Missa Solene
94:00 - Missa Solene
94:30 - Missa Solene
95:00 - Missa Solene
95:30 - Missa Solene
96:00 - Missa Solene
96:30 - Missa Solene
97:00 - Missa Solene
97:30 - Missa Solene
98:00 - Missa Solene
98:30 - Missa Solene
99:00 - Missa Solene
99:30 - Missa Solene
100:00 - Missa Solene
100:30 - Missa Solene
101:00 - Missa Solene
101:30 - Missa Solene
102:00 - Missa Solene
102:30 - Missa Solene
103:00 - Missa Solene
103:30 - Missa Solene
104:00 - Missa Solene
104:30 - Missa Solene
105:00 - Missa Solene
105:30 - Missa Solene
106:00 - Missa Solene
106:30 - Missa Solene
107:00 - Missa Solene
107:30 - Missa Solene
108:00 - Missa Solene
108:30 - Missa Solene
109:00 - Missa Solene
109:30 - Missa Solene
110:00 - Missa Solene
110:30 - Missa Solene
111:00 - Missa Solene
111:30 - Missa Solene
112:00 - Missa Solene
112:30 - Missa Solene
113:00 - Missa Solene
113:30 - Missa Solene
114:00 - Missa Solene
114:30 - Missa Solene
115:00 - Missa Solene
115:30 - Missa Solene
116:00 - Missa Solene
116:30 - Missa Solene
117:00 - Missa Solene
117:30 - Missa Solene
118:00 - Missa Solene
118:30 - Missa Solene
119:00 - Missa Solene
119:30 - Missa Solene
120:00 - Missa Solene
120:30 - Missa Solene
121:00 - Missa Solene
121:30 - Missa Solene
122:00 - Missa Solene
122:30 - Missa Solene
123:00 - Missa Solene
123:30 - Missa Solene
124:00 - Missa Solene
124:30 - Missa Solene
125:00 - Missa Solene
125:30 - Missa Solene
126:00 - Missa Solene
126:30 - Missa Solene
127:00 - Missa Solene
127:30 - Missa Solene
128:00 - Missa Solene
128:30 - Missa Solene
129:00 - Missa Solene
129:30 - Missa Solene
130:00 - Missa Solene
130:30 - Missa Solene
131:00 - Missa Solene
131:30 - Missa Solene
132:00 - Missa Solene
132:30 - Missa Solene
133:00 - Missa Solene
133:30 - Missa Solene
134:00 - Missa Solene
134:30 - Missa Solene
135:00 - Missa Solene
135:30 - Missa Solene
136:00 - Missa Solene
136:30 - Missa Solene
137:00 - Missa Solene
137:30 - Missa Solene
138:00 - Missa Solene
138:30 - Missa Solene
139:00 - Missa Solene
139:30 - Missa Solene
140:00 - Missa Solene
140:30 - Missa Solene
141:00 - Missa Solene
141:30 - Missa Solene
142:00 - Missa Solene
142:30 - Missa Solene
143:00 - Missa Solene
143:30 - Missa Solene
144:00 - Missa Solene
144:30 - Missa Solene
145:00 - Missa Solene
145:30 - Missa Solene
146:00 - Missa Solene
146:30 - Missa Solene
147:00 - Missa Solene
147:30 - Missa Solene
148:00 - Missa Solene
148:30 - Missa Solene
149:00 - Missa Solene
149:30 - Missa Solene
150:00 - Missa Solene
150:30 - Missa Solene
151:00 - Missa Solene
151:30 - Missa Solene
152:00 - Missa Solene
152:30 - Missa Solene
153:00 - Missa Solene
153:30 - Missa Solene
154:00 - Missa Solene
154:30 - Missa Solene
155:00 - Missa Solene
155:30 - Missa Solene
156:00 - Missa Solene
156:30 - Missa Solene
157:00 - Missa Solene
157:30 - Missa Solene
158:00 - Missa Solene
158:30 - Missa Solene
159:00 - Missa Solene
159:30 - Missa Solene
160:00 - Missa Solene
160:30 - Missa Solene
161:00 - Missa Solene
161:30 - Missa Solene
162:00 - Missa Solene
162:30 - Missa Solene
163:00 - Missa Solene
163:30 - Missa Solene
164:00 - Missa Solene
164:30 - Missa Solene
165:00 - Missa Solene
165:30 - Missa Solene
166:00 - Missa Solene
166:30 - Missa Solene
167:00 - Missa Solene
167:30 - Missa Solene
168:00 - Missa Solene
168:30 - Missa Solene
169:00 - Missa Solene
169:30 - Missa Solene
170:00 - Missa Solene
170:30 - Missa Solene
171:00 - Missa Solene
171:30 - Missa Solene
172:00 - Missa Solene
172:30 - Missa Solene
173:00 - Missa Solene
173:30 - Missa Solene
174:00 - Missa Solene
174:30 - Missa Solene
175:00 - Missa Solene
175:30 - Missa Solene
176:00 - Missa Solene
176:30 - Missa Solene
177:00 - Missa Solene
177:30 - Missa Solene
178:00 - Missa Solene
178:30 - Missa Solene
179:00 - Missa Solene
179:30 - Missa Solene
180:00 - Missa Solene
180:30 - Missa Solene
181:00 - Missa Solene
181:30 - Missa Solene
182:00 - Missa Solene
182:30 - Missa Solene
183:00 - Missa Solene
183:30 - Missa Solene
184:00 - Missa Solene
184:30 - Missa Solene
185:00 - Missa Solene
185:30 - Missa Solene
186:00 - Missa Solene
186:30 - Missa Solene
187:00 - Missa Solene
187:30 - Missa Solene
188:00 - Missa Solene
188:30 - Missa Solene
189:00 - Missa Solene
189:30 - Missa Solene
190:00 - Missa Solene
190:30 - Missa Solene
191:00 - Missa Solene
191:30 - Missa Solene
192:00 - Missa Solene
192:30 - Missa Solene
193:00 - Missa Solene
193:30 - Missa Solene
194:00 - Missa Solene
194:30 - Missa Solene
195:00 - Missa Solene
195:30 - Missa Solene
196:00 - Missa Solene
196:30 - Missa Solene
197:00 - Missa Solene
197:30 - Missa Solene
198:00 - Missa Solene
198:30 - Missa Solene
199:00 - Missa Solene
199:30 - Missa Solene
200:00 - Missa Solene
200:30 - Missa Solene
201:00 - Missa Solene
201:30 - Missa Solene
202:00 - Missa Solene
202:30 - Missa Solene
203:00 - Missa Solene
203:30 - Missa Solene
204:00 - Missa Solene
204:30 - Missa Solene
205:00 - Missa Solene
205:30 - Missa Solene
206:00 - Missa Solene
206:30 - Missa Solene
207:00 - Missa Solene
207:30 - Missa Solene
208:00 - Missa Solene
208:30 - Missa Solene
209:00 - Missa Solene
209:30 - Missa Solene
210:00 - Missa Solene
210:30 - Missa Solene
211:00 - Missa Solene
211:30 - Missa Solene
212:00 - Missa Solene
212:30 - Missa Solene
213:00 - Missa Solene
213:30 - Missa Solene
214:00 - Missa Solene
214:30 - Missa Solene
215:00 - Missa Solene
215:30 - Missa Solene
216:00 - Missa Solene
216:30 - Missa Solene
217:00 - Missa Solene
217:30 - Missa Solene
218:00 - Missa Solene
218:30 - Missa Solene
219:00 - Missa Solene
219:30 - Missa Solene
220:00 - Missa Solene
220:30 - Missa Solene
221:00 - Missa Solene
221:30 - Missa Solene
222:00 - Missa Solene
222:30 - Missa Solene
223:00 - Missa Solene
223:30 - Missa Solene
224:00 - Missa Solene
224:30 - Missa Solene
225:00 - Missa Solene
225:30 - Missa Solene
226:00 - Missa Solene
226:30 - Missa Solene
227:00 - Missa Solene
227:30 - Missa Solene
228:00 - Missa Solene
228:30 - Missa Solene
229:00 - Missa Solene
229:30 - Missa Solene
230:00 - Missa Solene
230:30 - Missa Solene
231:00 - Missa Solene
231:30 - Missa Solene
232:00 - Missa Solene
232:30 - Missa Solene
233:00 - Missa Solene
233:30 - Missa Solene
234:00 - Missa Solene
234:30 - Missa Solene
235:00 - Missa Solene
235:30 - Missa Solene
236:00 - Missa Solene
236:30 - Missa Solene
237:00 - Missa Solene
237:30 - Missa Solene
238:00 - Missa Solene
238:30 - Missa Solene
239:00 - Missa Solene
239:30 - Missa Solene
240:00 - Missa Solene
240:30 - Missa Solene
241:00 - Missa Solene
241:30 - Missa Solene
242:00 - Missa Solene
242:30 - Missa Solene
243:00 - Missa Solene
243:30 - Missa Solene
244:00 - Missa Solene
244:30 - Missa Solene
245:00 - Missa Solene
245:30 - Missa Solene
246:00 - Missa Solene
246:30 - Missa Solene
247:00 - Missa Solene
247:30 - Missa Solene
248:00 - Missa Solene
248:30 - Missa Solene
249:00 - Missa Solene
249:30 - Missa Solene
250:00 - Missa Solene
250:30 - Missa Solene
251:00 - Missa Solene
251:30 - Missa Solene
252:00 - Missa Solene
252:30 - Missa Solene
253:00 - Missa Solene
253:30 - Missa Solene
254:00 - Missa Solene
254:30 - Missa Solene
255:00 - Missa Solene
255:30 - Missa Solene
256:00 - Missa Solene
256:30 - Missa Solene
257:00 - Missa Solene
257:30 - Missa Solene
258:00 - Missa Solene
258:30 - Missa Solene
259:00 - Missa Solene
259:30 - Missa Solene
260:00 - Missa Solene
260:30 - Missa Solene
261:00 - Missa Solene
261:30 - Missa Solene
262:00 - Missa Solene
262:30 - Missa Solene
263:00 - Missa Solene
263:30 - Missa Solene
264:00 - Missa Solene
264:30 - Missa Solene
265:00 - Missa Solene
265:30 - Missa Solene
266:00 - Missa Solene
266:30 - Missa Solene
267:00 - Missa Solene
267:30 - Missa Solene
268:00 - Missa Solene
268:30 - Missa Solene
269:00 - Missa Solene
269:30 - Missa Solene
270:00 - Missa Solene
270:30 - Missa Solene
271:00 - Missa Solene
271:30 - Missa Solene
272:00 - Missa Solene
272:30 - Missa Solene
273:00 - Missa Solene
273:30 - Missa Solene
274:00 - Missa Solene
274:30 - Missa Solene
275:00 - Missa Solene
275:30 - Missa Solene
276:00 - Missa Solene
276:30 - Missa Solene
277:00 - Missa Solene
277:30 - Missa Solene
278:00 - Missa Solene
278:30 - Missa Solene
279:00 - Missa Solene
279:30 - Missa Solene
280:00 - Missa Solene
280:30 - Missa Solene
281:00 - Missa Solene
281:30 - Missa Solene
282:00 - Missa Solene
282:30 - Missa Solene
283:00 - Missa Solene
283:30 - Missa Solene
284:00 - Missa Solene
284:30 - Missa Solene
285:00 - Missa Solene
285:30 - Missa Solene
286:00 - Missa Solene
286:30 - Missa Solene
287:00 - Missa Solene
287:30 - Missa Solene
288:00 - Missa Solene
288:30 - Missa Solene
289:00 - Missa Solene
289:30 - Missa Solene
290:00 - Missa Solene
290:30 - Missa Solene
291:00 - Missa Solene
291:30 - Missa Solene
292:00 - Missa Solene
292:30 - Missa Solene
293:00 - Missa Solene
293:30 - Missa Solene
294:00 - Missa Solene
294:30 - Missa Solene
295:00 - Missa Solene
295:30 - Missa Solene
296:00 - Missa Solene
296:30 - Missa Solene
297:00 - Missa Solene
297:30 - Missa Solene
298:00 - Missa Solene
298:30 - Missa Solene
299:00 - Missa Solene
299:30 - Missa Solene
300:00 - Missa Solene
300:30 - Missa Solene
301:00 - Missa Solene
301:30 - Missa Solene
302:00 - Missa Solene
302:30 - Missa Solene
303:00 - Missa Solene
303:30 - Missa Solene
304:00 - Missa Solene
304:30 - Missa Solene
305:00 - Missa Solene
305:30 - Missa Solene
306:00 - Missa Solene
306:30 - Missa Solene
307:00 - Missa Solene
307:30 - Missa Solene
308:00 - Missa Solene
308:30 - Missa Solene
309:00 - Missa Solene
309:30 - Missa Solene
310:00 - Missa Solene
310:30 - Missa Solene
311:00 - Missa Solene
311:30 - Missa Solene
312:00 - Missa Solene
312:30 - Missa Solene
313:00 - Missa Solene
313:30 - Missa Solene
314:00 - Missa Solene
3

10 DE JANEIRO DE 2018

SIGNAL-FUNDAO
AS CARTAS ENVIADAS A ESTA SECÇÃO, INCLUINDO AS ENVIADAS POR EMAIL, DEVEM INDICAR O NOME, MORADA, CONTACTO E ENDEREÇO DO RECIPIENTE. O JORNAL DO FUNDÃO RESERVA O DIREITO DE SELECIONAR E PUBLICAR AS CARTAS QUE CONTEM O MELHOR TEXTO. NÃO SE RESPONDE A QUALQUER INFORMAÇÃO POSTAL OU ELECTRÓNICA SOBRE OS MEMBROS. NÃO SE PUBLICAM CARTAS COM PREJULGAMENTOS OU INJÚRIAS.

L-FUNDAO
Impressão: Rui Pinheiro
Contacto: 27 3214 41

CARTAS

Carta aberta à Sra. Ministra da Justiça e ao Sr. Juiz Presidente da Comarca de Castelo Branco

EX.MA Senhora Ministra da Justiça,
Ex.mo. Senhor Juiz Presidente da Comarca de Castelo Branco:
Noticiada em 6.12.2018 no Jornal do Fundão como uma "ação cívica de cidadania de grande relevância na salvaguarda e divulgação de um património de maior importância e ao mesmo tempo, numa exemplar e louvável abertura das portas da justiça a todos os cidadãos". V. Exa sr. Juiz Presidente da Comarca, promoveu uma iniciativa na Sala de Audiências do Tribunal da Covilhã pelas 15 horas do dia 23/11/2018 (sexta-feira) que louvei de imediato pelos temas tratados (história não divulgada de património cultural covilhanense e comemoração do 70 anos da Carta dos Direitos Humanos), e pese embora com as minhas reservas, que são públicas, na utilização das Salas de Audiência sem uma regulamentação geral e uniforme, os temas tratados neste particular caso estiveram adequados à dignidade do local. Entendo também, e ainda que secundando as palavras de V. Exa sr. Juiz Presidente (não queremos este edifício tão bonito, só para os belos olhos dos senhores advogados e dos senhores juizes), manifestar preocupação a V. Exas, sr. Ministra e sr. Juiz Presidente, de que estas bem intencionadas iniciativas de "abrir a justiça ao povo", não passem mesmo de boas intenções (e dessas não duvido) atento a forma como a Justiça está ser administrada na Comarca de Castelo Branco em termos de proximidade, porquanto se corre o risco de a Sala de Audiência da Covilhã cujo o concelho e os seus limites (Fundão e Belmonte) que têm quase 50 por cento por cento da população da Comarca, não passe de pouco mais de uma sala de eventos (regulados ou não) uma vez que estes quase 50 por cento de população da Comarca quando têm necessidade de uma Justiça de maior relevância nas suas vidas (ações cíveis superiores a 50 mil euros e processos crimes com moldura penal superior a cinco anos de prisão) têm que se deslocar a Castelo Branco, pagar deslocações aos seus advogados e testemunhas (se quiserem que estas sejam ouvidas pessoalmente pelo Tribunal), despende tempo e recursos para obter a tal Justiça que se pretende de proximidade, quando de facto, essas cerca de 80 mil pessoas, têm no Fundão um Tribunal com duas Salas e na Covilhã um Tribunal não com duas, mas três salas de audiências, que para além de uma delas ser a "tal tão bonita", têm condições para estes milhares de cidadãos terem a Justiça mais próxima de si. E só por isso é que a umas três horas da tarde de uma sexta-feira, em que bem podia estar a ocorrer uma audiência de julgamento daquelas que agora somos obrigados a realizar em Castelo Branco, tive-mos o privilégio de nessa linda sala de audiência assistir a eventos culturais que por mais louváveis que sejam e são, mas neste particular contexto só acontecem, porque a Justiça para os cidadãos da Covilhã/Fundão e Belmonte ficou mais distante e mais dispendiosa. Por isso, e como advogado que nunca aceitará de bom grado a extinção da Comarca da Covilhã, permitam-me senhora Ministra da Justiça e senhor Juiz Presidente da Comarca de Castelo Branco, deixar um apelo neste início de ano, extensivo aos restantes órgãos que integram a administração, e a bem da tal propagada "luta pelo interior do país", para que mobilizem as vossas vontades, articuladas com os mecanismos legislativos actuais (salvo melhor opinião possibilitam fazer mais pela proximidade da Justiça) no sentido de propiciarem aos cerca de 80 mil habitantes aquém Gardunha, para além dos eventos culturais nas Sala de Audiências, também nestas Salas da

Covilhã e Fundão, obtenção de Justiça de grande relevância em maior proximidade e menores custos, que neste momento são obrigados a procurar em Castelo Branco.

Também em homenagem aos advogados que foram e continuam a ser muitos por esse mundo fora a pagar com sua vida e a sua liberdade a defesa dos direitos fundamentais do seu semelhante, não posso deixar de salientar que nunca a Justiça se faz sem advogados, e peço que se faça também em benefício de uma melhor e real imagem da Justiça, que em termos protocolares, nos eventos culturais ou não, relacionados com a Justiça nas Salas de Audiências dos Tribunais, esteja sempre pelo menos a par, e pelo menos com idêntico relevo das entidades político administrativas e policiais, um representante da Ordem dos Advogados, particularmente se o tema for "Os Direitos Humanos" ou equiparado.

À semelhança do estilo do jornalista do JF que cobriu o evento do passado 23/11/2018, também convicto estou que, a quase generalidade dos cerca de 80 mil habitantes de aquém Gardunha agradeceriam se V.Exas no âmbito das vossas competências lhe obtivessem uma Justiça mais próxima e com menos custos neste novo ano de 2019.

Com votos de um Bom Ano de 2019 para V.Exas subscrevo-me e apresento os meus melhores cumprimentos,

ROCHA PEREIRA (ADVOGADO)
COVILHÃ

PS: PARA A REMOTA HIPÓTESE DE V. EXAS NÃO SEREM COMO EU, ASSÍDUOS LEITORES DO JF, ENDEREÇAREI POR CORREIO A PRESENTE MISSIVA

10 DE JANEIRO DE 2018

TELEV

quinta-fei
RTP-1
07:00 - Bom Dia
10:00 - Preço do dia
13:00 - Jornal da 13
14:15 - Motociclismo
15:00 - Agente não
17:30 - Portugal ao
19:00 - O preço do
20:00 - Informação
21:00 - Linha de 1
22:30 - 5 para 1

RTP2
07:00 - Espaço
10:30 - O boom
11:00 - Uma só
12:40 - Bluebird
13:00 - Bóia
14:00 - Sessão
15:00 - A vida
15:30 - Fátima
16:00 - Aquela
17:00 - Dig it
21:00 - O que
21:30 - Jogo
22:10 - 100
23:10 - Oye

SIC
06:00 - E8
09:00 - Ab
10:00 - O
11:00 - H
14:30 - J
15:30 - C
16:00 - J
17:45 - J
18:50 - J
19:00 - J
20:00 - J
21:45 - J
22:10 - J
23:45 - J

TVI
06:30 - 10
10:11 - 13
14:0 - 14
14:3 - 14
16:3 - 19
17:0 - 21
21 - 22
22 - 22

10 DE JANEIRO DE 2018

SIGNAL-FUNDAO
AS CARTAS ENVIADAS A ESTA SECÇÃO, INCLUINDO AS ENVIADAS POR EMAIL, DEVEM INDICAR O NOME, MORADA, CONTACTO E ENDEREÇO DO RECIPIENTE. O JORNAL DO FUNDÃO RESERVA O DIREITO DE SELECIONAR E PUBLICAR AS CARTAS QUE CONTEM O MELHOR TEXTO. NÃO SE RESPONDE A QUALQUER INFORMAÇÃO POSTAL OU ELECTRÓNICA SOBRE OS MEMBROS. NÃO SE PUBLICAM CARTAS COM PREJULGAMENTOS OU INJÚRIAS.

L-FUNDAO
Impressão: Rui Pinheiro
Contacto: 27 3214 41

CARTAS

Cheirinho a Natal

QUEM um dia passou o Natal na aldeia jamais esquecerá os cheiros e sabores ligados à tradição ancestral, transmitidos até aos dias de hoje por gerações sucessivas de gente humilde mas de coração do tamanho do mundo!

O mês de dezembro caminhava a passos largos, com ele a aza-fama da colheita da azeitona ia ganhando força e as histórias contadas por gente boa - vigilantes diários de S. Francisco, que dá o nome ao largo, deixavam a-ltever um bom ano de produção de azeite. Neste, como noutros anos, as opiniões nem sempre são concordantes. Enquanto uns contam das suas magras fundas que o lagareiro lhe disponibilizou outros avançam com tamanha abundância que nem os potes disponíveis foram suficientes!... A rematar esta conversa saltaram as sábias palavras do ancião residente, respeitado por todos, "Pois é, mas a verdade verdadeira é que a azeitona dá-a a oliveira mas o azeite quem o dá é o lagareiro!" Como sempre, um simples aceno de cabeça traduziu a concordância geral.

O Natal na aldeia é acompanhado sempre de múltiplas con-versas e histórias em que as palavras "azeitona", "lagar", "azeite", "madeiro" e "Menino de Jesus" se repetem ao dia, vezes sem conta, no novo café que agora abriu, no Terreiro (Largo de S. Francisco) - local onde tudo se sabe, tudo se ouve e tudo se conta e, claro está, em redor do ma-deiro naquela que é a noite mais apetecida do ano.

Longe vai o tempo, bem presente na memória dos mais velhos, em que várias pessoas se deslocavam aos lagares em laboração no Casteleiro (um do sr. Manuelzinho Fortuna e o outro do sr. Joãozinho Rosa) para aí pe-direm emprestadas uma, duas panelas de azeite para que este não faltasse na noite de nascimento do Menino para regar as covinhas com bacalhau e, claro está, para fritar as tão desejadas filhós. Em troca ficava o compromisso de aí se ser moída a azeitona da safra desse ano.

É também esta Noite Mágica que traz à aldeia muitos amantes da terra que, apesar das distâncias que os separam percorrem quilómetros sem fim para respirarem o ar puro da sua terra, are-jar as suas casas e sentir o chei-ro único do azeite quente emanado da fritura das filhós.

Mas a festa só fica completa com a Missa do dia de Natal e, como manda a tradição, com o beijar do Menino Jesus e o sr. Padre Eduardo a limpar-LHE, cuidadosamente, a perninha cada vez que os paroquianos se aproximam em sinal da sua ternura e veneração. Tudo isto envolvido em tradicionais cânticos a precetto.

É bom sentir o Natal assim!

JOAQUIM LUIS GOUVEIA
CASTELEIRO

10 DE JANEIRO DE 2018

TELEV

quinta-fei
RTP-1
07:00 - Bom Dia
10:00 - Preço do dia
13:00 - Jornal da 13
14:15 - Motociclismo
15:00 - Agente não
17:30 - Portugal ao
19:00 - O preço do
20:00 - Informação
21:00 - Linha de 1
22:30 - 5 para 1

RTP2
07:00 - Espaço
10:30 - O boom
11:00 - Uma só
12:40 - Bluebird
13:00 - Bóia
14:00 - Sessão
15:00 - A vida
15:30 - Fátima
16:00 - Aquela
17:00 - Dig it
21:00 - O que
21:30 - Jogo
22:10 - 100
23:10 - Oye

SIC
06:00 - E8
09:00 - Ab
10:00 - O
11:00 - H
14:30 - J
15:30 - C
16:00 - J
17:45 - J
18:50 - J
19:00 - J
20:00 - J
21:45 - J
22:10 - J
23:45 - J

TVI
06:30 - 10
10:11 - 13
14:0 - 14
14:3 - 14
16:3 - 19
17:0 - 21
21 - 22
22 - 22

CARTAS

74 A)

Lúcia Nova (CP 700 AL, Cella 10) Lisboa (CP 4154 94)

António do Souto, Célula 10, Franchisa de Segurança, José Manuel Ramos, Célula 10

Alves Silva

Barroto

Paulo

Segurança Social confirma irregularidades em Lar da Santa Casa da Misericórdia do Fundão

NA EDIÇÃO de 18 de outubro de 2018 do JF, no artigo intitulado "Irmãos acusam provedor de falta de diálogo e demitem-se" (pág. 7) foram publicadas declarações do senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia do Fundão relativamente a um processo de averiguações instaurado à Santa Casa da Misericórdia do Fundão, na sequência de uma denúncia que formalizou relativamente a irregularidades testemunhadas na Estrutura Residencial de Apoio a Idosos "Lar Nossa Senhora do Amparo", em Aldeia de Joanes.

Nessa ocasião, assegurava o senhor Provedor que, e passo a citar, "o senhor Manuel Ramos apresentou o pedido de demissão quatro meses antes do mandato terminar, alegando razões de ordem pessoal e que tiveram a ver com reclamações apresentadas por familiares à Segurança Social relativamente a uma utente e que deram razão à Misericórdia, o que significa que a reclamante não tinha razão".

Pois bem, concluído que, agora, está o aludido processo e formaliza-

da a notificação dos interessados quanto à matéria apurada, vem a Unidade de Fiscalização do Centro, do Instituto da Segurança Social, informar que, no âmbito da ação inspetiva levada a cabo, "foram adotadas diligências necessárias face ao teor dos factos relatados (...) tendo sido confirmadas irregularidades, designadamente: sobrelotação das instalações, insuficiência e inadequação de pessoal, deficiências no acondicionamento da medicação e, ainda, no que respeita ao modelo de gestão, organização e funcionamento do equipamento." Mais concluiu aquele organismo que, "em matéria de saúde, da avaliação às matérias da competência da segurança social, designadamente cuidados de enfermagem, acesso a cuidados de saúde e administração de fármacos (...) foram detetadas irregularidades que, em face da sua especificidade, motivaram comunicação à Inspeção Geral das Atividades em Saúde."

Perante os factos agora conhecidos, não posso deixar de considerar

abusivas as declarações então proferidas, lamentando que estivessem, uma vez mais, alinhadas com a atitude de reiterada desvalorização dos diversos sinais que foram dados à Instituição para, internamente, corrigir as anomalias sinalizadas.

Embora nessa ocasião, e em sede de direito de resposta, tenha já sido evidenciada a, aparentemente, precipitada conclusão do senhor Provedor, a comunicação agora recebida encarrega-se de desmentir objetiva e categoricamente as suas considerações.

Infelizmente para todos aqueles que dos seus serviços e cuidados dependem, a verdade é que a Santa Casa da Misericórdia do Fundão não tinha razão - e seria demasiado grave que perante os factos relatados, lhe fosse reconhecida - e as irregularidades denunciadas foram confirmadas!

Aguarda-se a evolução do processo de contra-ordenação instaurado por aplicação do regime sancionatório aplicável aos estabelecimentos de apoio social, cuja instrução e decisão

compete ao Centro Distrital de Segurança Social de Castelo Branco, de quem se espera um acompanhamento muito atento das situações detetadas e de medidas de correção que contribuam para elevar os níveis de qualidade dos serviços prestados aos utentes.

Termino, dizendo, a bem do livre exercício dos direitos e deveres que nos assistem enquanto cidadãos e perante as circunstâncias que este processo conheceu, com todo o respeito que me merece a Santa Casa da Misericórdia do Fundão enquanto instituição, os seus utentes e as respetivas famílias, que considero um imperativo cívico tornar público o resultado desta avaliação e apelar aos recém eleitos titulares dos órgãos da instituição para que sejam enviados esforços para que situações desta natureza não tenham lugar, cabendo a todos pugnar, à medida do que estiver ao alcance, para que assim seja!

MARIA CLARA RAMOS
FUNDAÇÃO

JORNAL-FUNDAÇÃO

CARTAS

Um missionário jornalista e professor

A CONVERSA, por motivo de obras no Seminário do Verbo Divino em Fátima, decorreu no Steyer Fátima Hotel, numa relaxação com a cidade holandesa onde foi fundada a Congregação do Verbo Divino.

José de Jesus Amaro nasceu numa anexa de São Vicente da Beira, chamada Violeiro, aldeia pequena e com a particularidade de uma parte pertencer à freguesia de Alameda e a outra à Freguesia de São Vicente da Beira. O nosso missionário, jornalista e professor pertence a Alameda, freguesia do concelho e distrito de Castelo Branco, mesmo no coração da "nossa" Beira Baixa.

A profª familiar é composta de quatro irmãos e uma irmã. O progenitor, Alvaro Amaro, foi um serrador de madeiras, antes da chegada da mecanização, e a mãe, teceadeira, cozinheira, trabalhadora rural e cuidadora do lar. O missionário diz-me: "a minha mãe não sabe ler nem escrever, mas é muito inteligente. Tenho muito orgulho nela."

Mai fez o exame de 4.º ano ingressou no Seminário do Verbo Divino em Fátima, onde além de estudar também trabalhou num secretariado que tinha como objetivo a angariação de fundos para fazer frente aos gastos do seminário. Depois dedicou-se exclusivamente ao estudo fazendo o curso normal dos liceus e prestando provas de exame no Liceu Nacional de Leiria. Concluiu o sétimo ano, fez o noviciado em Fátima juntamente com mais quatro colegas, dos quais um foi ordenado sacerdote.

A etapa a seguir decorreu em Lisboa a estudar teologia. Durante cinco anos estudou na Universidade Católica Portuguesa. Terminada esta etapa fez os votos perpétuos na sua Congregação, seguindo depois a sua caminhada missionária além Oceano Atlântico, no Brasil, no Estado de Minas Gerais, mais concretamente na cidade de Belo Horizonte. A opção pelo Bra-

sil, confessou, deveu-se, em parte, ao filme Pixote, de Hector Babenco. Filme que aborda a problemática das crianças que vivem na rua nas grandes cidades brasileiras e que o impressionou muito.

Não altura, uma das regras da Congregação do Verbo Divino era que só no final de cinco anos os missionários poderiam vir visitar as suas famílias. Depois o estatuto foi alterado para uma maior flexibilidade.

O nosso missionário trabalhou, durante cinco anos, com os meninos de rua numa Instituição - Casa do Homem de Nazaré - fundada pelo padre holandês Cornelio Kila que, na sua opinião, "tinha um coração do tamanho do mundo. Era uma pessoa extremamente bondosa", acentua.

Para evitar o perigo da massificação, a instituição apenas dava apoio a umas dezenas de crianças. Mas, com o passar dos anos, foram já muitas centenas que por ela passaram. Entram ainda pequenas e saem por volta dos dezoito anos, indo à procura do seu futuro com a base escolar e humana que foi possível adquirir.

Hoje, como ontem, sobretudo nas grandes cidades brasileiras, continuam a viver muitas crianças na rua. Ainda há uma grande obra para realizar.

Os superiores da Congregação perguntam-lhe se não quer estudar

mais. Diz que sim e vem para Portugal estudar Jornalismo, frequentando para tal a Escola Superior de Jornalismo do Porto, onde obteve a licenciatura ao fim de quatro anos. Trabalhou depois no Jornal de Notícias do Porto, durante alguns anos, na delegação de Guimarães.

De seguida, fez na Universidade do Minho uma pós-graduação em Ciências da Comunicação. Foi uma "uma experiência fascinante", diz, que lhe abriu outros caminhos para estar no meio das pessoas.

Em 2001 regressa às origens conventuais, em Fátima, e aí, durante dezasseis anos, exerce a missão/profissão de professor no Centro de Estudos de Fátima na área de Educação Moral e Religiosa Católica.

Fala-me da experiência docente e esclarece que hoje o ensino é muito complicado devido às perspectivas abertas pelas novas tecnologias e aos novos valores destes tempos - rapidez, experimentação, desinteresse pelo aprofundamento de questões mais desafiantes e outros.

O exercício do ensino e do jornalismo foi muito gratificante e enriquecedor em termos humanos e de conhecimento. "Com os alunos aprendi que a paciência é a primeira, a segunda e terceira das grandes virtudes. Paciência para ouvir,

relativizar o que se vai ouvindo, abstrair dos ruídos, desatender os zê-los nas circunstâncias, desatender com os alunos. Um jovem pouco educado tem de ser amado e não se volta a dar. E quem a bem da vida só precisamos de Deus. Não, certamente neste trio, tem mais probabilidades de vir a ser uma vida feliz."

Além do mais, foi também colaborador do Jornal do Fundão, perante a direcção de Fernando Louro, com a rubrica quinzenal nome Interiores. Colaborou no jornal Contacto SVD, desde a sua fundação, com diversos artigos, entrevistas e actualizações na coluna Mãos Férteis nome "Nada do" a um verso de Eugénio de Andrade.

José Amaro tem a LUZ de Beira Baixa no coração. "Na nossa Beira subimos a uma pedreira e a claridade, ánicas, porém, tem-nos descorrimos um horizonte que caminha para o infinito. E, longe... muito longe. Infelizmente, essa luz está a apagar-se e a deixar uma escuridão que se acentua pela falta de pessoas e em consequência de uma coisa a que chamam desertificação. As razões são muitas e já não adiana lamentar o facto de termos a sobrevida da nossa Beira Baixa a pensar. As vilas e as cidades ainda podem ter algum futuro, agora as anexas e freguesias estão com a morte decretada", diz. Reconhece que há um trabalho sério das autarquias para valorizar os diversos espaços geográficos, mas que isso não vai impedir, infelizmente, o despovoamento e a desertificação.

Assim e no Ano Missionário de 2018-2019, José de Jesus Amaro um beirão da charneca de Castelo Branco que a Gardunha acolheu, celebra mais de meio século dedicado à Missão.

ANTÓNIO ALVES FERREIROS
ALDEIA DE JOANES

TELEVIS

Programa Beira

18.00 - O dia de hoje

18.30 - O dia de amanhã

19.00 - O dia de depois

19.30 - O dia de depois

20.00 - O dia de depois

20.30 - O dia de depois

21.00 - O dia de depois

21.30 - O dia de depois

22.00 - O dia de depois

22.30 - O dia de depois

23.00 - O dia de depois

23.30 - O dia de depois

24.00 - O dia de depois

24.30 - O dia de depois

25.00 - O dia de depois

25.30 - O dia de depois

26.00 - O dia de depois

26.30 - O dia de depois

27.00 - O dia de depois

27.30 - O dia de depois

28.00 - O dia de depois

28.30 - O dia de depois

29.00 - O dia de depois

29.30 - O dia de depois

30.00 - O dia de depois

30.30 - O dia de depois

31.00 - O dia de depois

31.30 - O dia de depois

32.00 - O dia de depois

32.30 - O dia de depois

33.00 - O dia de depois

33.30 - O dia de depois

34.00 - O dia de depois

34.30 - O dia de depois

35.00 - O dia de depois

35.30 - O dia de depois

36.00 - O dia de depois

36.30 - O dia de depois

37.00 - O dia de depois

37.30 - O dia de depois

38.00 - O dia de depois

38.30 - O dia de depois

39.00 - O dia de depois

39.30 - O dia de depois

40.00 - O dia de depois

40.30 - O dia de depois

41.00 - O dia de depois

41.30 - O dia de depois

42.00 - O dia de depois

42.30 - O dia de depois

43.00 - O dia de depois

43.30 - O dia de depois

44.00 - O dia de depois

44.30 - O dia de depois

45.00 - O dia de depois

45.30 - O dia de depois

46.00 - O dia de depois

46.30 - O dia de depois

47.00 - O dia de depois

47.30 - O dia de depois

48.00 - O dia de depois

48.30 - O dia de depois

49.00 - O dia de depois

49.30 - O dia de depois

50.00 - O dia de depois

50.30 - O dia de depois

51.00 - O dia de depois

51.30 - O dia de depois

52.00 - O dia de depois

52.30 - O dia de depois

53.00 - O dia de depois

53.30 - O dia de depois

54.00 - O dia de depois

54.30 - O dia de depois

55.00 - O dia de depois

55.30 - O dia de depois

56.00 - O dia de depois

56.30 - O dia de depois

57.00 - O dia de depois

57.30 - O dia de depois

58.00 - O dia de depois

58.30 - O dia de depois

59.00 - O dia de depois

59.30 - O dia de depois

60.00 - O dia de depois

60.30 - O dia de depois

61.00 - O dia de depois

61.30 - O dia de depois

62.00 - O dia de depois

62.30 - O dia de depois

63.00 - O dia de depois

63.30 - O dia de depois

64.00 - O dia de depois

64.30 - O dia de depois

65.00 - O dia de depois

65.30 - O dia de depois

66.00 - O dia de depois

66.30 - O dia de depois

67.00 - O dia de depois

67.30 - O dia de depois

68.00 - O dia de depois

68.30 - O dia de depois

69.00 - O dia de depois

69.30 - O dia de depois

70.00 - O dia de depois

70.30 - O dia de depois

71.00 - O dia de depois

71.30 - O dia de depois

72.00 - O dia de depois

72.30 - O dia de depois

73.00 - O dia de depois

73.30 - O dia de depois

74.00 - O dia de depois

74.30 - O dia de depois

75.00 - O dia de depois

75.30 - O dia de depois

76.00 - O dia de depois

76.30 - O dia de depois

77.00 - O dia de depois

77.30 - O dia de depois

78.00 - O dia de depois

78.30 - O dia de depois

79.00 - O dia de depois

79.30 - O dia de depois

80.00 - O dia de depois

80.30 - O dia de depois

81.00 - O dia de depois

81.30 - O dia de depois

82.00 - O dia de depois

82.30 - O dia de depois

83.00 - O dia de depois

83.30 - O dia de depois

84.00 - O dia de depois

84.30 - O dia de depois

85.00 - O dia de depois

85.30 - O dia de depois

86.00 - O dia de depois

86.30 - O dia de depois

87.00 - O dia de depois

87.30 - O dia de depois

88.00 - O dia de depois

88.30 - O dia de depois

89.00 - O dia de depois

89.30 - O dia de depois

90.00 - O dia de depois

90.30 - O dia de depois

91.00 - O dia de depois

91.30 - O dia de depois

92.00 - O dia de depois

92.30 - O dia de depois

93.00 - O dia de depois

93.30 - O dia de depois

94.00 - O dia de depois

94.30 - O dia de depois

95.00 - O dia de depois

95.30 - O dia de depois

96.00 - O dia de depois

96.30 - O dia de depois

97.00 - O dia de depois

97.30 - O dia de depois

98.00 - O dia de depois

98.30 - O dia de depois

99.00 - O dia de depois

99.30 - O dia de depois

100.00 - O dia de depois

100.30 - O dia de depois

CARTAS

JORNAL-FUNDÃO

Rua Francisco, Rui Palácio
e-mail: fundao@fundao.pt

Redação - Rua Nova (CP 2374 A)
Lisboa (CP 2374 A), Gato
do Bicho (CP 2374 A), João
do Cão (CP 2374 A), João
do Gato (CP 2374 A)

António Garcia, António
Nogueira, Arnaldo Saravia,
Artur de Aguiar, Gilvito
do Gato, Francisco
Miguel, Jorge Segura
e-mail: fundao@fundao.pt
João Freixo, Manuel
Nogueira do Silva, Rui
e-mail: fundao@fundao.pt

João Soares (Paris), A.
Cristina Rodrigues (Lisboa),
J. Eduardo Alves
Lopes do Silva
e-mail: fundao@fundao.pt
João Soares
e-mail: fundao@fundao.pt
João Carlos Pais
e-mail: fundao@fundao.pt
e-mail: fundao@fundao.pt

Coordenadora
e-mail: fundao@fundao.pt
e-mail: fundao@fundao.pt
e-mail: fundao@fundao.pt
e-mail: fundao@fundao.pt

779365
e-mail: fundao@fundao.pt
779369
e-mail: fundao@fundao.pt

16
e-mail: fundao@fundao.pt

Se o que se passou em Mariana e Brumadinho (Brasil) ocorresse em Portugal no Cabeço do Pião

PERANTE a sucessão de relatórios técnicos que têm vindo a público no Brasil, e indisponíveis na internet, não restam dúvidas que ocorreu de forma inaceitável incúria técnica de monta que contribuiu de forma decisiva para o colapso das duas barragens de Lamas das Samarco-Vale (empresa multinacional) no município de Mariana e Brumadinho (M.G.-Minas Gerais), que tragicamente se converteram num dos mais graves desastres ambientais da última década amplificado com este último desastre lamentável devido a incúria e lastimável sede de capital que retira o necessário investimento nas ações de monitorização e prevenção de desastres, para a distribuição de lucros pelos acionistas sedentes de proventos que não conhecem vítimas.



empenhamento da empresa detentora dos direitos de exploração do referido sítio mineiro tivessem contido atenção para este problema, já há muito tempo deveriam ter um plano de emergência que tivesse em conta a desocupação das áreas potencialmente mais vulneráveis em situação de pré ou pós rompimento da barragem de lamas. Essas áreas poderiam ser utilizadas para funções de baixa presença humana, como floresta e parques. É inaceitável que em áreas de risco extremo as nossas autoridades (Câmaras Municipais, Agência Portuguesa do Ambiente, Proteção Civil, e Empresa) não evidenciem a mais pequena preocupação com este tipo de ameaças. Será que a Barragem de Lamas do Cabeço do Pião está assim tão segura?

“As barragens são obras geralmente associadas a um elevado potencial de risco devido à possibilidade de um eventual colapso, com consequências catastróficas para o meio ambiente, com destruição da fauna e flora, e, principalmente, pela perda de vidas humanas” (DPOH, 2002).

Detetou-se que a empresa Samarco e Vale não tinham um Plano Ativo de Gestão de Riscos, algo que tivesse sido acionado em presença de instabilidade dos açudes (barragens).

Na nossa perspetiva uma barragem de lamas por maior e mais confiável que sejam os processos e técnicas utilizadas na sua construção assim como os cuidados com sua estrutura e segurança, terá sempre um potencial poluidor na presença de variáveis que o Homem não controla. Pelo que, a área do vale a jusante dessas barragens que teoricamente possam ser atingidas pelas águas e lamas libertadas por uma eventual rutura devem ser sempre consideradas, como de risco, Muito Alto a Extremo (risco 4, o mais elevado-tabela internacional).

O nível de preocupação que se deve ter com as áreas a jusante de barragens deste tipo aumentou exponencialmente após a catástrofe de Banqiu em agosto de 1975, na província de Henan, na China, ocorreu um dos mais graves e infelizmente catastrófico em termos de acidentes em obras e engenharia da história humana. O rompimento das barragens de regularização de cheias de Banqiu, no rio Ru, e Shimatan, no rio Hong, provocou a morte de mais de 230.000 pessoas, 145.000 diretamente e 85.000 em consequência de uma série de desgraças que se seguiram (fome, falta de atendimentos de emergência, doenças...).

Segundo a Comunicação da Comissão Europeia COM (2000) 664, “O colapso de qualquer barragem de lamas pode ter efeitos a curto e a longo prazo”.

As consequências mais comuns a curto prazo incluem: Perda de vidas humanas; Inundações no vale a jusante da barragem; Soterramento/afixia; Esmagamento e destruição; Envenenamento das espécies animais e vegetais, contribuindo também para a destruição dos solos dos terrenos atingidos pela inundação.

Os potenciais efeitos a longo prazo incluem: Acumulação de metais na flora e na fauna; Contaminação dos solos; Perda de vidas humanas e/ou de animais, com doenças associadas à contaminação por metais pesados entrados na cadeia alimentar.

Posto isto, a tragédia brasileira de Mariana e Brumadinho, traz-nos de repente à memória que nas Minas de Panasqueira no setor da Barragem de Lamas do Cabeço do Pião lado a lado com o Zêzere, “Não temos conhecimento” que exista um Plano de Gestão de Riscos que leve em consideração as atividades da indústria mineira no vale do rio Zêzere, e a qualidade ambiental que é posta em causa nesse espaço, com especial atenção para a ocupação urbana ribeirinha a jusante da barragem de lamas do Cabeço do Pião, freguesia de Silveiras (Barroca do Zêzere), concelho de Pampilhosa da Serra (Dornelas do Zêzere, Porto de Vacas, Esteiro e Janeiro de Baixo), concelho novamente do Fundão (Janeiro de Cima) e por fim já concelho de Oleiros (Cambas).

Se as autoridades do Ambiente e Proteção Civil portuguesas, com o

ANSELMO CASIMIRO RAMOS GONÇALVES. DOUTOR EM GEOGRAFIA, BACHAR DE GEOGRAFIA FÍSICA. MESTRE EM GEOGRAFIA FÍSICA E ESTUDOS AMBIENTAIS PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ALMEIDA, A.B. de. (1996). “Segurança e risco nos vales a jusante de barragens”. In: CONGRESSO DA ÁGUA, 4, 1998, Lisboa, Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos (APRH).

COMISSÃO EUROPEIA (2000). Comunicação da Comissão Europeia - COM (2000) 664 sobre a “Segurança da Criação das Atividades Mineiras”.

COMISSÃO EUROPEIA (2003). “Uma emenda à Diretiva Sveso II (Diretiva 2003/105/EC do Parlamento Europeu e do Conselho de 16 de Dezembro 2003). De modo a incluir no seu âmbito o tratamento de minérios e, em particular, bacias ou barragens de rejeitados utilizadas em conjunto com essas operações de tratamento de minérios.

DPOH - Departamento de Projetos e Obras Hídricas (2002) - Manual de Segurança e Inspeção de Barragens. Ministério da Integração Nacional, Secretaria de Infra-Estrutura Hídrica, Brasília, Brasil, 150 p.

JORNAL-FUNDÃO

CARTAS

JORNAL-FUNDÃO

Rua Francisco, Rui Palácio
e-mail: fundao@fundao.pt

Redação - Rua Nova (CP 2374 A)
Lisboa (CP 2374 A), Gato
do Bicho (CP 2374 A), João
do Cão (CP 2374 A), João
do Gato (CP 2374 A)

António Garcia, António
Nogueira, Arnaldo Saravia,
Artur de Aguiar, Gilvito
do Gato, Francisco
Miguel, Jorge Segura
e-mail: fundao@fundao.pt
João Freixo, Manuel
Nogueira do Silva, Rui
e-mail: fundao@fundao.pt

João Soares (Paris), A.
Cristina Rodrigues (Lisboa),
J. Eduardo Alves
Lopes do Silva
e-mail: fundao@fundao.pt
João Soares
e-mail: fundao@fundao.pt
João Carlos Pais
e-mail: fundao@fundao.pt
e-mail: fundao@fundao.pt

Coordenadora
e-mail: fundao@fundao.pt
e-mail: fundao@fundao.pt
e-mail: fundao@fundao.pt
e-mail: fundao@fundao.pt

779365
e-mail: fundao@fundao.pt
779369
e-mail: fundao@fundao.pt

16
e-mail: fundao@fundao.pt

O campo das lamentações e lesões

EX MO. Sr. Diretor do Jornal do Fundão, é com muita revolta, e muito dor, que venho expor o seguinte: É de lamentar que em pleno século XXI ainda haja tantas mentes, que nada evoluem e que ainda pensam que estão no século XX. Mas casos como este, que aconteceu no dia 16 de Fevereiro do corrente ano, o que me fez escrever para o Jornal do Fundão, e que venho lamentar, eu como Pai de um Atleta dos Juniores da Associação Desportiva da Estação, e que acompanho a nível do Distrito de Castelo Branco, fiquei muito chocado quando nesse dia 16 de Fevereiro a A.D.E. se desloca para um jogo com o Grupo Desportivo de Alcains em juniores. Eu por curiosidade perguntei a um funcionário do Grupo de Alcains, desculpe Senhor sabe dizer-me em que campo é que a A.D.E. vai jogar? É neste campo de terra. Bom eu recordei-me logo dos bons tempos em que praticava futebol, jogava em campos de terra, porque infelizmente não havia dinheiro para que as coletividades mandassem revlar os campos, nem havia ainda a erva plástica ou como agora lhe chamam o sintético. Bom com isto quero manifestar a minha indignação, e a minha revolta para com as entidades, que infelizmente não es-



tão a postar no desporto de formação, e poremos os miúdos a jogar num campo de terra sem as mínimas condições, desde muito saibro, e muito pó, um campo desnivelado e horrível em pleno Século XXI. Agora uma chamada de atenção para os senhores Presidentes, Câmara Municipal de Castelo Branco, para o Senhor Presidente da Federação de Futebol de Castelo Branco, Senhor Manuel Candeias. Aquilo que sei, de informações que nos deram, foi que o Presidente do

Clube Desportivo de Alcains, tudo tem feito para que fosse arranjado alternativa ao dito campo de terra. Ex mo. Senhor Diretor aquilo que me fez escrever para o vosso Jornal foi a revolta e a dor de ver dois jogadores da A.D.E. saírem muito mal tratados, um com uma grande lesão que teve de sair de maça, foi socorrido pelos Bombeiros e levado para o Hospital com uma grande lesão, o outro miúdo não foi tão grave, mas também ficou muito doído, e tudo porque infelizmente o Alcains, apesar de ter outro campo mas que estava a poupar para o jogo de Domingo, com os seniores. Ago-

ra a pergunta que faço ao Senhor Presidente do Clube Desportivo de Alcains: “O que é mais importante, ter 4 a erva ou os miúdos?” Ter os miúdos que ser mais humanos Senhor Presidente”. Agora também quero agradecer ao Senhor Presidente da Associação Desportiva de Castelo Branco, por ter homologado jogos entre juniores, pois que só trazem lesões, e não permitem campos muito preparados para os miúdos. Ex mo. Senhor Presidente, pleno século XXI não passamos sem existir isto, num Distrito que muito ter evoluído está visto, e já agora sejas as melhoras dos dois miúdos da A.D.E.

Senhor Presidente do Clube de Alcains, Senhor Presidente da Câmara de Castelo Branco e Senhor Presidente da Associação de Futebol Sr. Candeias, peço, e peço tudo futuramente pelo Desporto de Formação, porque esse jovem do futuro do amanhã, e proibidos nos campos de terra, porque é uma fonte de lesões e perigos para evitar futuras desgraças nos velhos maiores.

Covilhã, 16 de Fevereiro de 2011
FRANCISCO PRATO CRUZ ALBUQUERQUE

AS CARTAS ENVIADAS A ESTA SEÇÃO... INCLUINDO AS ENVIADAS POR E-MAIL... DEVEM INCLUIR O NOME, MORADA, CONTACTO E NÚMERO DO B.O. DO AUTOR... O JORNAL DO FUNDÃO SE RESERVA O DIREITO DE SELECIONAR E PUBLICAR AS CARTAS... NÃO SE DEVEM ENVIAR CARTAS COM OFENSA ÀS PESSOAS, NEM SE PREZEM A QUALQUER INFORMAÇÃO POSTAL OU TELEFÓNICA SOBRE OS MEMBROS... NÃO SE PUNHA CAM. CARTAS COM PSEUDÓNIMOS OU INICIAIS.

Relembrar Joaquim Garra

TIVE conhecimento tardio da morte do sr. Joaquim Garra, (isto de estar fora das redes sociais também tem o seu preço), mas ao ler na última edição do JF a notícia sobre a homenagem que a Banda da Covilhã lhe iria prestar, senti que afinal sempre o oportuno enaltecimento quem pela sua conduta mereceu o nosso respeito e admiração.

Apesar de conhecer o sr. Garra (era assim que o tratava) desde o princípio dos anos 70, foi em 1989, aquando da criação da Fre-

guesia de Cantar Galo que tive oportunidade de privar mais com ele. Fomos eleitos em listas diferentes, ele membro da Assembleia de Freguesia, pela lista da CDU, eu presidente da Junta pela lista de Independentes, em virtude da vitória obtida, ainda que apenas por cinco votos de diferença entre as duas listas. De todos os eleitos o sr. Garra era o que tinha mais experiência política e autárquica, pois desde o 25 de Abril que habitualmente era eleito na Assembleia de Fregue-

sia da Conceição. É aqui que desce o caráter honesto e bom do sr. Garra, porque usa o seu conhecimento, não para atrapalhar os "novatos inexpertos", mas sim para colaborar e criticar construtivamente. Ao longo dos quatro anos de mandato, pouco conta ao número de vezes que, quer a mim pessoalmente, quer em reuniões de Assembleia, se ofereceu para me ajudar no que fosse preciso.

Nunca abdicou das suas ideias, mas inteligentemente, entendeu

que os dois lados estavam aqui com a mesma finalidade: servir a população, que tão esquecida tinha sido ao longo dos anos.

Ficámos amigos, e falávamos sempre que nos encontrávamos, ambos com a consciência tranquila de quem cumprira com honestidade a sua missão cívica.

Sr. Garra, onde quer que esteja, receba um abraço e até um dia.

FERNANDO PAIVA COVILHÃ

JORNAL-FUNDO 28

CARTAS

O Parque de Campismo do Fundão está bem e recomenda-se

ALÉXIA VAGANINHA

ALÉM DE SER UM PARQUE DE CAMPISMO, O PARQUE DO FUNDÃO É UM PARQUE DE RECREIO, DE CONVÍVIO E DE CONVIVÊNCIA. É UM PARQUE QUE TEM UM PARQUE DE CAMPISMO, UM PARQUE DE RECREIO, UM PARQUE DE CONVÍVIO E UM PARQUE DE CONVIVÊNCIA. É UM PARQUE QUE TEM UM PARQUE DE CAMPISMO, UM PARQUE DE RECREIO, UM PARQUE DE CONVÍVIO E UM PARQUE DE CONVIVÊNCIA.

... (text continues with details about the park's facilities and management) ...

COVILHÃ

Maria Ambrozia Augusta Farias Abrantes
N: 8/03/1926
F: 31/03/2019

Manuel Gonçalves Anastácio
N: 21/12/1923 - F: 31/03/2019

Barroca/Almada

José Martins Gil
N: 20/04/1937 - F: 05/04/2019

Capinhã/Casteleiro

Joaquim Gonçalves Gaspar
N: 08/09/1934 - F: 30/03/2019

NEGROLOQUO

PASSATE

SUDOKU

O JORNAL DO FUNDÃO APRESENTA SENTIDAS CONDOLÊNCIAS ÀS FAMILIAS ENLUTADAS

TELEVISION

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

NEGROLOQUO

PASSATE

SUDOKU

O JORNAL DO FUNDÃO APRESENTA SENTIDAS CONDOLÊNCIAS ÀS FAMILIAS ENLUTADAS

Tributo à revolução dos cravos

PARA quem viveu e conheceu razoavelmente os horrores da violência no Portugal amareladado, imposto pelo sistema político fascista de Salazar, reconhecerá e aceitará com clareza e expressão fiel de imparcialidade o título deste nosso escrito.

Ao completarem-se 45 anos do histórico 25 de Abril, em que nessa madrugada de autenticidade primaveril, o Movimento das Forças Armadas (MFA), de braço dado com o Povo derrubou o despótico regime, libertando Portugal e os portugueses, da opressão do colonialismo, da repressão e do obscurantismo, restituindo-lhes as liberdades fundamentais e os princípios basilares da democracia tendo em vista a instrução de um país assente na sociedade mais justa, mais erna e solidária.

esta simples e modesta composição, dirigimo-nos particularmente aos mais novos por só conhecerem o dia pela narrativa que os licearrem e o que a comunicação tem difundido, ou ainda a idade de alguns mais velhos, nãtarem o feito honroso, exãdo ser vivo, nada existe recordações e muitos hoje nã ignorar o épico acontecimento pela lamentável desdoidade: estão longe de entender as cruéis consequências significativas atroz das masmoras das prisões infligidas ao povo a seu idealismo tido e desprezível. Nessensas má lembrança, miséria e falta em de viva voz disangüinário sistema ente se livrava do fãcia política da fãndos os interrogãencaminhavam



para anos de prisão na cadeia de Caxias, muitos mais, no forte de Peniche e tempos sem fim no feroz cárcere Campo do Tarrfal em Cabo Verde, que viu em morte lenta antifascistas partir sem vida. Os jornais e as rádios só podia dar notícias e apresentar programas que evidenciassem Portugal, um país maravilhoso, aqueles que se atreviam exprimir verdades que não lhes convinha fossem denunciadas, muitas das vezes por entrelinhas ou dissimulados vocábulos, esperavamos pela certeza das ordens dos "senhores" da censura do lápis azul, do grupo inquisitorial, a proibir a saída de jornais, como tantas vezes foi feito ao nosso jornal do Fundão, entre outros, no tempo do seu fundador e diretor, António Paulouro, grande precursor do 25 de Abril de 1974.

Abril venceu! Pese embora vicissitudes de revés, por postura ca-

razão que os "senhores" da EU e do FMI impõem. Atualmente por razão diferente o défice encaminha-se para a sua inexistência, para agrada nos mandões do mundo, contando as nefastas consequências esta à vista:

Faltam milhões de euros nos Ministérios da Saúde, da Educação, Segurança Social e outros. Não deixa também de ser verdade, que os sucessivos parlamentos e exortações têm indesculpavelmente culpam no cartório, das dificuldades que o país tem enfrentado; a falta de ética, de moral e tantas vezes de honorabilidade e sinceridade, arreflexivos excessivos caminhos à vontade política e daí, permitir monstruosas irregularidades, no que toca ao assalto aos Bancos, aos corruptos e corruptores, perfídios empresários e pigmeus patões que lhes seguem as pegadas, finórios larpios engratados e políticos perversos que só o são para se servirem a eles próprios e ainda, aves de rapina que auferem num mês mais de 200 mil euros, que correspondem ao salário mínimo de 40 trabalhadores. Mas distraído dos cidadãos e das cidadãs não tem dúvidas em afirmar, que se existissem leis com uma moldura penal mais pesada e abrangente, o país não falaria do défice e Portugal e os portugueses, viveriam em melhores condições económicas e sociais.

Abril faz lembrar que é ao povo em perfeita consciência moral, que com a sua ação, pode determinar outro curso desta miserável conduta, acabando de vez com estas escandalosas inacreditáveis injustiças.

Abril tem que ser âncora de um país mais justo e mais fraterno!

J. MARTINS DA SILVA
SOAUBIRA

Mário Campos, por trás do jornalista, um avô



OUTRO dia, numa dessas relações casuais, uma pessoa mais antiga disse lembrar-se de ter os artigos do meu avô no Jornal do Fundão. E do outro lado da linha veio a pergunta em jeito de afirmação: "Deve ter muito orgulho no seu avô?". Respondi um automático "claro que sim!".

Naquele momento disparou em mim um género de alerta. O Mário Campos sempre tinha sido para mim o Avô Mário. O orgulho que sinto dele sempre foi algo inato, e misturado com muito carinho. Nunca tinha verbalizado esse orgulho e muito menos o tinha concretizado na minha cabeça, ou sequer dedicado muito tempo a tal pensamento.

O Avô Mário era o homem simples que levava pela mão ao Jardim das Tílias e apontava com vi-

sível orgulho para as belezas da Serra da Gardunha. Mostrava-me o Fundão de uma ponta à outra, terra que adotou quando casou (tinha nascido em Caria no início do século XX). Chegou a levar-me ao escritório da estação de comboios, onde trabalhava, imagine-se, com números. Mas, curiosamente, não tenho memória de ter ido alguma vez com ele ao Jornal do Fundão.

Num canto da sala, num primeiro andar da Avenida da Liberdade, havia uma zona que era sempre alvo da minha imensa e intensa curiosidade, um escritório improvisado. Os livros, as canetas, o papel e a máquina de escrever. Sempre a uma luz de toalha sépia, que entrava pelo pouco espaço dos estores para baixo. Eu adorava uma certa aura de mistério existente naquele canto. Ali, o meu avô, só poderia es-

crever histórias maravilhosas. Achara eu, na altura, que eram histórias.

Só na adolescência percebi que daquelas mãos grandes, para as quais eu me viderava a olhar, saíam notícias, reportagens e textos de opinião contra o Regime de Salazar e tudo o que ele representava.

Todos estes textos que escrevia passaram pelo mais famoso lápis deste país, o Lápis Azul da Censura, mas mesmo assim a corajosa direção do Jornal do Fundão publicava-os. Era preciso coragem para se ser jornalista, ou dono de um jornal, naquela época. Hoje em dia também.

Todos esses textos, e mais uns outros que escreveu para jornais de Lisboa, valeram-lhe uma "estadia" na Fortaleza de S. João Baptista, em Angra do Heroísmo (Ilha Ter-

ceira, Açores), onde chegou a trabalhar preso com João Soares, que Mário Soares), com quem teve algumas complicitades.

Mas, Mário Campos não teve nem de ser vergado. Mereceu o prêmio de regressar ao Continente em liberdade, continuando a escrever. Com a sua caneta desafiadora e o seu sistema totalitário e opressivo.

Acabou exilado em Moçambique, onde trabalhava na Livraria do Zambéze e, além disso, daquela teimosia que faz falta no jornalismo de hoje, escreveu para os jornais da Colômbia. Sempre no mesmo tom, sempre com a mesma insatisfação, sempre numa luta por Democracia. Nunca se vergou, nunca deixou que o vergassem. Um homem com ideais de liberdade e de justiça.

Dele me recordo da figura de um homem de estatura média, magro, seco, já com cabelos brancos, grandes entradas, um sorriso quenino e as tais mãos enfiadas. Dele me recordo de se levantar entre as cinco e as seis da manhã, me dar o pequeno almoço quando eu aparecia na cozinha e me sentava no banco da mesa, atenta para, ainda muito ensonado. Dele me recordo, acima de tudo, da liberdade que manteve até ao fim, da dignidade e da integridade com que viveu. Valores que passaram entre as mãos.

E mesmo nunca me tendo lido ao Jornal do Fundão, que me lembre, deixou-me o bichinho do jornalismo. E ensinou-me, provavelmente nos nossos passeios da da sesta, o valor da liberdade.

TERESA SA



CARTAS

Tom Hamilton



... NÃO é todos os dias que se conversa com dois vilões da cultura portuguesa, principalmente musical. Nama tarde primavera, antes de partir para a "retirada agrícola", foi numa esplanada de uma avenida fundense que o nosso diálogo se deu com naturalidade. Sempre gente de ouvir pessoas e de aprender algo que não conhecia.

De um lado, o Jerónimo Mateus - músico e compositor - com diversas letras e músicas inusitadas: "Tasca da Estação", "Auto-Route de Burgos", "Estrada 24".

Do outro lado, Tom Hamilton, nascido em Inglaterra, filho de uma mãe irlandesa e de um pai escocês. É sobre este professor, músico, compositor e investigador que hoje escrevo.

Os meus anfitriões são duas personagens muito idênticas, direi dois irmãos gémeos, com chapas de abas largas, estilo cowboy, um de origem americana, outro de origem australiana, casacos de cabedal, bolsas de cabedal a tiracolo...

As paixões de Tom Hamilton são a música, a história, a natureza... Gosta de "caçar" pedras e de pescar trutas.

Um dia, há vinte e nove anos, veio para Portugal para fundar uma escola de inglês. Pensou no Porto, mas depois de analisar o mapa de Portugal optou por Belmonte, que lhe oferecia melhores condições para a pesca das trutas.

Graças à simpatia e hospitalidade dos portugueses, depressa se integrou na sociedade e na aprendizagem da língua. No concelho do Fundão vivem, aliás, mais de cem cidadãos ingleses.

Além de professor, começou a cantar a solo e a tocar em muitos recintos e bares no distrito de Castelo Branco, até o nosso Bob Dylan o convidar para integrar o seu conjunto musical. E já lá vão vinte e três anos.

Não frequentou qualquer academia musical, é um autodidata que toca diversos instrumentos, principal-

mente guitarra e piano.

Como compositor, inspirou-se no cancionero musical da Beira Baixa, insuflando a tradição com toques de modernidade à sua maneira. Concretizou também um projeto de recolha dos sons dos sinos de diversas localidades dos concelhos do Fundão, Penamacor e Idanha-a-Nova.

Tem em mãos um projeto sobre a missão do cavalo arábico, com o apoio do Município do Sabugal, e pretende alargar a recolha de sons dos sinos às freguesias deste concelho. Os toques dos sinos determinavam todos os movimentos sociais e religiosos das comunidades, é algo milenar.

Já realizou alguns trabalhos de investigação musical, principalmente sobre os celtas, os cartigueses e os fenícios. Diz-me que "acima do Tejo até à Galiza a musicalidade destas gentes é de origem celta" e que o seu ADN é celta. Defende a tese de que este povo saía da Ibéria e veio para as Ilhas

Britânicas. Defende também a tese de que são os fenícios que trouxeram para Portugal, principalmente para o interior, as minas de cobre e estanho, o olival e a vinha.

Recorda que ninguém fala de um povo, "Os Vetones", que ocupou o actual espaço da Beira Baixa e que se estendeu para a Extremadura Espanhola. Um povo de origem celta e guerreiro. Viriato, que se deslocou do norte da Estrela, para fazer com eles uma aliança contra os Romanos, não o conseguiu.

Com a ocupação romana, na organização do território a que chamaram Lusitânia, deixou de existir o povo dos Vetones. No entanto, a estas gentes deve-se muito da cultura da Beira Baixa.

No campo da natureza, Tom Hamilton é um investigador e defensor da Argemela, montanha que faz a ligação da Gardunha à Serra da Estrela. Ali encontrou pedras raras, a pedra turquesa, muito parecida com uma do Nepal. Esta pedra, diz-me, tem potencialidades fertilizantes para as terras agrícolas submontes. Há uma equipa de investigadores a estudar a origem e as características destas pedras.

Também ali é necessário destacar as colónias de morcegos, cujos habitats são as entranhas das montanhas abandonadas, e que comera os insectos maléficos para a agricultura.

Recentemente o seu documentário televisivo, intitulado "A Montanha Negra", teve eco num programa da SIC e foi exibido na Madrugada do Fundão.

Quanto à pesca das trutas, já não dispõe de tempo e "há para aí umas trutas" que já não caem em anzóis.

Ao som dos adufes e dos sinos, que tanto apaixonam Tom Hamilton, desejo a todos uma Feliz Páscoa com Cristo Ressuscitado.

ANTÓNIO ALVES FERREIRAS
ALDEIA DE JOAZEIRO

CARTAS

Jornal do Fundão faz parte do meu ADN

O JORNAL do Fundão nasceu no ano em que eu vi concretizar o meu grande sonho: ir para a escola, para onde eu fugia e a minha mãe tinha que me ir buscar, "porque ainda não tinha idade!"...

Ainda guardo na retina o filme do primeiro dia e até o percurso feito nas nuvens e a alegria com que percorri os quatro anos seguintes, finais os quais fiquei formado com a 4.ª classe. A partir daí não tinha mais nada, a não ser, como tantos contemporâneos ou com mais maturidade, o duro trabalho familiar da

agricultura de subsistência, porque, tal como no norte de África o grau de riqueza de um homem se media pelo número de palmeiras, por cá força de trabalho, até que mais tarde acabou por fazer o que mais tarde, descendentes dos visigodos a quem o mar barrou o caminho, até que construíram as caravelas, imortalizadas pelo épico... "a necessidade aguçou o engenho!"...

Foi neste cenário que cresci no Maxial da Ladeira (Bogas de Baixo), porque o secundário e o supe-

rior só mais tarde vieram, "a pulso", bem como a função de autarca, durante 20 anos (1.º secretário da Assembleia Municipal de Viseu).

Quando comecei a soletrar, ainda me lembro das grandes causas então abraçadas pelo meu querido e saudoso amigo António Paulouro: os mineiros da Panasqueira, a emigração a salto, as "litas à Censura", o regadio da Cova da Beira, o túnel da Gardunha, entre outras as quais dediquei muita da sua força, humanismo e inteligência.

O Jornal do Fundão que assinai

desde 1962, com um "biato" de permissão, que teve lugar desde algum tempo após a morte de António Paulouro até ao aparecimento da atual direção, acompanhou-me por todo o lado, de tal forma que faz parte do meu ADN!

Apenas um "senão"! Penso que podia olhar mais para as freguesias deprimidas do sudoeste do concelho, para além do "umbigo" da Cova da Beira.

ANTÓNIO ELÍCIO DIAS
VISEU

13 DE JUNHO DE 2020

JORNAL-FUNDÃO

ALGUMA MANEIRA A ESTA SEÇÃO - INCLUINDO AS QUERIDAS POR FAVOR - DEVEM INDICAR O NOME, MORADA, CONTACTO E NÚMERO DO BILHETE ATRIBUÍDO À ESTAÇÃO DE TRABALHO RESERVA-SE O DIREITO DE SUSCITAÇÃO (CONTRIBUINDO PARA O CUSTO DE IMPRESSÃO) SEM O CONSENTIMENTO DO AUTOR. NÃO SE RESPONSABILIZA POR ERRO DE IMPRESSÃO OU TRANSCRIÇÃO. NÃO SE RESPONSABILIZA POR ERRO DE IMPRESSÃO OU TRANSCRIÇÃO. NÃO SE RESPONSABILIZA POR ERRO DE IMPRESSÃO OU TRANSCRIÇÃO.

CARTAS

Encontro de ex-alunos dos seminários da Guarda e Castelo Branco

NO DIA 1 de junho decorreu, no Seminário Menor do Fundão, mais um encontro de antigos seminaristas do Fundão e da Guarda sob o tema do Papa Francisco: "Como é bom ser acolhido com amor, generosidade e alegria".

Atualmente o Seminário do Fundão não tem alunos e parte das suas instalações estão ocupadas com outras atividades e valências.

Jorge Simão, presidente da direção dos Antigos Alunos, e a sua equipa tudo fizeram para que esta ação cívica proporcionasse convívio, amizade, partilha, recordações, momentos de reflexão, culturais e recreativos.

Durante todo o dia, enquanto decorriam as inscrições, estiveram à disposição os espaços de recordações das inúmeras atividades que os alunos dispunham no tempo de ensino.

Na "Sala das Memórias" bem alargada, lá estavam livros científicos, escolares, quadros, material de anatomia, de laboratório, de físico-química, geográfico, musical, religioso, revistas e jornais da instituição, um piano, gravadores, três máquinas de projetar filmes; teve o olhar na mais imponente, a fazer inveja a muitas da época, com inscrição "Cinematografia Mann, S.A. (Barcelona)".

Se o material atrás descrito alimentava o espírito, não faltavam nem os materiais de cozinha, apetrechos que confeccionavam os alimentos, além de uma máquina de costura e uma cadeira de barbearia.

No setor desportivo não faltavam os diversos galhardetes e taças conquistadas em diversas competições, principalmente a nível do atletismo.

No setor agrícola, observamos diverso material com que se tratava a terra que produzia os alimentos para a cozinha do Seminário.

A cereja a encimar a Sala das Memórias é a célebre nota do Padre Nobre, um cidadão do Soito (Sabugal), já falecido, que a doou à Casa onde serviu como Professor de muitos seminaristas.

Na parte final da visita, fixamos na paramentaria litúrgica da época, uma obra-prima.

No corredor que dá acesso à Sala das memórias, encontram-se inúmeras fotografias de alunos e professores que tiveram o privilégio de ali estudar.

Neste trabalho de manter a História e a Memória Viva, este tesouro cada vez mais raro, há que realçar a dedicação, o esforço e o trabalho do Padre Jorge Colaço, atual Pároco do Fundão.

Assim, cerca de duzentos associados com os seus familiares iniciaram um programa cujo ponto alto foi a Assembleia Geral da Associação, onde todos tiveram a oportunidade de expor os seus pontos de vista. Entendeu-se que as futuras convocatórias seriam endereçadas via email, mas vantajoso e prático em termos de acesso e mais económico.

Na eucaristia, presidida pelo Bispo da Diocese, concelebrada pelo Cônego Manuel Alberto Pereira de Matos, pelo Padre Jorge Colaço, pelo Padre José Luzia Gonçalves, aluno do Seminário da Guarda e Missionário na Diocese de Namupa em Moçambique há várias décadas, e pelo Diácono Francisco da Cruz Lambelho, o D. Manuel Felício salientou a alegria destes momentos: a cada um de nós cabe vivê-la com espírito de missão.

A Associação, além ser um espaço para a divulgação cultural dos ex-alunos, quer recriar "As Academias" dedicadas a uma personalidade destas duas instituições ou da região que se tenha destacado no mundo das letras.

Este ano foi escolhido o Cônego Manuel Alberto Pereira de Matos, pelas suas obras já publicadas, numa sessão que preencheu parte da tarde.

Encerrou o encontro o Grupo de Cantares de Alpedrinha com música popular portuguesa.

Dois notas finais: a atribuição de uma caixa de cerejas ao aluno mais velho e ao mais novo presentes na sala, um com 81 e o outro com dezanove anos; e uma frase do Presidente da Direção: "ainda hoje a sociedade tem razões fundadas para esperar o melhor de um antigo aluno dos Seminários do Fundão e da Guarda."

**ANTÓNIO ALVES FERNANDES
ALDEIA DE JOANES**

JORNAL DO DIA

CARTA DA SEMANA



A reportagem da RTP mostrou o abandono das terras, vítimas dos incêndios de 2017. Depois de tanta discussão e tanta lei, ao fim de dois anos pode dizer-se que a "montanha pariu um rato" ou pior ainda, a situação agravou-se: menos investimentos; as madeiras a apodrecer nas terras; os eucaliptos e o mato a multiplicarem-se e os riscos de novos incêndios, mais graves ainda. Depois de tanto debate e tantas medidas, faltou a principal: o pagamento da madeira compensador para os pequenos proprietários florestais. Com base na falta desta premissa o governo culpa os pequenos proprietários pela situação, mas será que o governo acredita que será tomar a terras desses proprietários a melhor solução? Desengane-se o governo, porque no dia em que tomar esta solução saberá o que lhe vai acontecer a seguir. Na verdade o governo não pode entregar ao mercado as madeiras porque o resultado é o abandono do interior, como se está a ver. Houve política de arrancar vinhas, oliveiras, não produzir outros produtos agrícolas. Será que a Política Agrícola Comum não pode dar uma ajuda?

Mário Pires Miguel

Entrevista na íntegra com o presidente da Câmara do Fundão, Paulo Fernandes

P: Costuma discutir as notícias do *Jornal do Fundão* com os seus amigos e familiares? Porquê?

R: Com certeza, há sempre uma questão maravilhosa no *Jornal do Fundão*, todos nós reclamamos que o *Jornal do Fundão* publica poucas notícias sobre o Fundão. Essa é uma questão já antiga, mas essa é uma questão importante do jornal, pois demonstra como não se limita apenas ao espaço onde está sediado. Também é notório como o jornal passou a ser uma voz do povo, pois procura apoiar sempre o povo... é um jornalismo de causas... um jornal improvável que rompeu com todas as probabilidades... mérito ao fundador e a todos que com o passar do tempo têm trabalhado de maneira árdua... como político, é sempre importante discutir sobre assuntos que tocam a política.

P: Qual a importância económica, social e cultural que atribui à existência do *Jornal do Fundão* para a cidade do Fundão?

R: No mundo competitivo e global, termos um jornal há tantas décadas, que nos colocou no mapa nacional e internacional... no que diz respeito à diáspora, o *Jornal do Fundão* foi a relação mais forte que toda essa região teve na altura da emigração, era como o correio permanente, permitindo a relação entre pessoas, ajudando empresários a publicitarem as suas empresas, permite uma promoção e projeção de vários projetos... ajuda na questão de sustentabilidade, realça o valor do trabalho agrícola da região... isso é de uma importância gigante... a principal marca do Fundão é o *Jornal do Fundão*... No que diz respeito à cultura, nós hoje temos uma cultura cívica muito maior graças ao *Jornal do Fundão*, somos mais cosmopolitas graças ao *Jornal do Fundão*, hoje temos várias figuras na região, nas mais diferentes áreas, graças ao *Jornal Do Fundão*... o *Jornal do Fundão* antecipou imenso para uma geração aquilo que é o acesso e a democratização da cultura... o *Jornal do Fundão* tem sido um embaixador da cultura na região.

P. Acha que o *Jornal do Fundão* reforça o sentido de comunidade dos habitantes da cidade do Fundão? Porquê?

R: o *Jornal do Fundão* é uma extensão da comunidade, na sua estrutura de jornal, é um jornal muito complexo, eu não conheço um jornal que tenha, simultaneamente, notícias de âmbito nacional e regional... o jornal tem uma dimensão regional e sem perder a dimensão local... o jornal tem notícias de escala nacional, regional e local.... É um jornal de uma transversalidade enorme... é um jornal da comunidade e para comunidade... o *Jornal do Fundão* e o Fundão são indissociáveis... a credibilidade do povo está no *Jornal do Fundão*, pois os mesmos dizem “é verdade porque saiu no *Jornal do Fundão*”, ou seja, é a certeza da comunidade.

P. Considera que a linha editorial do *Jornal do Fundão* é justa e imparcial ou que, pelo contrário, ela defende os interesses de determinados grupos e pessoas?

R: O *Jornal do Fundão* tem uma característica que eu devo sublinhar, é raríssimo aparecer na capa do jornal a fotografia de alguém, sempre foi um jornal de causas, de princípios e não de personalizações, o jornal sempre esteve ligados com os problemas da população no seu todo... se defende? Sim! Defende o interesse dos que necessitam, dos operários, simples trabalhadores e não de autoridades ou pessoas de destaque. Nos meus 9 anos como presidente de Câmara do Fundão, terei dado uma ou duas entrevistas para o jornal, isso explica o distanciamento salutar e a independência do jornal... diferente de vários jornais que focalizam rostos importantes, principalmente nas capas, o *Jornal do Fundão* tem uma autonomia, e tem defendido as causas da comunidade.

P: Que mudanças proporia para melhorar o *Jornal do Fundão*? Porquê?

R: Obviamente, o jornal vai-se atualizando, hoje, é difícil fugir do digital, o jornal vai avançar para uma componente audiovisual... o jornal é uma marca e, como marca, poderia internacionalizar-se ainda mais, podia ser um jornal que representasse ainda mais a diáspora, as migrações, os portugueses que estão por aí mundo fora e a lusofonia... a causa da lusofonia deveria ser uma das causas que o jornal poderia abraçar e todos os lusófonos que procuram Portugal, acho que deveria ter uma área no jornal que cuidasse exatamente disso... uma melhoria na universalidade, ter uma voz para os povos migrantes.. alguém que dê voz a essa multiculturalidade na região.